



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

MARÍLIA ISRAEL ROCHA

**SUBJETIVIDADE FEMININA NO CIBERESPAÇO:  
A MULHER, O HUMOR E O LEITOR EM “ADORÁVEL  
PSICOSE”**

---

Londrina  
2016

MARÍLIA ISRAEL ROCHA

**SUBJETIVIDADE FEMININA NO CIBERESPAÇO:  
A MULHER, O HUMOR E O LEITOR EM “ADORÁVEL  
PSICOSE”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Alamir Aquino Corrêa

Londrina  
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Rocha, Marília Israel.

Subjetividade feminina no ciberespaço : a mulher, o humor e o leitor em "Adorável psicose" / Marília Israel Rocha. - Londrina, 2016.  
114 f. : il.

Orientador: Alamir Aquino Corrêa.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2016.  
Inclui bibliografia.

1. Subjetividade feminina - Teses. 2. Ciberespaço - Teses. 3. Humor - Teses. 4. Leitor - Teses. I. Corrêa, Alamir Aquino. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

MARÍLIA ISRAEL ROCHA

**SUBJETIVIDADE FEMININA NO CIBERESPAÇO:**  
A MULHER, O HUMOR E O LEITOR EM “ADORÁVEL PSICOSE”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Almir Aquino Corrêa  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof. Dr. Cristiano de Sales  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof. Dr. Maria Carolina de Godoy  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 19 de março de 2016.

A todas as mulheres da minha família,  
em especial a Terezinha Aparecida Oliveira e  
Benedita de Lourdes Nunes. A história de vida e  
a força dessas mulheres me fizeram e  
fazem persistir.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu avô Nelson Israel, um exemplo de vida, superação, respeito, bom humor e fé que sempre acreditou em mim até quando eu mesma me questionava.

A minha mãe que há alguns anos é mãe e pai e teve imensa contribuição na formação do meu caráter, sendo um exemplo de dedicação e perseverança.

Ao meu orientador, que acompanhou meus passos e foi o maior responsável por meu crescimento acadêmico.

Aos amigos que fiz ao longo desse tempo de estudos e certamente farão parte da minha vida e aos amigos de longa data, que compreenderam quando não pude estar presente, em especial Cristiane Freitas, Fernanda Alberici e Aderson Lima Filho por seu apoio em momentos difíceis.

As minhas amigas Mariane, Thallulah, Flora, Fabiana, Melina, Fernanda, Sílvia e Joyce que, mesmo estando longe se fizeram presentes a cada passo ao longo da minha jornada e me mostram o que é sororidade.

A Deus, por conceder a oportunidade de vivenciar todos esses momentos que, sem dúvida, foram de aprendizado, crescimento acadêmico, profissional e pessoal.

ROCHA, Marília Israel. **Subjetividade feminina no ciberespaço: a mulher, o humor e o leitor em Adorável Psicose**. 2016. 114f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

## RESUMO

No conjunto das produções ficcionais brasileiras contemporâneas escritas por mulheres, há razoável singularidade no blog “Adorável Psicose” (<http://www.adoravelpsicose.com.br/>) escrito por Natalia Klein, que deu origem à série homônima exibida pelo canal pago Multishow entre 2011 e 2014. O blog, enquanto processo de produção literária, teve postagens com regularidade entre 2008 e 2013, auxiliada a sua divulgação pelas redes sociais como o twitter e facebook. Observada a condição do seu blog enquanto texto criativo que admite uma interação mais intensa com o leitor, nitidamente interessado no contato não só com a autora, mas também com outros leitores, surge a hipótese de que a utilização do humor para tratar de assuntos inerentes a relacionamentos interpessoais seria o maior responsável pela recepção do público. Ao mesmo tempo, em termos de escrita feminina, a expressão da subjetividade deixa de ser algo íntimo e encontra uma vitrine praticamente ilimitada que, acompanhada do elemento humor, desperta a seguinte pergunta: pode um blog humorístico feito por uma mulher ser entendido como uma prática contestadora, além de uma forma de empoderamento? Posto isso, somam-se outras inquietações que motivaram este trabalho: ao se tratar das produções literárias no ciberespaço, a noção de literariedade atribuída a essa nova modalidade de escrita e, por consequência, de leitura – logo produção, circulação e recepção – cabe perguntar a partir de que critérios um texto deve ser considerado literário? Que instâncias julgadoras determinam o que pode ser vir a ser Literatura? A identificação do público com as postagens, enquanto produção literária, e sua releitura nos episódios televisivos motivaram essa pesquisa no sentido de entender “Adorável Psicose” como manifestação cultural contemporânea, uma tentativa de reflexão sobre as relações interpessoais cotidianas de sujeitos imersos em um contexto fragmentado e movido. Todos esses elementos encontram-se em uma escrita permeada pelo humor e passam pelo crivo pessoal de uma mulher em seu blog.

**Palavras-chave:** Ciberespaço. Contemporaneidade. Escrita feminina. Humor. literariedade.

ROCHA, Marília Israel. **Subjectivity women in cyberspace: the woman, humor and reader** *Lovely Psychosis*. 2016. 114p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

### **ABSTRACT**

Among the contemporary Brazilian works of fictions written by women, the blog so called “Adorável Psicose” (“Lovely Psychosis”, in a literal meaning - <http://www.adoravelpsicose.com.br/>) has reached reasonable notoriety. Written by Natalia Klein, the website spawned a homonym TV show broadcasted by Multishow from 2011 to 2014, having new content regularly posted from 2008 through 2013 and promoted with the help of social networking platforms such as Facebook and Twitter. The blog is characterized by its creative content and a high level of interactivity with an audience who is clearly willing to have contact not only with the author, but also between themselves; such characteristics raised the hypothesis of its humorous language while addressing subjects related to interpersonal relationships as being the major responsible for its good reception by the audience. At the same time, when it comes to women’s writing, expressing subjectivity can cease being an intimate process to become something with a wide variety of spectra that, associated with humour, bring up a question: can a humorous blog written by a woman be seen not only as a questioning practice, but also as an empowering one? With that said, other questions also came as motivators for the making of the following work: when addressing literary work in the cyberspace, the idea of literarity attributed to this new concept of writing and reading brings up a query – which criteria should be adopted to classify a piece of writing as literary? Which parameters can exactly determine what is to be considered Literature? The way the audience could relate with the posts, and their television-adapted episodes guided this work, which also aims at approaching the content of “Adorável Psicose” as a contemporary cultural manifestation and an attempt at meditating over the daily interpersonal relationships of people immersed in a moving, fragmented context. All these elements can be identified through a humorous writing style and the personal filters of a woman in her blog.

**Keywords:** Cyberspace. Contemporaneity. Women’s writing. Humour. Literarity.

ROCHA, Marília Israel. **Las mujeres subjetividad en el ciberespacio: la mujer, humor y el lector precioso** psicosis. 2016. 116f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

## RESUMEN

En el conjunto de producciones ficcionales contemporáneas brasileñas escritas por mujeres, hay razonable singularidad en el blog "Adorável Psicose" (<http://www.adoravelpsicose.com.br/>) de Natalia Klein, que dio lugar a la serie homónima en exhibición el canal pago Multishow entre 2011 y 2014. El blog, en cuanto el proceso de producción literaria, tenía regularmente posts entre 2008 y 2013, asistido por su divulgación por las redes sociales como Twitter y Facebook. Observada la condición de su blog como texto creativo que admite una interacción más intensa con el lector, claramente interesado en el contacto no solo con la autora, sino también con otros lectores, la hipótesis de que el uso del humor para tratar temas inherentes a las relaciones interpersonales sería lo más responsable por la recepción del público. Al mismo tiempo, en términos de escritura femenina, la expresión de la subjetividad deja de ser algo íntimo y encuentra un escaparate prácticamente ilimitado que, acompañado por el elemento humor, despierta la siguiente cuestión: ¿puede un blog humorístico escrito por una mujer ser entendido como una práctica contestadora, además de una forma de empoderamiento? Esto puesto, se suman otras inquietudes que motivaron este estudio: con relación a las producciones literarias en el ciberespacio, la noción de literariedad atribuida a esa nueva modalidad de escrita y, por consiguiente, de lectura – luego producción, circulación y recepción – vale preguntar ¿a partir de qué criterios un texto debe ser considerado literario? ¿Qué instancias juzgadoras determinan lo que puede venir a ser Literatura? La identificación del público con los posts, entendidos como producción literaria, y su versión en los episodios televisivos motivaron esta investigación en el sentido de entender “Adorável Psicose” como manifestación cultural contemporánea, un intento de reflexión sobre las relaciones interpersonales cotidianas de sujetos inmersos en un contexto fragmentado y voluble. Todos esos elementos se encuentran en una escrita permeada por el humor y bajo la mirada personal de una mujer en su blog.

**Palabras-clave:** Ciberespacio. Contemporaneidade. Escrita femenina. Humor. literariedad.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 1</b> .....	82
<b>Imagem 2</b> .....	83
<b>Imagem 3</b> .....	84
<b>Imagem 4</b> .....	84
<b>Imagem 5</b> .....	84
<b>Imagem 6</b> .....	85
<b>Imagem 7</b> .....	85
<b>Imagem 8</b> .....	88

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 CAPÍTULO 1: ESCRITA LITERÁRIA NA ERA DIGITAL: PROBLEMAS E SOLUÇÕES?</b> .....	12
1.1 O LEITOR: O IMPLÍCITO E O EXPLÍCITO.....	12
1.2 A INTERAÇÃO LEITOR-PÚBLICO: O PAPEL DO JORNAL DO SÉCULO XIX .....	16
1.3 A CHEGADA DA ERA DIGITAL E O SURGIMENTO DOS BLOGS .....	19
1.4 A RELAÇÃO ENTRE FICÇÃO E REALIDADE: UM JOGO ENTRE BLOGUEIROS E LEITORES.....	29
1.5 A LITERARIEDADE DO TEXTO DIGITAL .....	34
<b>2 CAPÍTULO 2: SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE FEMININA EM MEIO DIGITAL</b> .....	41
2.1. MULHERES BLOGUEIRAS: AS IDENTIDADES FEMININAS NA INTERNET .....	43
2.2 A IMPORTÂNCIA DO MEIO DIGITAL PARA ESCRITA FEMININA .....	53
2.3 CHICK-LIT: ANTES E DEPOIS DA CHEGADA DA INTERNET .....	59
2.4 MULHERES ESCRITORAS DE ONTEM E HOJE: ELOS COMUNS .....	65
<b>3 CAPÍTULO 3: O CÔMICO DENTRO DE <i>ADORÁVEL PSICOSE</i></b> .....	68
3.1. A MULHER E O RISO: ESTIGMAS DE ONTEM E DE HOJE .....	69
3.2. <i>ADORÁVEL PSICOSE</i> : A TRADIÇÃO DO RISO E DA LOUCURA .....	75
3.3. RECURSOS HUMORÍSTICOS E A ESTILIZAÇÃO DO BLOG <i>ADORÁVEL PSICOSE</i> .....	81
3.4. ANALISANDO A PSICÓTICA: TRAJETÓRIA DOS TEXTOS NO BLOG.....	90
3.5 A DEMANDA PELOS TEXTOS DE NATALIA KLEIN E A CHEGADA À PLATAFORMA TELEVISIVA.....	94
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	103
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	106
<b>APÊNDICES</b> .....	111
APÊNDICE A – Entrevista Natalia Klein .....	112

## INTRODUÇÃO

A contemporaneidade tem sido marcada por reformulações constantes e por informações e tecnologias que se tornam obsoletas rapidamente. Essa realidade, portanto, desestabiliza os sujeitos sociais na zona de conforto estabelecida pelas práticas sociais de longa duração. Como em outras áreas, a literatura também é afetada por esse novo cenário, algo a ser considerado positivo ou negativo a partir do olhar que se lança sobre os elementos aí envolvidos. A questão que se apresenta é como a literatura está em processo de mudança, particularmente se observado aquilo que se percebe como produção, circulação e recepção de bens culturais.

O surgimento de novas tecnologias somou-se a práticas de escrita convencionais que trazem a necessidade de um novo olhar para a escrita subjetiva, especialmente aquela feita por mulheres. Essa circunstância, a exemplo dos diários íntimos, envolve a problematização da cultura do sigilo e da cultura de “publicização” do eu, que pode ser percebida de um modo mais peculiar por meio das narrativas de si encontradas na internet. Na esteira do que se viu no fotolog e no videolog, uma das opções que o ciberespaço oferece nesse sentido é o blog, um repositório virtual no qual textos centrados na voz íntima são publicados e podem ser comentados pelos leitores. Luiz Antônio Marcuschi explica que blogs “são os diários pessoais na rede, uma escrita autobiográfica com observações diárias, ou não, agendas, anotações, em geral muito praticados pelos adolescentes na forma de diários participativos” (MARCUSCHI, 2005, p. 29). Normalmente constituídos por postagens individuais ou coletivas organizadas cronologicamente de maneira reversa, os blogs permitem uma relação interativa com os leitores. O fato que salta aos olhos é a possível dificuldade de distinção entre o que é relato “biográfico” e autoficção.

Isso posto, a noção de literariedade relaciona-se a essa nova modalidade de escrita e, por consequência, de leitura – logo produção, circulação e recepção como se aventou acima. Assim, cabe perguntar se há uma qualidade literária em textos escritos em blogs e se a mesma pode ser testada, aferida, verificada. Quer dizer, a partir de que critérios um texto deve ser considerado literário? Os crivos que determinam obras como “canônicas” são suficientes para esse novo *modus operandi* de escritura-texto-leitura-comentário?

O contexto sociocultural no qual se encontram os sujeitos estão intrinsecamente ligados à construção e expressão da subjetividade. Claro está que a escrita íntima não é uma novidade, mas a exposição exponencial dessa prática, sim, constitui um fenômeno contemporâneo. Em termos de escrita feminina, a expressão da subjetividade encontra uma vitrine nova ou, pelo

menos, uma porta que inexistia nos processos editoriais em papel. Isso pode ser visto como forma de empoderamento? Diante desses questionamentos, os temas abordados na presente dissertação consistem na problematização dessa escrita subjetiva íntima feita por mulheres como forma de singularização e exposição maior de vozes antes talvez silenciadas ou com pequeno espaço de notoriedade.

É interessante pensar, portanto, não apenas a questão do conteúdo dos textos dos blogs escritos por mulheres, pois mais do que analisar “o que” se escreve, igualmente importante é “como” se escreve, “quem” o escreve e “onde” se veicula essa produção, sobretudo partindo do princípio que o meio de produção influencia na relação autor-obra-público. A produção e a fruição de leitura não estão mais limitadas ao material escrito como unidade singular (como era o caso do livro), já que digitalmente os objetos de leitura são constituídos de palavras, sons e imagens. Assim, o meio onde são publicados os textos incidem diretamente no ato da leitura e consequentemente no papel do leitor. As ferramentas disponíveis nos blogs permitem que os leitores se aproximem do autor/blogueiro pela leitura de seus textos, além de poder ter uma atuação sobre o que está escrito colocando sua opinião nos comentários, gerando réplicas e/ou trélicas de outros leitores e pode até mesmo haver a resposta do autor/blogueiro. Percebe-se, então, que essa configuração resulta em uma múltipla vocalidade, na qual o texto construído por um autor pode ser lido e devolvido a outros leitores, incluindo o autor original, e ainda ser objeto de discussão até o esgotamento do assunto (ou não) dada a natureza do blog.

Para buscar dar conta desse processo, interessa discutir inicialmente, dentro da problemática da escrita, em especial aquela da era digital, o papel do leitor e da leitura de grande número. Para tanto, é importante tratar da interação entre quem escreve e quem lê tomando como referência a literatura de folhetim até o surgimento dos blogs. Com o avanço da tecnologia, essa interação pode ser feita de maneira mais dinâmica, caracterizando um “jogo” entre blogueiros e leitores, antes não tão facilmente permitida pelos materiais impressos.

## **1 CAPÍTULO 1: ESCRITA LITERÁRIA NA ERA DIGITAL: PROBLEMAS E SOLUÇÕES?**

O avanço tecnológico permitiu a transposição da literatura para o suporte digital, quando do maior crescimento da internet por vulgarizar e baratear os espaços de produção. Se há uma nova maneira de escrever, o leitor lerá de maneira diferente e, portanto, haverá um novo perfil de público-leitor. A formação de um público leitor então depende do que está disponível (em rede ou impresso) ou daquilo que possui um “atestado” (como ser publicado por uma editora conhecida) que legitime sua literariedade? Quem legitima os textos como literários e até onde é válida essa legitimação considerando a realidade contemporânea, sem dúvida é algo que deve ser repensado ou deve-se perpetuar quesitos que buscam academicamente qualificar a produção literária em qualquer tempo e lugar? Quando se trata de hipertexto, há ainda mais perguntas do que respostas quanto à ideia de “fazer artístico”. A textualidade literária em hipertexto, embora não seja recente, traz para discussão outros elementos “pois trouxe consigo uma série de outras dúvidas que põem em xeque a própria sobrevivência do livro e da literatura” (CORRÊA, 2006, p.33).

### **1.1 O LEITOR: IMPLÍCITO E EXPLÍCITO**

A história da escrita inclui obviamente a evolução dos suportes textuais e, conseqüentemente, afeta muito das práticas literárias não só em termos de escrita, mas também de leitura. Em outros termos, tais suportes afetam a relação entre leitores e escritores. Se o ato da leitura se concretiza na linha existente entre emissor (autor) e receptor (leitor), há um processo interacional a caracterizar esse processo, vez que o leitor carrega para a leitura do texto um conjunto de informações, suposições e horizontes de expectativa a modificar o texto escrito, naquilo que Philippe Bootz (2005) organizou como “texte-écrit” e “texte-lu” – texto escrito e texto lido. Isso é particularmente importante quando se observa a obra literária e conseqüentemente como se forma o sentido ou a significação de determinada obra, vez que a subjetividade presente no texto literário permite que sejam feitas por parte do leitor inserções mais complexas que aquelas diante do texto não-literário (seja lá de que forma essa distinção seja possível). Nesse sentido, a natureza de um texto literário pressupõe uma estrutura particular, que no momento em que é realizada a leitura se revelará com propositora de signo estético.

Nos estudos de Hans Robert Jauss, o leitor, antes visto com menos importância por outras vertentes da Teoria Literária, ganha papel de relevância no sentido de uma mudança de foco pelo qual deve ser examinada a obra literária, ou seja, em relação a como se dá a recepção de determinada obra pelo leitor. Esse dialogismo que permeia a produção literária não pode ser desprezado, pois, como afirma Hannelore Link, constitui "um caso especial de comunicação" (*apud* ZILBERMAN, 1989, p.14). A noção do "texte-écrit", enquanto resultante do conjunto organizado pelo autor, se torna especialmente interessante para se compreender esse processo comunicativo.

Iser considera o leitor como essencial na engrenagem a envolver o texto literário, ao observar que há dois tipos de leitor: o implícito e o explícito. Para explicar a diferença entre ambos, há de se ter em conta que a concretização da leitura consiste basicamente na "atividade desempenhada pelo(a) leitor(a), ao entrar em contato com o texto, isto é, preencher os vazios presentes na obra por meio da ativação de sua experiência estética, fruto de seu diálogo com textos anteriormente lidos e concretizados" (SEGUNDO et al., 2003, p. 29). Há dois tipos de concretização: uma de cunho intraliterário, relativa ao horizonte implícito de expectativas e à formação de sentido da obra, e outra baseada experiência existencial dos leitores e, portanto, extraliterária.

A concretização intraliterária caracteriza o leitor implícito: aquele a quem o texto se dirige diretamente, capaz de perceber as estruturas subjetivas e objetivas da obra. Já o explícito está relacionado à concretização extraliterária, pois o indivíduo, principal responsável pela *recepção* de um determinado texto literário, está inserido em um contexto histórico-social. Essa recepção vai resultar em uma ideia negativa ou positiva do texto, de acordo com um critério de valor e da experiência estética desse leitor explícito.

Jauss privilegia, *a priori*, a concretização do leitor implícito para formar o conceito da recepção e efeito de uma obra literária independentemente da época ou espaço em que se encontre o leitor.

Desse modo, a *recepção* constitui o fenômeno que ocorre quando uma obra literária é lançada e que se repete, posteriormente, ao longo da história de sua existência, ou seja, este termo designa a acolhida que o público leitor de um determinado contexto histórico e estético dispensa a uma determinada obra, marcando, assim, a própria vitalidade do objeto literário, que se verifica por sua capacidade de se manter em constante diálogo com o público (SEGUNDO et al., 2003, p. 28, grifo do autor).

A Teoria da Recepção possui caráter definidor dos fenômenos que configuram elementos inter e extratextuais. Pode ser vista como um modelo para análise de produções literárias e sua obediência ou seu distanciamento de um código estético, inerente à obra, e ao mesmo tempo, considerando aspectos extratextuais como a atmosfera social em que há a fruição (ou não) de determinada obra literária.

O estudo do fenômeno literário foi questionado por Jauss quando analisado pela ótica da História da Literatura em seus moldes tradicionais. De acordo com o autor, os critérios para a análise de obras que são pautados em textos considerados canônicos são insuficientes, já que a descrição do fenômeno literário deve ser analisada dentro de uma escala temporal, em um determinado espaço sem que haja julgamentos de caráter qualitativo relacionado a obras literárias de outras épocas. Nesse sentido, o efeito sobre o leitor deve ser levado em consideração, acompanhando o tempo e espaço em que ele se encontra. Essas circunstâncias relativas ao leitor indicam que “[p]or um lado, a leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou fazedores de livros: ela é uma ‘caça furtiva’” (CHARTIER, 1990, p. 123).

Esta posição pode ser aplicada às novas práticas textuais no que diz respeito à leitura. Em *Navegar o ciberespaço. O perfil cognitivo do leitor imersivo* (2004), Santaella tenta instituir tipologias a essas novas práticas textuais classificando os leitores em três tipos: o contemplativo, o movente e o imersivo (este último, seria o tipo de leitor mais recente). O contemplativo é o leitor dos objetos concretos, reais, “é aquele que tem diante de si objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis: livros, pinturas, gravuras, mapas, partituras” (SANTAELLA, 2004, p. 24). O movente, segundo tipo apontado por Santaella, surge a partir do surgimento do jornal, está relacionado aos centros urbanos, rodeado por signos de todos os lados, um leitor de fragmentos: “É o leitor treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidades desiguais. É, enfim, o leitor apressado de linguagens efêmeras, híbridas e misturadas” (SANTAELLA, 2004, p. 29).

As características do leitor movente dão pistas sobre o terceiro tipo, chamado de imersivo. A internet acabou por promover o nascimento desse novo perfil, pois ele goza de uma liberdade de escolha e tem iniciativa para buscar o material a ser lido: “Trata-se, na verdade, de um leitor implodido cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópio tridimensional onde cada nó e nexos pode conter outra grande rede numa outra dimensão” (SANTAELLA, 2004, p. 33). O imersivo

participa de uma nova relação autor-obra-público na qual os lugares de “autor”, “obra” e “público” não são fixos: o público comenta a obra e o autor pode se valer das impressões ali expostas pelo(s) leitor(es) para “retroalimentar” seu textos.

O leitor contemporâneo parece ter se adaptado relativamente bem à passagem do suporte impresso para o suporte virtual; mais que isso: parece que o suporte virtual, por trazer objetos constituídos de palavras sons e imagens, atrai cada vez mais leitores para si. Um exemplo dessa “sedução” do leitor é o objeto de estudo deste trabalho, o blog *Adorável Psicose* escrito por Natalia Klein: o sucesso do blog resultou em um convite à autora para escrever uma adaptação em forma de seriado para a TV. Se a internet permite ao leitor liberdade para escolher aquilo que se lê, o que levou tantos leitores a participarem do blog *Adorável Psicose*? É interessante pensar que leitores imersivos, leia-se “livres para escolher seu material de leitura”, escolhem um blog de humor escrito por uma mulher e que trata basicamente de assuntos pessoais, focados no “eu” da autora.

A classificação proposta por Santaella se dá a partir da relação dos leitores com o texto – desde questões verbais até imagéticas – no ciberespaço, já que neste contexto há sempre a maior possibilidade de textos acompanhados de imagens, sons, movimento. Na verdade, uma visão não purista admite que a leitura está restrita a decifrar letras e formar palavras; conclui-se, então, que antes mesmo do advento do ciberespaço já existia uma multiplicidade de leitores se consideramos mapas, obras de arte etc. De acordo com a autora:

A essa multiplicidade, mais recentemente veio se somar o leitor das imagens evanescentes da computação gráfica e o leitor do texto escrito que, do papel, saltou para a superfície das telas eletrônicas. Na mesma linha da continuidade, mas em nível de complexidade ainda maior, hoje, esse leitor das telas eletrônicas está transitando pelas infovias das redes, constituindo-se em um novo tipo de leitor que navega nas arquiteturas líquidas e alineares da hipermídia no ciberespaço (SANTAELLA, 2004, p. 18).

O surgimento de mais tipos de leitores que se somam aos já existentes continua a gerar essa “multiplicidade” apontada por Santaella. A relação entre texto e leitor se atualiza por meio dos significados que o próprio leitor atribui a determinado texto no ato da leitura (ISER, 1996, vol. 1. p. 127). Pensar essas circunstâncias é entender as práticas textuais em seu consumo e, obviamente, produção: “Abordar a leitura é, portanto, considerar, conjuntamente, a irreduzível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la” (CHARTIER, 1990, p. 123).

## 1.2 A INTERAÇÃO LEITOR-PÚBLICO: O PAPEL DO JORNAL NO SÉCULO XIX

Na tentativa de buscar as raízes da interação entre autores e público leitor em ambiente de interação como as publicações na internet (blogs, redes sociais e sítios jornalísticos, por exemplo) onde o comentário é ferramenta disponível, parece válido tratar das práticas de consumo da literatura de folhetim, bastante presente no Brasil durante o século XIX. De acordo com Santaella (2004, p. 29) o leitor movente, fragmentado “nasce com o surgimento do jornal e das multidões nos centros urbanos habitados por signos”. A imprensa brasileira teve um nascimento tardio em relação aos outros países da América do Sul. As dificuldades para publicar obras no país tornavam difícil o trabalho de escritores que, normalmente, realizavam a publicação na Europa. Em decorrência disso, o acesso aos livros era para poucos devido aos altos preços. O surgimento do folhetim, além de favorecer a publicação de obras, democratizou o acesso à literatura:

O folhetim torna-se progressivamente um grande fenômeno de aprovação popular, contando com a participação do leitor que define a linha da trama, censura o comportamento dos personagens e decide pela supressão ou ressurreição destes. Ele também apresenta notáveis caminhos de compreensão de uma época, do seu público-leitor, essencialmente feminino. Isso só se tornou possível depois que foi concedido às mulheres o direito ao livre exercício da leitura, antes feito às escondidas (SEGUNDO et al., 2003, p. 31).

Como parte do cotidiano e recebendo acolhida por ter caído no gosto da população (em especial do público feminino), o folhetim fornece elementos para que possamos entender as relações humanas no século XIX em relação à interação autor-obra-público e até mesmo entre os vários participantes do público-leitor. Os romances de folhetim eram dirigidos, normalmente, ao público feminino. Frequentemente são encontrados enredos que alimentavam ilusões (quase uma extensão do “príncipe encantado” dos contos de fada) e que produziam uma fuga (ainda que efêmera) da realidade.

Com a chegada do movimento feminista no Brasil durante momentos do século XIX, houve avanços dos direitos das mulheres. Segundo Duarte (2003, p. 152), tais instantes podem ser considerados como “ondas do feminismo” e estão datados em 1830, 1870, 1920 e 1970. A segunda onda feminista, considerada muito mais jornalística que literária, se caracteriza, principalmente, pelo alto número de jornais e revistas nitidamente

feministas, editados em diversos pontos do país. A cidade do Rio de Janeiro, como capital do Império e centro intelectual do país, concentrou o maior número de periódicos feministas. Jornais dirigidos por mulheres promoviam a militância feminista denunciando a opressão e organizando protestos a fim de afetar a insensibilidade masculina em não reconhecer o direito da mulher ao ensino superior, ao divórcio, ao trabalho remunerado e ao voto, e em incentivar as compatriotas a formarem associações de mulheres com o intuito de divulgar e multiplicar os ideais pelos quais lutavam.

Tem-se, então, dois cenários em termos de imprensa no Brasil: se alguns jornais serviam como porta-vozes para algumas mulheres, sobretudo na segunda onda feminista, os folhetins obedeciam à lógica do mercado e aos padrões estabelecidos, condição que forçou a entrada de vários escritores no mundo jornalístico, pois o sucesso dos textos ficcionais publicados nos rodapés dos jornais tornou quase que obrigatória a sua presença por proporcionar um aumento nas vendas. O êxito comercial do folhetim tem seu início ao mesmo tempo em que surgem os primeiros romances brasileiros; talvez por isso seja possível encontrar características do gênero em obras de José de Alencar e Machado de Assis; algumas delas, de acordo com Marlene Meyer, são “novas condições de corte, suspense, com as necessárias redundâncias para reativar memórias ou esclarecer o leitor que pegou o bonde andando” (MEYER, 1996, p.59).

A obra *O Guarani*, publicada no *Diário do Rio de Janeiro* em 1857, pode ser considerada o maior folhetim brasileiro. José de Alencar em sua autobiografia, *Como e porque sou romancista*, admite que o romance de folhetim teve influência sobre sua escrita:

Foi essa leitura contínua e repetida de novelas e romances que primeiro imprimiu em meu espírito a tendência para essa forma literária que entre todas é a de minha predileção? Não me animo a resolver essa questão psicológica, mas creio que ninguém contestará a influência das primeiras impressões (ALENCAR, 1998, p. 31).

Há, na verdade, um cenário que favorece a escrita e o consumo do folhetim no Brasil no século XIX, fazendo existir uma relação causa e consequência entre “leitor principiante, narrador permissivo e tolerante” (LAJOLO E ZILBERMAN, 1996, p. 19). O folhetim era algo novo, destinado a um público (principalmente feminino) que há pouco tempo desconhecia as letras. Nesse sentido, vale dizer que o público leitor dos romances de folhetim no Brasil fazia sua “estreia” como consumidor de literatura e, como consumidor, tinha suas preferências. Na verdade, a relação entre público leitor e os

escritores de folhetim pode ser vista como bastante estreita: “No que se refere ao folhetim, o espaço concedido ao leitor constitui fator determinante para a conjunção de possibilidades que se consideram fundamentais no processo de leitura” (SEGUNDO et al., 2003, p. 28). Os textos folhetinescos contavam com recursos como simulações de reação dos leitores e a legitimação das mesmas, explicações para o surgimento de personagens, retomada de acontecimentos de outros capítulos entre outros. Lajolo e Zilberman (1996, p. 20) chamam tais recursos de “procedimentos de sedução”, utilizados pelos autores a fim de manterem a assiduidade de seus leitores.

As mídias trazem consigo, além de informações, tendências de comportamento e atualização (ou manutenção) de conceitos. A evolução do jornal não pode ser observada independentemente das contingências sociais e econômicas em que se encontram. Além disso, pode ser considerado instrumento cultural dependendo do momento e do espaço em que se encontram. A demanda para determinada produção literária pode revelar aspectos do público consumidor dessa literatura e do contexto em que se encontram público leitor e escritores. Sobre esse tema, Chartier propõe uma reflexão sobre a maneira de se olhar o objeto, pensando que os materiais literários são representações da realidade. De acordo com o autor:

O texto, literário ou documental, não pode nunca anular-se como texto, ou seja, como um sistema construído consoante categorias, esquemas de percepção e de apreciação, regras de funcionamento, que remetem para as suas próprias condições de produção. A relação do texto com o real (que pode talvez definir-se como aquilo que o próprio texto apresenta como real, construindo-o como um referente situado no seu exterior) constrói-se segundo modelos discursivos e delimitações intelectuais próprios de cada situação de escrita (CHARTIER, 1990, p. 63).

Um sinal de que a acolhida do folhetim foi bastante positiva é a herança perpetuada em revistas (principalmente na década de 1960) e nas telenovelas. Para tratar ainda do meio escrito, a revista *Capricho*, voltada para o público feminino durante os anos sessenta, tenta representar a mentalidade da época, porém tratando dos mesmos temas que ocupavam os romances nos rodapés dos jornais no século XIX. Marlyse Meyer defende a ideia de que a telenovela é uma versão atualizada do romance de folhetim em vários sentidos: desde a questão de uma trama que prende o leitor (agora telespectador) e tomar os rumos e o desfecho que o público quer, retomando a ideia de “estratégias de sedução” contida nos romances de folhetim:

Um produto novo, de refinada tecnologia, nem mais teatro, nem mais romance, nem mais cinema, ao qual reencontramos o de sempre: a série, o fragmento, o tempo suspenso que reengata o tempo linear de uma narrativa estilizada em tramas múltiplas, enganchadas no tronco principal, compondo uma “urdidura aliciante”, aberta às mudanças segundo o gosto do “freguês”, tão aberta que o próprio intérprete, tal como na vida, nada sabe do destino de seu personagem. [...] E sempre, no produto novo, os antigos temas: gêmeos, trocas, usurpações de fortuna ou identidade, enfim, tudo que fomos encontrando nesta longa trajetória se haverá de reencontrar nas mais atuais, modernas e nacionalizadas telenovelas. Até sua distribuição em horários diversos, correspondendo a modalidades folhetinescas diferentes: aventura, comicidade, seriedade, realismo. Sempre de modo a satisfazer o patrocinador (MEYER, 1996, p.387).

O aspecto apontado por Meyer, sobre o romance folhetinesco e sobre as telenovelas no quesito “texto adaptável ao gosto do freguês”, pode remeter a uma ideia de participação do público na escrita dos romances de folhetim e também nas novelas ainda que indiretamente. É claro que não apenas esse fator colabora para o acolhimento e êxito desses gêneros entre grande parte da população, mas é um dado a ser levado em consideração quando se trata desse assunto.

É possível observar no século XIX, ainda que indiretamente, a participação do público-leitor com os textos veiculados nos folhetins. Desse momento histórico, dando um salto para o fim do século XX e início do século XXI e, relacionando o jornal com o ciberespaço como meio de informação e entretenimento, vemos a participação do público leitor em maior escala em termos quantitativos (ao se tratar do número de pessoas que tem acesso à internet) e qualitativos (ao se pensar no acesso que os leitores têm ao autor de um blog, por exemplo). Como nova mídia e, portanto, novo meio para informação e entretenimento, tem-se a formação de um novo público-leitor (ou consumidor?) que irá não apenas receber de maneira passiva esse novo material em rede, mas terá a oportunidade de participar mais ativamente da escritura daquilo que consome; ou seja, não apenas se deixa levar pelos mecanismos de sedução e/ou tem uma participação indireta como público, mas agora pode também assumir o papel de coautoria dos textos que chegam até ele.

### **1.3 A CHEGADA DA ERA DIGITAL E O SURGIMENTO DOS BLOGS**

A era digital modificou as relações humanas e de trabalho em várias áreas do conhecimento, além da cultura e entretenimento. A internet possibilita a interação entre pessoas, empresas e instituições de diversas partes do planeta. A sociedade passou a estabelecer relações via internet criando um mundo com um menor número de limitações geográficas, marcado pela telepresença. Uma sociedade baseada em relações virtuais cresce a cada dia tornando-se automaticamente excludente daqueles que não acompanham seu desenvolvimento ou não se integram a essa nova maneira de comunicação.

Assim, obviamente, é preciso entender que as tecnologias contemporâneas não contribuem direta e/ou exclusivamente para a escrita feminina e sim para sua divulgação: os discursos e as vozes já existiam, porém nem sempre (ou melhor, quase nunca) tiveram o alcance necessário para que se fizesse cumprir seu objetivo, fosse ele de revolucionar ou meramente informar. O advento da internet possibilitou a maior divulgação de ideias e, conseqüentemente, a discussão das mesmas. Os desdobramentos dessas discussões são a chave para transformar realidades. De acordo com Santaella:

não devemos cair no equívoco de julgar que as transformações culturais são devidas apenas ao advento de novas tecnologias e novos meios de comunicação e cultura. São, isto sim, os tipos de signos que circulam nesses meios, os tipos de mensagens e processos de comunicação que neles se engendram os verdadeiros responsáveis não só por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também por propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais (SANTAELLA, 2003, p. 24).

Considerando que ter acesso à informação é também ter acesso a ideias (e por que não dizer ao poder?), de acordo com Hugh Hewitt, os séculos XVI e XXI tem um elemento em comum: “uma revolução na tecnologia de comunicação” (HEWITT, 2007, p. 78). A chegada da imprensa de tipos móveis teve papel determinante para o êxito da Reforma Protestante. Graças à invenção da imprensa de tipos móveis, as teses de Martinho Lutero puderam ser copiadas, traduzidas e lidas em diferentes pontos da Europa, suscitando discussões sobre questões polêmicas em relação à conduta, posicionamentos e comportamentos que a igreja católica impunha aos seus seguidores. Da mesma maneira, foi graças à imprensa que os ideais de João Calvino, uma grande força intelectual da Reforma, tiveram alcance geográfico afetando não apenas a Igreja, mas os governos da Europa e, conseqüentemente, suas colônias:

O que permitiu que Lutero fosse bem-sucedido em sua reforma quando outros tinham fracassado? O que permitiu a Calvino moldar o pensamento de todas as gerações que vieram depois? A imprensa. Em 1449, Gutenberg amplificou a voz humana de tal modo que ela pôde ser ouvida em todo o mundo. Ele forneceu meios pelos quais uma pessoa pode se comunicar com as massas sem a interferência de estruturas institucionais. Finalmente os indivíduos puderam falar, e ninguém podia silenciá-los (HEWITT, 2007, p. 90).

Sem dúvida, é possível comparar a “amplificação da voz humana” decorrente da invenção de Gutenberg com o advento da internet. O elo comum entre os séculos XVI e XXI está na possibilidade de acesso à informação e na divulgação de ideias que a imprensa e a internet possibilitaram. Contudo, algumas ferramentas disponíveis na internet, como é o caso dos blogs, foram além do “levar a informação”: tem-se um espaço que além de ser independente do papel enquanto suporte, permite uma interação imediata e direta do leitor com aqueles que escrevem nesse espaço, os autores.

Em 2013, de acordo com relatório do Technorati<sup>1</sup>, os blogs foram considerados influentes formadores de opinião ao lançar, testar e divulgar produtos, fazer publicidades de marcas e, conseqüentemente, movimentar grandes quantidades de dinheiro<sup>2</sup>. Muitos consumidores recorrem a blogs antes de concluir uma compra. Por outro lado, em 2014 foi constatado que os blogs brasileiros mais acessados estão relacionados a entretenimento: blogs de humor, moda/tendências e viagens foram os mais acessados<sup>3</sup>.

Na verdade, quando do surgimento de novas tecnologias na transmissão de informações, há mudanças radicais na estrutura das hierarquias dos poderes vigentes. Hewitt ousa dizer que o surgimento da blogosfera pode ser datado por volta de 3000 a.E.C. com a invenção dos textos pelos sumérios. Assim como os egípcios que criaram os hieróglifos, eles inventaram o “texto” no sentido de que os símbolos que eles gravavam em tabuletas de argilas formam a primeira forma de escrita conhecida: “Os dois sistemas (o egípcio e o sumério) eram difíceis de usar e demoravam muito tempo para serem dominados, dando enorme autoridade e poder aos mestres dessa arte” (HEWITT, 1997, p. 94).

Mais tarde, a humanidade conheceria os alfabetos grego, latino e hebraico por exemplo. Os chineses inventaram o papel e os romanos puderam enfim fazer as suas leis

---

<sup>1</sup> <http://technorati.com/>

<sup>2</sup> <http://webdig.com.br/16558/technorati-blogs-influencia-digital/>

<sup>3</sup> <http://www.mundomsf.com.br/2014/09/os-10-maiores-blogs-do-brasil-2014.html>

e eis que surge a Igreja Católica Apostólica Romana assumindo sua posição de poder. Com a chegada dos mosteiros e o trabalho dos monges copistas, as palavras dos evangelhos foram preservadas a fim de cumprir seu dever de ditar os costumes, preservar a moral, perseguir as bruxas e hereges e, claro, fazer levar a palavra de Deus a toda criatura (não necessariamente nessa ordem).

Gutenberg abriu caminho para a publicação para as massas. Séculos mais tarde, Thomas Edson com a descoberta da eletricidade deu uma nova velocidade à distribuição do texto: surgia o código Morse utilizado no telégrafo em 1837. Embora nessa época já estivessem em cena os jornais, em 1900 a primeira transmissão via rádio era feita, um marco na história, já que as informações via rádio tinham alcance e velocidade superiores.

Em 1860 com a invenção do telefone, tem-se aquilo que Levy (1999, p. 81, grifo do autor) considera “a primeira mídia de *telepresença*”. O passo seguinte foi em 1924, quando surgiu a televisão, um novo aparelho que continha os componentes gráficos de um jornal, como imagens e figuras e com os componentes de áudio do rádio, o som; a partir desse momento era possível ver imagens em movimento juntamente com o áudio. A facilidade de transmissão de informação cresceu ainda mais com os diversos canais de televisão.

Pode-se observar um processo de desenvolvimento das formas e meios de comunicação permitindo que as informações percorressem distâncias e promovessem o acesso à cultura a um número cada vez maior de pessoas. Em uma rápida síntese, o homem desenvolveu a escrita, o alfabeto, o papel, as impressões manuais e as mecânicas, até chegar à contemporaneidade, a era da tecnologia e da informação na qual o computador é o carro chefe apesar de seu uso primário ter sido outro.

Voltando ao século XVI e à primeira revolução tecnológica da informação, com o preço mais acessível dos livros à população, as ideias ali contidas puderam circular com maior facilidade, o que culminou na descentralização do poder do conhecimento. Segundo Hewitt (2007, p. 81): “Com o advento dos tipos móveis, o custo médio de um livro caiu aproximadamente 400 vezes. Logo, a vida intelectual não era mais domínio exclusivo da Igreja e da corte, e a alfabetização tornou-se uma necessidade da vida urbana”.

Aí está outro elo comum entre o século XVI e o século XXI: pode-se comparar essa necessidade de alfabetização do século XVI, decorrente da criação da imprensa e popularização dos livros, ao que hoje é chamado de “inclusão digital” e que passou a ser uma necessidade decorrente do advento da internet. De fato, ter noções de informática

tornou-se uma necessidade, uma obrigação e um critério de seleção em várias áreas do conhecimento para praticamente todo indivíduo que almeje um posto de trabalho de prestígio na sociedade. O mundo contemporâneo exige mais do que ler em duas direções (esquerda para a direita ou vice-versa e, geralmente, de cima para baixo); há de se pulsar, tocar, clicar, mover na interação com os vários novos suportes. A leitura e a compreensão imediata das instruções vão além da alfabetização; não basta saber reconhecer se um banheiro é masculino ou feminino (ou coletivo) ou se determinado ônibus vai para determinado bairro – o mundo digital exige uma atividade cognitiva mais complexa, calcada na decodificação e recodificação de significantes e significados (como o menu de um caixa bancário automático) para acesso e continuidade do processo de leitura.

É inegável que a humanidade encontra-se diante de uma nova mídia. Esse novo suporte, ou veículo para transmissão de mensagens, traz consigo inovações que incidem diretamente na comunicação entre as pessoas. Pierre Lévy (1999) enumera algumas dimensões da comunicação: mídia, modalidade, linguagem, codificação, dispositivo comunicacional e dispositivo informacional. Todas essas dimensões estão interligadas e condicionadas umas às outras. Com o advento da internet, o dispositivo comunicacional no ciberespaço se comporta de maneira característica:

o dispositivo comunicacional designa a relação entre os participantes da comunicação. Podemos distinguir três grandes categorias de dispositivos comunicacionais: um-todos, um-um e todos-todos. [...] O ciberespaço torna possível um dispositivo comunicacional original, já que ele permite que comunidades constituam de forma progressiva e de maneira cooperativa um contexto comum (dispositivo todos-todos) (LÉVY, 1999, p. 63).

O impacto da tecnologia informática do século XXI não pode ser pensado em termos estritamente técnicos. O advento da informática, sobretudo com a chegada da internet, se apresenta por meio de um conjunto complexamente relacionado de questões científicas, técnicas, éticas, sociais, políticas, econômicas e ecológicas.

Inicialmente utilizado por grandes empresas e programadores profissionais, a máquina (ou o computador) que era utilizada principalmente para serviços de processamento de dados, viria a tornar-se um instrumento de criação, organização e diversão em uma proporção cada vez mais crescente. No início dos anos oitenta, deu-se início à fusão da informática com as telecomunicações, a editoração, o cinema, televisão e também dos videogames. Já no final da década de oitenta e início da década de noventa,

houve um crescimento exponencial do número de pessoas e computadores ligados à internet (anteriormente militar e depois universitária) sem que houvesse qualquer instância para dirigir esse processo. A partir da padronização de linguagens e protocolos comunicativos entre máquinas, propiciou-se a criação de espaços virtuais de trabalho e comunicação. Podemos dizer que a internet não congrega apenas redes de computadores, mas redes de informações e pessoas.

A internet tornou-se um lugar onde as pessoas se encontram não de uma maneira física, mas por meio dos discursos e afinidades que compartilham, formando, inclusive, “tribos”: grupos de pessoas que tem interesse em determinado assunto e se propõem a discuti-lo ou simplesmente informar-se sobre o mesmo. Práticas dessa natureza fazem parte do que Lévy chama de “cibercultura”:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p.17).

O ciberespaço existe simultaneamente ao espaço geográfico como suplemento no qual tem-se a ideia de um mundo sem limites, de uma grande aldeia global e democrática, na qual todo e qualquer indivíduo pode ter voz. Grupos sociais menos prestigiados, marcadas pela etnia, gênero ou orientação sexual por exemplo, agora encontram, em tese, um espaço para que seus posicionamentos e reivindicações sejam vistos e legitimados por um número expressivo de pessoas que, além de conhecer, têm a oportunidade de interagir, tirar dúvidas e, inclusive, reconhecer-se individual e coletivamente. O surgimento de redes sociais entre outras ferramentas que permitem a interação entre pessoas de diversas partes do mundo também possibilitou a divulgação, troca e compartilhamento de informações, textos, ideias e marcas, naquilo que se pode dizer como um mundo hipertextual, onde não há ponta de partida ou de chegada.

Antes de tratar dessa qualidade hipertextual enquanto mecanismo de produção literário, é necessário apontar algumas qualidades nem sempre conhecidas na área de Letras. A primeira delas é que não há esse local geral chamado internet – em verdade, aqui buscando-se a representação feita por Borges em seu “A Biblioteca de Babel”, a

internet é uma rede de locais físicos, onde em cada local há um determinado conjunto de informações. Em outros termos, a internet é uma teia de conexões que permitem visitas a diferentes andares, estantes e prateleiras, todas marcadas por endereços “físicos”. Cada computador, impressora, unidade de armazenamento, etc., todos têm um endereço ou etiqueta numérica que permite ao tráfego (solicitações de serviço) encontrar ou não a informação solicitada; quer dizer, não há nada nas conexões da rede (cabamentos) e sim nos pontos ou vértices qualificados por tais endereços do protocolo de internet (número IP). Ao se buscar um nome qualquer (bn.br, por exemplo), esse nome equivale a uma sequência numérica (no caso 186.215.212.131), reconhecível pela leitura humana, mas codificada em número binário (hoje em formato de 128 bits). A solicitação de visita a um lugar (nomeado como Biblioteca Nacional) quer dizer visitar um ponto dessa rede, onde estão guardados os conjuntos informativos referentes àquela instituição. Também denominado de servidor, um mesmo ponto pode conter vários sítios ou *sites*.

Esses sítios, para a nossa percepção de visitantes, têm diferentes formatos visuais e/ou organizacionais, ou sistemas de conteúdos. Um desses formatos é o blog (que mais apropriadamente deveria ser grafado como *blogue*, na tradição da língua) ou suas outras variantes como fotolog ou videolog, mimetizando o diário de bordo marítimo, a contabilidade do comércio, a crônica de guerra. Um blog pode ser individual ou coletivo e sua criação e sua manutenção contam com ferramentas disponíveis em endereços eletrônicos que auxiliam a interconexão entre seus agentes.

A criação do site *Blogger* aconteceu em 1999 nos Estados Unidos e em seguida veio o fenômeno da criação de blogs dos mais variados, que abarcam vários gêneros textuais. O seu formato é aquele de uma sequência de postagens individuais ou coletivas (ou recentemente multiautorais, como o formato usado pelos jornais), organizados cronologicamente de maneira reversa (o mais recente aparece primeiro), que permite geralmente uma interatividade, ou seja, uma relação interativa com os visitantes e o(s) autor(es). Basicamente, é uma página da internet que dá ao usuário autonomia para inserir informações que lhe são convenientes a qualquer momento que desejar. Matos (2009, p. 3) dá exemplos dos vários assuntos que podem ser abordados nessa página:

Os textos dos blogs podem ser curtos, longos, fragmentados, sequenciais; acompanhados de fotos, ilustrações, áudios, vídeos; podem discutir cotidiano, notícias jornalísticas, meio artístico, política, sociedade, cultura de massa, ciências, esportes. Também podem ser confessionais (autobiográficos), reflexivos, humorísticos, artísticos e literários. Muitos blogs abarcam todos estes conteúdos. Interatividade

é condição de existir deste ambiente, no qual são sugeridos acessos a outros blogs, em colunas de links (hipertextos).

Essas inserções, as “postagens”, normalmente trazem registro da data e da hora em que foram realizadas e ficam disponíveis em ordem cronológica reversa. Da mesma maneira estão dispostos os comentários deixados por leitores em um espaço direcionado especialmente para essa participação. Alguns blogs cultivam seus leitores que, ao visitarem determinadas páginas, acabam se familiarizando e muitas vezes se identificando com o estilo e a temática tratada pelos blogueiros.

A facilidade em utilizar essa ferramenta faz com que o número de blogueiros cresça constantemente com a criação de blogs dos mais diversos assuntos. Orihuela (2007, p. 7) afirma que “a grande maioria dos blogueiros é composta por pessoas que escrevem sobre o que sabem, o que gostam, o que leem ou o que acontece na mídia que, por ser pública e potencialmente de massa, funciona sem editores”. O blog é, assim, espaço que permite uma interação mais próxima, rápida e imediata entre autor e leitor. Mais do que isso, a sua condição técnica está marcada pela hipertextualidade, uma vez que permite àquele que escreve e àquele que lê sugerir outros textos para leitura, e aqui o conceito de texto precisa ser visto de maneira ampliada, não só pelas ligações a outras páginas que o leitor pode visitar para complementar sua leitura, mas pela própria condição multimidiática da página de origem e das páginas a serem visitadas. Há de se anotar que são construídas lógicas hipertextuais que estabelecem relação com outros lugares do mundo digital; esses dialogam com temas vinculados à intencionalidade ou interesses de quem “autora” determinada parte do blog (a postagem do autor e as postagens dos leitores), criando, assim, uma estrutura descentrada e multifacetada. Esta permite acesso a um amplo gama de informações de fontes “orientadas” por quem escreveu a postagem (ou comentário) do blog e que resultam em um complemento para o conteúdo inicial. Nesse aspecto, o próprio autor/dono do blog pode se tornar (e se torna) também receptor, por vezes alterando o texto original a partir de comentários postados.

Aproveitando-se do surgimento de um novo espaço para escrita e disseminação de seus textos, escritores trocaram o meio impresso pelo meio digital a fim de que seus textos tenham maior alcance e visibilidade. Diferentemente de outros espaços virtuais de comunicação, os blogs nem sempre funcionam como algo restrito ou fechado (como é o caso de páginas corporativas, por exemplo). Essa ferramenta da internet também serve como a experimentação na escrita. De acordo com Matos (2009, p. 2):

Diferentes de homepages e sites institucionais, corporativas e comerciais, mais formais, os blogs se assemelham às salas de discussão e comunidades virtuais, pelo seu caráter subjetivo e relacional. A liberdade aparentemente dominante nestes espaços e certa garantia de visibilidade permitem aos criadores usá-los como lugar de experimentação.

É interessante pensar como a liberdade, que a internet propiciou a leitores e escritores, tomou rumos que levam à produção de textos carregados de subjetividade e que cativam cada vez mais leitores. Entre os vários tipos de leitura que poderiam ser escolhidas com a chegada da era digital, os blogs autobiográficos são os eleitos por muitos leitores. Como o discurso autobiográfico anda na linha entre o real e o fictício, qualquer fato relatado em uma postagem é um fato que passa pelo crivo pessoal do autor, com distorções, exageros ou negligências, dependendo da intenção do blogueiro.

Os leitores de blogs autobiográficos consistem em sujeitos imersos em uma sociedade cujo contexto é repleto de rearranjos, mutável e caótico. Ao acessar uma página de blog de tom confessional para ler sobre as subjetividades de alguém que usa essa ferramenta para falar de si própria, é possível dizer que o leitor de blogs confessionais se torna um *voyeur*. Ele observa sem necessariamente se expor. Schittine (2004) acredita que isso faça o leitor ter uma sensação de poder sobre o outro sem a necessidade de estar presente: “[q]uando se está na internet, longe das relações face a face, o que mais estimula o usuário é o fato de saber que seu *voyeurismo* não está sendo avaliado, observado” (SCHITTINE, 2004, p. 43).

E muitos dos blogueiros fazem uso desse espaço para a produção de bens literários ou com marcas literárias. Assim, a literatura também acaba por participar das mudanças advindas da era digital no que diz respeito à produção e consumo de bens culturais. A relação autor-obra-público após o advento da internet foi afetada de uma maneira que parece não ter mais como trilhar um caminho de volta. Isso não é necessariamente ruim, na verdade pode ser considerado positivo em termos de formação de um público leitor em um país como o Brasil, conhecido pelo baixo consumo de literatura. Ainda mais: ao se pensar no surgimento de um novo perfil de público leitor, afoito por textos de seus escritores (também com um novo perfil) em páginas da internet, esse novo *modus operandi* que a produção literária incorporou indica que havia uma demanda não apenas por textos, mas uma demanda pela participação do leitor na construção desses textos, criando uma dinâmica propiciada pelo ciberespaço.

Afirmar que atualmente a construção do texto literário por indivíduos imersos no ciberespaço e aquela outra que se prendia ao papel ocorrem da mesma maneira seria, no mínimo, ingênuo. Quando tratamos de um blog por exemplo, vemos que as postagens nem sempre são compostas somente por textos escritos, mas também por vídeos, imagens e, inclusive, por *links* indicando outros sítios da internet. Nota-se que, no meio digital, o leitor é exposto não somente ao texto linear, mas a um gama de outros textos. De acordo com Corrêa (2008, p. 42), “[o] que antes dependia exclusivamente da capacidade imaginativa do leitor passou a ser vivenciado através da associação do hipertexto com os recursos da hipermídia que trouxeram sons, movimento, efeitos visuais ao texto literário”.

É válido mencionar também que a substituição do papel, como meio no qual se propagavam os textos, teve definitivamente um impacto na produção literária brasileira. Além do alcance da internet ser maior, existe uma questão de custo: antes era preciso comprar um livro, hoje, podemos ter acesso a muitas obras on-line. Ou ainda, publicar um livro, expor e disseminar ideias, coisas que dependiam de editoras, agora podem ser feitas sem maiores problemas via internet. Ainda que em algum momento o jornal tenha sido um meio para a divulgação de romances (como é o caso dos romances de folhetim no século XIX), a abertura proporcionada pelas ferramentas do ciberespaço permite que muito mais pessoas possam se expressar por meio de textos, vídeos e fotografias, entre outras linguagens.

O impacto das tecnologias relacionadas à informação sempre foi um catalisador no sentido de transformar as estruturas sociais por meio da propagação de ideias. Segundo McLuhan (1979, p. 63), “Qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão ou auto-amputação de nosso corpo, e essa extensão exige novas relações e equilíbrios entre os demais órgãos e extensões do corpo”. Nesse sentido, os novos comportamentos no meio virtual são resultado da própria existência desse mundo virtual que, por sua vez, gerará outros comportamentos em uma espiral de final indefinido. De acordo com LOBO (2007, p. 21):

O blog se constitui de molduras (*frames*) e conteúdos em geral datados, que variam desde diários pessoais a notícias, revistas informativas ou de caráter literário ou cultural, até estudos fotográficos (*fotologs*), trazendo inúmeros links para outros blogs, de amigos ou que contêm assuntos semelhantes ou inusitados, de modo que a navegação de um blog ou fotolog para outro é quase interminável, na rede da internet.

Faz-se necessário retomar, após o exposto acima, que a relação autor-obra-público também passa por uma transformação na era digital. O papel do blog nessa transformação está em seu caráter interativo, que permite ao público dialogar com quem escreve enviando mensagens que podem ser respondidas em tempo real. Embora haja várias definições de gênero “blog”, é bastante interessante esta que consta no “Dicionário de Gêneros Textuais”:

pode ser definido, então, como jornal/diário digital/eletrônico (v.) pessoal publicado na Web, normalmente com toque informal, atualizado com frequência e direcionado ao público em geral. Blogs geralmente trazem a personalidade do autor, seus interesses, gostos, opiniões e um relato de suas atividades. [...] é o gênero discursivo da auto-expressão, isto é, da expressão escrita do cotidiano e das histórias de pessoas comuns. Muitas vezes, trata-se de um texto de natureza semiótica, já que o “bloguista/blogueiro” pode inserir imagens, fotos (fotoblog), sons, além de poder fazer uma atualização constante (COSTA, 2008, p. 42).

Ainda de acordo com Lobo (2007, p.22), os blogs inovam devido a esse caráter interativo: “Um dos aspectos mais inovadores dos blogs em relação aos diários tradicionais é aceitarem comentários de forma interativa, o que os torna um veículo da mídia, assim como uma produção pessoal e coletiva”.

Embora tenham surgido outras ferramentas que permitem a escrita e publicação de textos e interação, é inegável a importância dos blogs para a inserção dos brasileiros no meio digital. Imagina-se que hoje exista uma grande quantidade de blogs de brasileiros na internet e a dificuldade em chegar a um número exato reside na facilidade de criação dos blogs; vários são criados diariamente (pessoais, empresariais e jornalísticos) o que leva a pensar que qualquer cifra apontada nesse momento se tornaria obsoleta minutos depois.

#### **1.4 A RELAÇÃO ENTRE FICÇÃO E REALIDADE: UM JOGO ENTRE BLOGUEIROS E LEITORES**

As narrativas autobiográficas formam parte do universo virtual e tem se expandido de maneira notável e são um dos modos de expressão dentro da sociedade tecnológica atual. Nesse contexto, os blogs servem como um registro no qual os sujeitos desenvolvem a construção do seu “eu”, em uma mescla do real e do virtual com a participação dos

leitores. As novas tecnologias, o computador e os elementos derivados dele oferecem dispositivos que possibilitam o estabelecimento de novas relações entre autor, obra e público. Percebe-se uma nova dinâmica que deveria satisfazer a natureza multifacetada do ser humano.

Assim como o fenômeno da globalização não é algo novo, embora se fale dela relativamente há pouco tempo, a natureza multifacetada do ser humano tampouco é uma novidade: desde sempre houve vários papéis a serem assumidos ao mesmo tempo dentro da sociedade: uma mulher, por exemplo, assume simultaneamente o papel de filha, de mãe, de esposa, de profissional, entre outros, de acordo com as circunstâncias que a cercam. A questão é que os meios de expressão contemporâneos oportunizam vivenciar as diversas faces que o ser humano queira assumir. O conceito de *Theatrum Mundi* (o mundo como teatro) traz a ideia de que cada pessoa representa um papel dependendo do grupo social no qual está inserido. As múltiplas possibilidades dentro do ambiente virtual permitem ao sujeito se expressar, muitas vezes distanciando-se do seu eu, mergulhando no ciberespaço, criando uma persona, um avatar que escreverá textos nos quais ficção e realidade se fundem, hoje ao alcance de muitas pessoas:

É como uma metamorfose física transposta para a subjetividade do mundo virtual e perpassada pela necessidade do olhar do outro. Por isso entendemos o sujeito (o eu), o objeto (o aparato tecnológico) e a imagem (avatars) como a tríade que define os modos de representação do sujeito imerso (SANTA, 2011, p. 64).

As representações do “eu” já verificadas na literatura agora tomam uma nova forma no ciberespaço. A noção de “tríade” (eu, computador e avatar) leva-nos a pensar que o autor, texto e leitor participarão de uma nova relação na qual as fronteiras que determinam a função de cada um desses elementos encontram-se em processo de diluição. Ainda que a ideia de hipertexto não seja nova, experimenta-se uma liberdade criativa que foi possível somente com o surgimento dos meios digitais. A noção de novas materialidades traz consigo uma ideia de liberdade, de acesso e diálogo entre aquele que escreve e aquele que lê.

A realidade se transfigura na internet, no ciberespaço encontra-se a possibilidade de criação de um sem-número de avatares (ou personagens), a invenção de tantos “eus” quanto se ousar vivenciar, dependendo do público que se quer atingir ou dos laços que se queira estabelecer. Natalia Klein, por exemplo, conta em entrevista que a versão televisiva de *Adorável Psicose* se distanciou do blog e não era tão fiel às suas vivências como eram

os textos do blog:

A série começou em cima do blog, mas depois de um tempo ganhou fôlego próprio e passou a não necessariamente ser um espelho da minha vida. Já o blog sempre teve bastante de mim. Quando releio textos antigos, fico até um pouco constrangida. Não pela qualidade do material publicado, mas pela total ausência de filtros. Não sei se hoje conseguiria me expor da mesma forma. Acho que aquele foi um momento muito particular da minha vida e fico feliz de tê-lo compartilhado com outras pessoas (KLEIN, entrevista em 19/10/2015).

Aparentemente, Natalia Klein acredita que a personagem do blog não é a mesma da série no sentido de que aquela que escrevia o blog era muito mais “real”, a ponto de levá-la a repensar a exposição a qual ela mesma se submetia por meio de seus textos. A partir dessa fala, também é possível levantar pontos relevantes em relação aos blogs que trataremos ao longo desse trabalho: a personalidade, a exposição e o compartilhamento de vivências com os leitores. Este último item, que trata de estabelecer uma relação com o público-leitor no caso de *Adorável Psicose*, é algo que “marcou uma etapa importante das nossas vidas” de acordo com a autora, remetendo a uma “concretude” na relação entre Natalia Klein e seu público:

O blog “Adorável Psicose” foi um projeto muito pessoal, que tratava de um período específico da minha vida. Era um momento em que eu estava com 25 anos e minha vida profissional e amorosa caminhavam de maneira muito diferente da forma como eu havia idealizado. Posso retomar o projeto a qualquer momento, mas nunca será o mesmo, porque eu não sou mais a mesma. E nem os leitores são os mesmos. Assim como eu, eles também amadureceram. E o Adorável Psicose, da forma como foi concebido anos atrás, se tornou uma memória, algo quase saudosista. Todos nós, eu e os leitores, temos uma relação com esse projeto que vai além blog, além do programa de TV, além de algo concreto. Ele marcou uma etapa importante das nossas vidas. Voltar a fazer aquele mesmo blog ou aquela mesma série já não faz mais sentido. Se eu decidir voltar com o projeto, preciso repensar algumas coisas (KLEIN, 2015).

Os blogs pessoais estão intimamente ligados à questão do eu; nesse sentido, vale pensar que os textos do blog *Adorável Psicose* obtiveram popularidade na internet não apenas pela singularidade dos textos de Natalia Klein, sua forma e/ou conteúdo, mas também pelo fato de estar imerso numa atmosfera caótica de informações e fragmentação do sujeito e do entorno. O jogo estabelecido entre Natalia Klein e seus leitores funcionou como uma fórmula para o sucesso do blog: pode-se concluir que houve uma identificação dos leitores com a escritora resultando em uma grande popularidade na internet e

posteriormente na televisão. Nesse sentido “o blog tem tudo a ver com teatro, dramatização, performance, atuação, expressão da emoção feita de dentro para fora, numa era em que tudo é regulado de fora para dentro” (LOBO, 2007, p. 52). É como se o avatar do autor que escreve em seu blog conseguisse, por meio do seu texto, criar um elo com o outro, que num primeiro momento será leitor, mas, devido às ferramentas disponíveis no blog, poderá vir a contribuir com o texto original do blog. Esse processo abala as relações entre realidade e ficção, estabelecendo um jogo cujo objeto é a autoria.

A interatividade permitida entre o eu e o outro (escritor e leitor) pelas ferramentas de um blog, além de criar uma nova dinâmica entre autor-texto-leitor, tange pontos relativos a outros aspectos relacionados à esfera literária. Talvez o primeiro deles seja a dessacralização do objeto livro, no sentido físico, de bem adquirido, seguido da ideia de também desconstrução da imagem do autor com alguém distante, inacessível. Isso automaticamente remete à imagem do leitor não mais como alguém passivo, mas sim aquele que lê, avalia e tem a oportunidade de expressar publicamente seu parecer sobre o texto. Pode-se dizer, então, que o hipertexto no blog reconfigura as noções de autor e leitor no sentido de caracterizá-las como profundamente entrelaçadas.

Essas ideias que acompanham a noção de hipertexto estão de acordo com a fala de Barthes (2004, p. 61) quando aponta que é o ato de escrever que faz o autor, ele “nasce ao mesmo tempo que seu texto”. Ainda que Barthes não se refira especificamente a blogs, a matéria-prima dessa ferramenta é o texto, portanto, dentro dessa lógica, o leitor tem uma participação protagonista ao ler uma obra:

Assim se desvenda o ser total da escritura: um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação ; mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino, mas destino já não pode ser pessoal: o leitor é um homem sem história sem biografia, sem psicologia: ele é apenas esse alguém que mantém reunidos em um mesmo campo todos os traços de que é constituído o escrito (BARTHES, 2004, p.64).

Independentemente das intenções do autor, a cada leitura ocorre a “reescritura” do texto por parte do leitor que atribui os significados ao que lê de acordo com suas vivências. No entanto, isso não é um fenômeno atual: o que realmente caracteriza a noção de leitura e, conseqüentemente, de ressignificação na contemporaneidade é que os

recursos tecnológicos oportunizam, além da leitura e interpretação, a intervenção do leitor, possibilitando a autoria coletiva do texto quando aquele que lê se manifesta por meio de comentários, quebrando a ideia de uma única fonte de autoria e da obra como texto imutável.

Perpassando pela ideia de que o texto escrito nos blogs possui uma estrutura descentralizada e de que o leitor é partícipe de sua escritura, assim como o autor também se tornará leitor no momento que tem acesso aos comentários, estabelece-se um *jogo* entre blogueiros e leitores. Barthes já apontava para esta relação quando faz a seguinte consideração:

o próprio texto *joga* (como uma porta, como um aparelho em que há “jogo”); e o leitor, ele joga duas vezes: *joga com* o texto (sentido lúdico), busca uma prática que o re-produza; mas, para que essa prática não se reduza a uma mimesis passiva, interior (o Texto é justamente aquilo que resiste a essa redução), ele *joga* o jogo de representar o Texto (BARTHES, 2004, p. 73).

Considerando que a quebra dos paradigmas é uma constante na realidade contemporânea, essa nova relação entre autor-obra-público parece adequada dentro das circunstâncias que as rodeiam. O que chama a atenção em um blog pessoal é que os textos lá presentes já nascem fragmentados no sentido de serem escritos pela “persona do autor” e serão comentados por essa “persona do leitor”. No ciberespaço, vivemos em uma semi presença, logo semi estamos, semi somos, ou seja, somos em parte. Se admitimos isso do lado do autor, então devemos admitir também do lado do leitor. Há, portanto, uma relação entre textos parciais, escritos pelo prisma de um autor, que, diferentemente de uma reportagem, por exemplo, não tem compromisso nenhum com a realidade e sim com sua visão da realidade.

A internet funciona, então, como um canal de socialização entre escritor e leitor. O papel de promover um autor e sua obra, que antes cabia à crítica jornalística ou acadêmica, se mostra não mais primordial, uma vez que o próprio autor no ciberespaço se torna um agente cultural que angaria leitores, forma um público e promove seus textos simplesmente a partir de seu conteúdo e, claro, do julgamento de quem os lê. Seria esse um caminho para a formação de um público-leitor autônomo ou um público-leitor acomodado, que lê aquilo que não o tira de sua zona de conforto?

A ideia do “leitor imersivo” proposta por Santaella à primeira vista traz uma ideia de liberdade de escolha, afinal não se lê mais o que era imposto pelas editoras, pela escola

ou equipes de redação de determinado periódico que poderia conter alguma tendência política por exemplo. A internet pode ser uma ferramenta de informação ou desinformação dependendo daquilo que se escolhe como material de leitura. Até que ponto a autonomia em escolher o que se lê é positiva? Dito isso, há uma série de contingências que precisam ser consideradas desde a qualidade dos textos que circulam no ciberespaço até questões educacionais inerentes especificamente ao leitor. A relação autor-texto-leitor se diferencia de outras épocas devido ao meio em que circulam e à interatividade que permitem. Sobre essa interatividade, Sanches Neto (2013, p. 22) afirma que “Tudo cabe no blog, que é uma espécie de terreno baldio em que se aceita entulho”. O autor complementa:

Neste universo relacional, os leitores/autores estabelecem um contato com os escritores propriamente ditos, aqueles já socialmente consagrados, participando do grupo como seguidores. Tal vinculação cria para o escritor uma obrigação que está implícita no código de uso da rede: a de ler os seus seguidores. Dessa forma, o escritor se faz leitor de seus leitores, reproduzindo seus textos e opiniões críticas, numa inversão de papéis tradicionais de emissor de um lado, receptor de outro. Os emissores são também receptores e vice-versa (SANCHES NETO, 2013, p. 23).

Independentemente do público-leitor resultante das leituras de hipertextos em páginas da internet, nota-se que o ciberespaço permite o acesso a leituras que antes dificilmente teriam alcance se dependessem do meio impresso. Algumas delas dão voz a grupos silenciados ou marginalizados e que há tempos reivindicavam alguma visibilidade ou necessitavam maior alcance. Seria ingênuo pensar que o impresso ou o virtual fornecem um atestado de qualidade literária para um texto. Em um contexto em que as fronteiras entre o real e o virtual são movediças, o sujeito contemporâneo experimenta a vivência de co-presença por estar sempre conectado a algum meio. A superação do impresso pelo digital está na natureza do blog independentemente de se tratar de escrita íntima ou não. E a mobilidade das fronteiras não se restringe somente à questão do real/virtual, mas também pode-se percebê-la na relação autor/leitor.

## **1.5 A LITERARIEDADE DO TEXTO DIGITAL**

As práticas de escrita na internet podem ser consideradas recentes; no entanto, trazem para o mundo literário uma antiga discussão: o que pode ser considerado texto

literário. Passando por questões que variam desde aspectos puramente linguísticos até a valoração artística, esse novo espaço no qual se esboça um novo fazer literário merece ser visto com atenção e possível revisão de valores que permitem classificar um texto como literário. Ultrapassando a questão do estilo da escrita, os aspectos presentes nos textos produzidos no ciberespaço envolvem inovação de suporte, autoria, linguagem, divulgação e recepção dos textos produzidos. Além de espaço para produção, também surgem na internet espaços para o exercício da criticidade, levando à reelaboração dos critérios estéticos convencionais. Como teia intertextual, o ciberespaço contribui para a formação de círculos literários imateriais (no sentido de não mais estar restrito ao concreto, ao papel) que podem ter maior ou menor projeção a partir do assunto e/ou público que pretende atingir.

Entre as modalidades presentes no ciberespaço, o formato do blog merece destaque pela maior possibilidade da voz e da interação social entre diferentes pares (e por vezes ímpares), a revelar subjetividades dos sujeitos contemporâneos. Levando em consideração o contexto da atualidade, depois de passar pela questão da informação e, principalmente, do alcance da informação gerar conhecimento, logo, poder, a escrita feminina, por exemplo, disseminada na internet representa a quebra de barreiras antes estabelecidas por questões patriarcais vigentes na sociedade ocidental influenciada pela tradição ibero-judaico-cristã: “O poder de dizer *eu* é também uma luta contra as formas de sujeição – contra a submissão da subjetividade – de que as mulheres são especialmente vítimas. Alcançar o estatuto do sujeito livre faz parte da aprendizagem do poder, no respeito por si e pelo outro” (RIOT-SARCEY, 2009, p. 187).

Se a fragmentação e a desterritorialidade são características do cenário contemporâneo marcado pelo não-lugar e conseqüentemente não-tempo, há um panorama que torna favorável a discussão sobre a angústia identitária enfrentada pelo sujeito aí inserido. Nesse sentido, as subjetividades femininas encontradas por meio de textos de blogs no ciberespaço acabam por refletir uma busca de identidades que passam por uma crise dentro de uma sociedade que não permite ao sujeito uma “acomodação” ou “definição” devido às rearticulações constantes. O termo mais adequado para falar de blogs é “hipertexto”, já que nessas páginas junto ao texto escrito estão associados outros elementos a sua conformação, permitindo múltiplas leituras em diferentes direções. De acordo com Corrêa (2006, p. 32): “O hipertexto, aparentemente, não é nenhuma novidade, já que se trata basicamente de um texto marcado por um sistema de remissivas. Uma estrutura que sempre existiu, ainda que de forma mais ou menos intuitiva”. No aspecto

mais importante para a presente proposição, o hipertexto se constitui em possibilidade de discussão da autoridade, aquela das instâncias legitimadoras, e da literariedade, aquela qualidade que seria tão própria, exclusiva e particular ao texto literário. Ao tratar de hipertexto, deve-se repensar, entre outros aspectos, os critérios estéticos dessa produção, além de, obviamente, entender os comentários dos leitores, como o que caracteriza hipertexto como tal.

Em um blog, os textos recebem um “carimbo” do autor que o identifica a partir dos elementos que o compõem e compõem o próprio blog em sua estilização. De acordo com a intenção do criador de determinado blog, cores, figuras, vídeos e endereços de acesso a outros sites de assuntos relacionados que podem interessar ao autor também ficam disponíveis aos leitores. Por isso, reconhecer o uso da tecnologia como favorável à fruição artística é, *per se*, um fenômeno contemporâneo, já que a maneira tradicional de apresentar um texto ao leitor não é mais a mesma. A produção literária como forma de expressão de identidades individuais ou coletivas (gênero, etnia, idade, etc.) entre outras formas artísticas (música, dança, cinema e vídeo) também lida com a mesma fragmentação do indivíduo no contexto contemporâneo, ao fazê-lo repensar o que poderia ou não ser considerado Arte num contexto de perda de referencial, de parâmetro, em suma, perda de certezas.

A “imaterialidade” do suporte, no sentido de ser um objeto transiente, não palpável, modificável a cada instante, numa imagem talvez a replicar o comportamento amórfico da ameba no mundo biológico, também levanta algumas discussões: a primeira delas tange a noção de propriedade intelectual, já que *wordpress* e *blogger*, sítios que hospedam “diários virtuais”, podem estabelecer vínculos de co-propriedade em relação aos conteúdos postados por blogueiros. A outra questão é relativa à “fragilidade” do ambiente virtual: um *bug* no sistema faria com que esses espaços virtuais desaparecessem. Essa imaterialidade, aliada às tecnologias da informação, faz com que o hipertexto disponível na internet encontre, mais do nunca, um “habitat favorável” por sua volatilidade e quase abstração (pela qualidade de seu suporte). De acordo com McKnight, Dillon & Richardson (apud CORRÊA, 2006, p. 32, tradução nossa):

O que torna o hipertexto diferente, o que o destaca do documento em papel mais conceitualmente interligado, é que, no hipertexto, os links são 'máquina de apoio'. Quando o leitor seleciona um link de hipertexto, o 'movimento' entre os dois nós ocorre automaticamente. É por esta

razão que o advento de hipertexto teve que esperar para a combinação de potência e exposição incorporado no computador moderno.<sup>4</sup>

No caso específico da literatura disponível na internet, é necessário reconhecer algumas diferenças de produção, construção e recepção, sobretudo no caso dos blogs, que dão a oportunidade de interação entre quem escreve e quem lê. A partir do momento em que a produção e fruição da leitura não se limitam a um objeto concreto como o livro, os participantes da tríade autor-obra-público também sofrem uma modificação em sua conformação resultando em novos perfis. Entre esses novos elementos, funcionando como uma ponte de comunicação está o texto (ou hipertexto talvez seja a palavra mais adequada devido ao *locus* em que está inserido) que, apesar dos aspectos inovadores já percebidos, parece ainda necessitar do meio impresso para assegurar sua legitimidade, como se o livro impresso trouxesse uma garantia de perenidade ou constância àquele que escreve.

É comum que autores saídos do meio virtual recorrem ao meio impresso na tentativa de legitimar seu trabalho, já que o mercado editorial, por ser um sistema consolidado, goza de prestígio em relação ao meio virtual. Ainda que os textos na plataforma virtual possam ter um alcance mais amplo do que o impresso, a compilação de textos em forma de livro e com selo de determinada editora mostra o autor como alguém concreto, uma presença física, a materialização daquele que se representava apenas como entidade intelectual em uma tela. Os visitantes de um blog poderão vir a ser o público-leitor, consumidores em potencial, caso o blogueiro venha a lançar um livro. Nesse sentido, os blogs podem ser pontos de partida para que blogueiros cultivem leitores por meio da fidelização dos visitantes de sua página.

O Brasil já conta com uma organização que funciona como reguladora das produções no ciberespaço: a Academia Virtual Brasileira de Letras reproduz os valores editoriais tradicionais estabelecendo, no ambiente cibernético, critérios para julgamento estético e criando um cânone paralelo. Para Leyla Perrone-Moisés (1998, p. 12) o projeto de estabelecer se um objeto vem a ser ou não literário, não se baseia em noções acadêmicas, mas, sim, em princípios de modernidade: “Sem um conjunto de valores,

---

<sup>4</sup> What makes hypertext different, what sets it apart from the most conceptually inter-linked paper document, is that in hypertext the links are ‘machine supported’. When the reader selects a hypertext link, the ‘movement’ between the two nodes takes place automatically. It is for this reason that the advent of hypertext has had to wait for the combination of processing power and display embodied in the modern computer.

qualquer cânone (prescrito por autoridades, como no classicismo, ou eleito pelos interessados, como no romantismo e na modernidade) é contestável. É essa poética, e conseqüentemente o cânone que a ela corresponde, que se encontram hoje em via de dissolução” (*Idem*, p. 173). A autora acredita que, no contexto atual, marcado pela fragmentação, os critérios que balizam o que deve ou não ser considerado Literatura estão se perdendo.

O surgimento dos Estudos Culturais paralelamente aos Estudos Literários deu espaço a obras e/ou textos que, segundo normas já estabelecidas, seriam “não merecedores” de estudos acadêmicos, já que seus autores não formam parte do cânone ocidental e seus textos não conteriam a chamada literariedade. Por outro lado, Abreu (2006) afirma que a literariedade não pode ser determinada por questões exclusivamente relacionadas aos elementos intrínsecos de um texto, mas sim na ação desse texto sobre aquele que o lê.

Há de se considerar, nesse sentido, que a veiculação de manifestações literárias não está mais restrita ao material impresso, bem como a pluralidade de espaços de produção e as *desidentidades* do momento contemporâneo enquanto negação da certeza da arte. Nesse contexto, autoria, produção, circulação e recepção do texto dentro do universo literário merecem reflexão (e por que não uma reformulação?) acerca de seus conceitos. As contingências próprias da contemporaneidade demandam questionamentos como “Onde reside a literariedade de um texto?” ou “O que é necessário para que um texto seja considerado literário?”, que já foram e continuam sendo foco de discussões. Segundo Abreu, os textos considerados como pertencentes à “Alta Literatura” necessitam do aval de “instâncias de legitimação” para que adquiram tal status:

são várias: a universidade, os suplementos culturais dos grandes jornais, as revistas especializadas, os livros didáticos, as histórias literárias etc. Uma obra fará parte do seletivo grupo da Literatura quando for declarada literária por uma (ou de preferência, várias) dessas instâncias de legitimação. Assim, o que torna um texto literário não são suas características internas, e sim o espaço que lhe é destinado pela crítica, e, sobretudo, pela escola no conjunto dos bens simbólicos (ABREU, 2006, p. 40).

Dessa maneira, escolhe-se o que será lido (ou consumido? ou estudado?) pelos estudantes. As ponderações feitas por estas “instâncias legitimadoras” acerca do que deve ou não compor o cânone literário acabam por determinar um padrão a ser seguido. Existe, portanto, uma peneira pela qual passam apenas as obras que “possuem qualidade

literária”. Aceitar esse tipo de julgamento pode ser arriscado levando em consideração que a disciplina de literatura no currículo escolar, por exemplo, ao ser implantada, trazia a ideia de que o texto literário como “bem comum ao ser humano” e deveria ser lido por todos da mesma maneira, como se fosse possível haver uma uniformização da leitura e da interpretação de uma obra. Isso é perceptível não apenas na escola básica, mas também em processos seletivos de várias universidades, quando questões de múltipla escolha permitem unicamente uma resposta são propostas sobre determinadas obras literárias. Espera-se, nas provas das escolas e nesses processos seletivos, uma “interpretação mecanizada” ou uma verdade institucionalizada que reflete, em geral, a postura de um grupo dominante, que se organiza como legitimado e como legitimador, como adverte Frank Kermode:

É obvio que o controle da interpretação de obras está intimamente ligado com as avaliações sobre textos. A decisão quanto à canonicidade depende de um consenso de que um livro tem os requisitos necessários, a determinação dos quais é, em parte, um trabalho de interpretação. E uma vez que um trabalho se torna canônico começa o trabalho de interpretar novamente<sup>5</sup> (KERMODE, 1979, p. 77, tradução nossa).

Mais preocupante do que classificar como canônico ou não um texto e, portanto, inseri-lo no currículo escolar, é pensar de que maneira esse texto chega até os leitores. A disciplina de literatura, portanto, apresenta obras (ou fragmentos de obras) de autores que recebem um “selo de qualidade” das instâncias de legitimação; porém, parece vir antes a necessidade de atender as aspirações de estudantes em entrar em determinada universidade por meio de uma “leitura uniformizada”, no intuito de formar um público leitor. Cabe questionar se realizar uma “interpretação mecanizada” de obras selecionadas por um “grupo legitimador” em algum momento prepara os leitores para terem autonomia ao fazer o seu juízo de valor diante uma obra literária.

Transpondo essas questões de legitimidade e juízo de valor de uma obra literária (impressa e imposta por instituições de ensino) para textos escritos em blogs, como demonstrar ou entender que o texto ali na tela não precisa necessariamente de uma instância de legitimação para ser entendido com Literatura? A escolha dos textos do blog

---

<sup>5</sup> It is obvious that control of interpretation is intimately connected with the valuations set upon texts. The decision as to canonicity depends upon a consensus that a book has the requisite qualities, the determination of which is, in part, a work of interpretation. And once a work becomes canonical the work of the interpreter begins again.

de Natalia Klein como objeto de estudo deste trabalho é uma tentativa de fazer um recorte dentre vários textos e autores que realizam escritas de si no ciberespaço, analisando-o como produto da contemporaneidade. Sobretudo, parte-se da ideia de que o ciberespaço oportuniza a grupos de minorias e/ou marginalizados (no sentido de não formarem parte do cânone ou terem a expectativa de serem lidos) uma possibilidade de expressão e visibilidade bastante improváveis se não fosse o alcance dessa nova mídia. No entanto, a legitimação de um blog como literatura digital possivelmente depende de um longo percurso que passa por desconstruções e formulações de novos conceitos a serem trabalhados e aceitos dentro do meio literário e artístico em geral.

## **2 CAPÍTULO 2: SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE FEMININA EM MEIO DIGITAL**

A subjetividade pode ser considerada uma construção do indivíduo a partir de suas próprias escolhas? No caso das mulheres, cabe perguntar quão livre elas são como indivíduo para fazer essas escolhas, já que as influências exteriores pertinentes à realidade social influenciam esse processo. A individualidade feminina parece ter sofrido uma asfixia que durante muito tempo privou as mulheres dos mesmos direitos previstos e concedidos aos homens. Com relação à escrita feminina, sobretudo na era digital, é interessante pensar como o imaginário feminino se manifesta na escrita feita por mulheres.

A subjetividade feminina em meio digital envolve a discussão de identidade e comunicação. Some-se a isso o contexto contemporâneo, que tem como característica principal rearticulações constantes, deslocando os sujeitos de sua zona de conforto, como era possível em outras épocas nas quais os papéis eram bem definidos. De acordo com Sibilia:

Se as subjetividades são modos de ser e estar no mundo, longe de toda essência fixa e estável que remeta ao ‘ser humano’ como uma entidade histórica e metafísica, seus contornos são flexíveis e mudam ao sabor das diversas tradições culturais (SIBILIA, 2007, p.18).

Estão diretamente relacionadas, portanto, à construção da subjetividade feminina expressa por meio da escrita as formas de comunicação de cada período histórico. É provável que a prática de escrever diários íntimos tenha sido a primeira manifestação escrita das mulheres para expressar o modo como se sentiam, suas reações diante das situações do cotidiano, enfim, sua subjetividade. Essa prática ganha força no século XIX e pode ser considerado um canal de expressão privado, secreto, já que nessa época as fronteiras entre o público e o privado estavam rigidamente definidas, bem como os papéis de homens e mulheres dentro da sociedade. Sobre este tema, Virginia Woolf defendia a necessidade de um espaço realmente significativo para que as mulheres pudessem se expressar livremente, dar curso à criação de suas obras, já que havia algumas problemáticas ao tratar de “mulheres e ficção”. Alinhar esses dois elementos era algo desafiador:

Tudo o que pude fazer foi lhes conceder uma opinião sobre esta questão – uma mulher deve ter dinheiro e um espaço para si mesma se desejar escrever ficção; e isto, como podem ver, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza das mulheres e da verdadeira natureza da ficção. Eu evitei a responsabilidade de chegar a uma conclusão sobre estas duas questões – mulheres e ficção permanecem, até onde sei, problemas não resolvidos<sup>6</sup> (WOOLF, 2007, p.5, tradução nossa.)

Com o passar do tempo, as transformações culturais dentro da sociedade e, principalmente, o surgimento do movimento feminista possibilitaram à mulher ocupar outros espaços que privilegiavam a presença masculina, e entre eles, a literatura. Virginia Woolf não pôde presenciar os avanços conquistados pelas mulheres em relação à produção literária e em outros campos como política e mercado de trabalho. Na verdade, houve conquistas, porém ainda há aspectos que devem ser problematizados. Não é que haja uma equiparação exata de direitos e de ocupação dos espaços, mas ao se tratar do tema “relato íntimo” o advento da internet possibilitou que essa modalidade de escrita se tornasse um instrumento de libertação para as mulheres no sentido de dar-lhes mais oportunidades para sua voz ser ouvida.

A transição das formas de expressão do eu que vão do sigiloso para o alcance global são estudadas há alguns anos, como é o caso de Sibilia em sua tese “O show do eu: subjetividade nos gêneros confessionais da Internet” que aponta para questionamentos que serão discutidos nesse trabalho:

É sob essa rutilante nova luz, porém, que certas formas “anacrônicas” de expressão e comunicação tradicionais – como as mencionadas trocas epistolares, os diários íntimos e até mesmo as conversações – parecem voltar à tona em roupagem renovada. São os e-mails versões atualizadas das antigas cartas? [...] E os blogs, pode-se dizer que são meros upgrades dos velhos diários íntimos? Versões renovadas daqueles cadernos de capa dura, rabiscados com tanta paciência como persistência pelo seu zeloso dono, muitas vezes à luz trêmula das candeias, para neles registrar todas as confissões e segredos de uma vida? (SIBILIA, 2007, p.1)

Os diários íntimos deixaram de ser secretos e a internet trouxe ferramentas para que as pessoas possam se expressar de maneira mais livre e que essa expressão esteja disponível para todos os participantes do ciberespaço. É interessante pensar como a

---

<sup>6</sup> All I could do was to offer you an opinion upon the minor point – a woman must have money and a room of her own if she is to write fiction; and that, as you will see, leaves the great problem of the true nature of woman and the true nature of fiction unsolved. I have shirked the duty of coming to a conclusion upon these two questions – women and fiction remain, so far as I am concerned, unsolved problems.

maneira de ser e estar no mundo se modificou ao longo dos anos, a partir das mudanças no contexto cultural e com o avanço da tecnologia. No entanto, algo bastante antigo permanece: a necessidade de expressão da subjetividade. Nesse sentido, a internet pode ser vista como uma grande aliada: é uma tecnologia que permite satisfazer a necessidade de expressão da subjetividade e, ao mesmo tempo, é uma grande vitrine que parece reforçar e estimular essa prática pelos mecanismos de exposição que dispõe aos usuários.

É possível admitir que há o seguinte cenário: necessidades antigas, meios novos, contexto fragmentado. No percurso das mulheres em relação à conquista dos seus direitos, algumas práticas antigas ganham uma nova roupagem dentro do contexto contemporâneo. Há de se discutir também como práticas novas, como o surgimento de blogs escritos por mulheres, em si, podem ser consideradas um sinal de empoderamento feminino. Klein tem a seguinte opinião sobre sua prática (ainda que seu blog não seja de temática feminista): “Só pelo fato de ser uma mulher, escrevendo um projeto sobre mulheres e desbravando um mercado tão cheio de preconceitos e estereótipos, acabo sendo automaticamente feminista. É algo intrínseco, mas que não foi necessariamente intencional” (KLEIN, 2015).

## **2.1 MULHERES BLOGUEIRAS: AS IDENTIDADES FEMININAS NA INTERNET**

Falar de mulheres blogueiras é falar de um movimento de contestação *per se*. Após anos de lutas por direitos de igualdade - e por que não dizer individualidade - considerando que a autonomia sobre o próprio corpo é uma liberdade individual (ainda que até hoje questionada por poderes instituídos), a chegada da era digital permitiu a homens e mulheres abrir sua intimidade a quem quiser ler. No entanto, há especial singularidade em textos produzidos por mulheres, já que estas vêm de um passado no qual o poder da palavra lhes era bastante restrito. De acordo com Magnabosco (2003):

Na literatura, a questão se centrou na diferença da escrita feminina considerada de menor valor, já que a mulher apenas escrevia sobre os ínfimos detalhes de seu dia-a-dia. A escrita feminina servia ao fim de preencher o vazio da mulher, a ausência de seu complemento (o masculino), tanto no texto quanto no corpo (MAGNBOSCO, 2003, p. 427).

Nesse primeiro momento, portanto, é necessário perceber o blog como ferramenta que permite ao indivíduo representar-se, enquanto espaço democrático, no qual as

minorias antes marginalizadas são beneficiadas, adquirindo voz e a voz adquirindo alcance:

O novo fenômeno que ocorre nos blogs é as mulheres romperem o pacto de silêncio ou a máscara do ficcional e se transformarem nas protagonistas de enredos em que relevam as suas vidas para quem quiser ler. [...] Essa forma social de comunicação se tornou uma prática que constitui muito mais que um simples caderno confessional manuscrito. Tornou-se um instrumento coletivo e público de reconhecimento social. Por isso o blog difere tanto do “querido diário” da década de 1950 (LOBO, 2007, p. 74).

O fragmento acima toca num ponto que é fundamental ao se pensar em produção de textos subjetivos na internet, já que é importante falar das primeiras linhas de subjetividade escritas por mulheres: os diários. Sendo o diário e o blog gêneros que partem da subjetividade, a principal característica que os diferencia é a mídia, ou seja, o meio em que se realizam. De certa maneira, a mídia na qual um texto se encontra muito tem a dizer sobre quem o escreve; por isso, é importante destacar a singularidade das produções femininas no ciberespaço neste momento, fazendo um paralelo com os diários íntimos.

De acordo com Lakoff (1973, p.13) “somos usados pela linguagem tanto quanto a usamos”. Então, ao se observar a trajetória da escrita feminina pensando que isso inclui a luta das mulheres por maior espaço na sociedade (desde a alfabetização até a participação política, uma busca por direitos iguais), é necessário estudá-la em si, considerando que a escolha da forma de expressão das mulheres é guiada por uma forma particular de pensar. Nesse sentido, a maneira de se expressarem existirá em decorrência de como essas mulheres sentem o mundo, pautando assim uma escrita de gênero. Ao expor uma escrita que muitas vezes só encontrava lugar no fundo de uma gaveta ou baú e de maneira impressa, física, o blog indica um novo tipo de fazer literário marcado não apenas pela subjetividade, mas principalmente pela possível publicidade que o meio virtual propicia. Hewitt (2007, p. 101) afirma que “as mulheres têm uma tendência ligeiramente maior que os homens para criar blogs” e segundo Lobo (2007, p.80) essa afirmação faz total sentido se considerarmos que o hábito de escrever (ainda que somente para si) em seus diários íntimos contribuía para a formação pedagógica das mulheres, pois “desde o final do século XIX, os diários faziam parte do conjunto de normas de etiqueta usado na educação de garotas” (OLIVEIRA, 2002, p.29).

Se for de fato verdade que nossos sentimentos sobre o mundo matizam o modo como expressamos nossos pensamentos, então podemos usar nosso comportamento linguístico como um diagnóstico de nossos sentimentos sobre as coisas, pois frequentemente – como qualquer pessoa que tenha um conhecimento superficial dos escritos psicanalíticos modernos sabe perfeitamente – podemos interpretar nossas ações ou percepções de acordo com nossos desejos, distorcendo-as conforme nossa conveniência (LAKOFF, 1973, p.14).

Nesse aspecto, há de se considerar a escrita de si realizada no blog. Ela pode sinalizar que escrever sobre si também seria uma busca de si, na qual a construção da identidade individual se dá por meio da identificação com o outro. A expressão “escrita de si” surge em texto de Azevedo (2007), ganhando outros contornos: “crônica de si”, “autoexposição de si” e “figuração de si”; para Viegas (2006), haveria uma “invenção de si”. No mundo digital o termo “escrita de si” tem larga tradição e, embora tenha sentido no que se entende como “autoficção”, não é originário do mundo literário.

O primeiro diário íntimo feminino do qual se tem conhecimento é datado do século XI, no Japão, chamado de *Murasaki Shikibu Nikki*<sup>7</sup> escrito por uma nobre conhecida como Madame Murasaki Shikibu, que viveu na corte de Kioto durante a Era Heian (BOWRING 1982). Ela também era poetisa e romancista; é de sua autoria a obra *Genji monogatari* (História de Genji), dividida em quatro partes, que até hoje é questionada em relação à sua autoria pertencer em sua totalidade à escritora; porém, sabe-se que nessa época as mulheres da corte no país se destacavam como intelectuais.

No século XX, um dos livros mais vendidos é um diário de autoria feminina que traz um tom de denúncia política e ao mesmo tempo funcionou como uma defesa psicológica para a autora: *O Diário de Anne Frank*. A obra escrita entre os anos de 1942 e 1944 conta como era a vida da adolescente Annelise Frank durante o tempo em que conviveu com um grupo de pessoas em um esconderijo durante o regime nazista em Amsterdã. Anne cria uma amiga imaginária para quem escreve e mostra a importância de seu diário:

12 de junho de 1942

Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda.

Comentário acrescentado por Anne em 28 de setembro de 1942

Até agora você tem sido um grande apoio para mim, como também tem sido Kitty, para quem tenho escrito com regularidade. Esse modo de

<sup>7</sup> <http://digital.library.upenn.edu/women/omori/court/murasaki.html>

manter um diário é bem melhor, e agora mal posso esperar os momentos de escrever em você. Ah, estou tão feliz por ter você comigo! (FRANK, 2013, p. 11)

O best-seller *O Diário de Anne Frank* é legitimamente uma obra de escrita confessional feminina. Na primeira versão para publicação (1947), Otto Frank censurou vários fragmentos, pois sua filha havia escrito sobre conflitos familiares, a relação com as pessoas que estavam escondidas junto com ela no anexo secreto, além de passagens que continham aspectos da sexualidade da jovem. Somente em uma edição posterior o diário foi publicado integralmente.

Outra obra autobiográfica no mundo ocidental relevante é de 1958, *Memórias de uma moça bem-comportada*, de Simone de Beauvoir. Diferentemente das memórias de Anne Frank, que não trazem representações da mulher na sociedade, essa obra carrega elementos feministas e o tom de denúncia se dá em relação à opressão velada às mulheres em uma sociedade burguesa que associava o casamento à ascensão social, incluindo para isso o controle sexual da mulher. Na verdade, esse texto deu continuidade às ideias já disseminadas no livro *O segundo sexo* de 1949, também de Beauvoir. Ambos os livros, embora direcionados principalmente às mulheres da classe burguesa, foram fundamentais para a conscientização das mulheres, sendo até hoje referências para movimentos feministas e estudos acadêmicos sobre gênero. Beauvoir fala sobre casamento, sexualidade, aborto, além de reflexões sobre a história das mulheres:

Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicavam o privilégio; alienaram parcialmente sua existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir. [...] O lugar da mulher na sociedade é sempre eles que estabelecem. Em nenhuma época ela impôs sua própria lei (BEAUVOIR, 1980, p. 97-98).

À mulher, relegada a ficar em casa e cuidar da prole, ou simplesmente por não possuir o mesmo vigor físico para o trabalho, não tinha espaço para compartilhar com o homem as descobertas, as conquistas, enfim exercer atividades que viriam a “trazer progresso” para a sociedade. Os termos “rainha do lar” e “homem provedor”, tão comuns na sociedade burguesa, são um reflexo dessa circunstância primitiva e que legitimou o estabelecimento e exercício do poder pelas mãos daqueles que sempre o detiveram. Mais do que isso, a educação burguesa colocava as mulheres em uma situação de dependência

do homem, fazendo com que muitas vezes, elas não ousassem sequer fazer reivindicações.

Ainda segundo Simone Beauvoir (1980):

A burguesia obedece exatamente a esse programa. As mulheres são escravizadas à cozinha, ao lar, fiscalizam-lhes ciumentamente os costumes; confinam-nas em um ritual de *savoir-vivre*, que trava qualquer tentativa de independência. [...] A mulher burguesa faz questão de seus grilhões, porque faz questão de seus privilégios de classe (BEAUVOIR, 1980, p. 145).

O desabrochar da consciência feminina, que no Brasil começa no século XIX, parece ser um vislumbre de que os privilégios de classe já não bastavam para estas mulheres burguesas e de outras classes sociais. Ao se tratar da escrita no ciberespaço produzida por mulheres como forma de transgressão e demonstração de autonomia, observado que os diários íntimos são as primeiras tentativas femininas de autoexpressão por meio da escrita, parece possível afirmar que os blogs são, de certa maneira, uma continuidade desses diários. Mas, ao perderem seu sentido privado, dão a qualquer voz alcance de notoriedade por meio das subjetividades expressas em seus textos. Silva (2010) comenta sobre um dos aspectos da escrita feminina:

Por terem sido encarceradas entre os muros ou paredes de suas casas, impregnaram-se também dos sentimentos e aspectos relacionados ao interior, ao escuro, ao subjetivo, às entranhas, ao corpo, às sensações várias das emoções e da pele ou dos nervos, sem que essa particularização soasse como elemento negativo (SILVA, 2010, p. 40).

O relato íntimo pode ser visto então como verdadeira arma de libertação, uma possibilidade de expressão daquilo que não se podia dizer e daquilo que não se poderia sequer pensar. A importância do diário se concretiza ao servir muitas vezes como legado histórico daquelas mulheres que, fadadas à vida doméstica, encontram um canal de expressão em um contexto em que, diferentemente de agora, o público e o privado tinham seus limites rigidamente demarcados.

O diário íntimo manuscrito também tem a característica de ser “o livro de um só autor”, enquanto que o blog pode vir a ser uma construção coletiva dependendo do número de pessoas que leem e comentam os textos que lá estão. Schittine (2004, p. 132) fala da diferença da relação entre escrever manualmente e digitar suas emoções quando compara o papel à tela do computador, dizendo que “[a] caneta é um prolongamento da mão, ao passo que o teclado supõe um distanciamento e a tipografia, uma uniformização”.

Essa afirmação “romanceada” da forma como se escreve, que sem dúvida tem muito a revelar sobre o escritor, não se pode comparar à liberdade de alcance do blog e, principalmente, as ideias expressas no texto são mais importantes que a uniformização da letra.

Quando pensamos a questão da esfera pública e privada, há de se lembrar que Habermas em *Mudança Estrutural da Esfera Pública* trata da “democracia das massas”, tendo como contexto histórico-social o declínio da esfera pública burguesa e o surgimento do capitalismo industrial. O conceito de esfera pública defendido por Habermas tem especial destaque para a formação do espaço público moderno. A ideia de espaço público existe desde a Grécia Antiga enquanto forma que permitia a troca de opiniões entre os cidadãos, nomeadamente sobre assuntos de ordem política. Ainda segundo Habermas, o surgimento da esfera pública burguesa se deu devido à facilidade de transmitir informações e inicialmente era constituído unicamente por homens:

A esfera pública burguesa pode ser entendida inicialmente como a esfera das pessoas privadas reunidas em um público; elas reivindicam esta esfera pública regulamentada pela autoridade, mas diretamente contra a própria autoridade, a fim de discutir com ela as leis gerais da troca na esfera fundamentalmente privada, mas publicamente relevante, as leis do intercâmbio de mercadorias e do trabalho social (HABERMAS, 1994, p.42).

Havia um abismo entre a “polis” grega (em que participavam os homens) e o espaço doméstico (relacionado às mulheres) em termos de fluxo de informação e o uso da palavra. Seguindo as ideias de Habermas, essa ideia de espaço público é baseada no elitismo e na dominação e, ao mesmo tempo, pensando no aspecto literário, vemos no século XVIII o surgimento de um conjunto de obras que tinham como núcleo a vida das pessoas que tinha notoriedade dentro da sociedade, os burgueses. Nesse sentido, a literatura começa a formar parte do cotidiano das pessoas e a esfera pública composta por burgueses funciona como um laboratório de opiniões. É neste mesmo século que surge a consciência do privado e da autonomia como algo essencial para formar o que era chamado “público”. Acresça-se a isso a anotação de que as cartas e os diários íntimos se tornam comuns como práticas de escrita: “O século XVIII é uma época de expansão das cartas, em que notas íntimas, relatos de viagens ou mera cortesia, passam a ser essenciais para a troca de informação” (SANTOS, 1998, p. 10).

Ao se considerar que, no século XIX, os diários íntimos podem ser vistos como uma maneira de inserção da mulher na burguesia, isso significa que esta mulher pertence a uma classe letrada, ao universo culto, tornando-se aspirante a um bom casamento (em termos de garantir e/ou ampliar seus bens). Nas famílias burguesas era comum que os pais dessem às filhas um diário para escrever, estimulando a atividade da escrita, da reflexão, do olhar para dentro e colocar no papel o que acontece com elas. Quanto aos filhos, eram estimulados a atividades ao ar livre, a fazer descobertas. Nesse sentido é que o blog e o diário mais se diferenciam; ao passo que o diário marca as distinções de gênero, o blog as dispersa em aspectos que vão desde a linguagem utilizada até o ato de utilização a internet como meio de expressão.

Os blogs sonham com a indiferenciação de gêneros entre homens e mulheres. A todo momento eles expressam seu anseio de um tempo em que todos poderão exercer sua sexualidade de forma igualitária. Isso ainda é uma utopia, porque, para que as mulheres usufríssem de uma total liberdade, seria preciso esperar que ela se espalhasse por todos os povos e classes subalternas do mundo (LOBO, 2007, p. 73).

A ideia de que os blogs são a continuidade dos diários íntimos se confirma de com a questão do “status social”, em termos de a escritora ter a competência para escrever e para se expressar (até para si mesma) em uma rede na qual todos podem ter acesso e que, ao mesmo tempo, também dá acesso a fontes de pesquisa ou inspiração. Esse prestígio se confirma, sobretudo levando em consideração que a educação foi negada às mulheres durante muito tempo em muitos países.

O blog também serve com prova de que sua autora ascendeu a uma classe social onde a escrita circula; as citações que faz nos blogs comprovam seu conhecimento erudito. Manter um diário é dar mostras de possuir cabedal (capital) intelectual, pois a competência linguística denota a representação simbólica própria de uma determinada classe ou grupo seletivo na comunidade. É uma forma de demonstrar que a autora do diário superou a divisão de classes. Não são as filhas da alta burguesia que escrevem blogs. Através de sua escrita, as blogueiras afirmam: eu tenho mais que papel e lápis; tenho um computador e uma banda larga na internet. Eu tenho cultura literária, de outra forma jamais conseguiria escrever um blog (LOBO, 2007, p. 78).

Entre as diferenças entre o blog e o diário íntimo, não se pode deixar de mencionar a questão da linguagem utilizada pelos blogueiros, carregada de marcas de oralidade. Uma confirmação disso está um comentário de quatro de julho de 2011 de um leitor

anônimo, que conheceu o blog depois de ver a série na televisão: “percebi que ao ler seus textos é como ouvir você falando. Sua entonação e as pausas que dá enquanto fala segue igualmente nas narrativas de seu texto. Ler qualquer coisa sua em voz alta, respeitando corretamente as pontuações, é como estar imitando seu modo de falar. Isso é incrível!”<sup>8</sup>

Todos os elementos que compõem um blog, desde as cores usadas no fundo até o formato das letras, compõem o conjunto de pistas que o identificam e que provavelmente antecipam os assuntos que serão tratados naquela página. Uma das marcas da escrita do blog pessoal é a espontaneidade e a informalidade; nem sempre se vê uma preocupação com as normas da língua, o que realmente se objetiva é a publicação dos fatos e/ou sentimentos na página.

Quanto aos blogs, em especial os autobiográficos (aqueles em que não há um tema central diferente das vicissitudes cotidianas do próprio autor), a linguagem funciona em algumas ocasiões como terapia e em outras como instrumento e identidade para a formação de vínculos sociais (ORIHUELA, 2007, p.10).

De acordo com Bakhtin (2003, p.140) o autor de biografia é “aquele outro possível, que se infiltrou na nossa consciência e frequentemente dirige os nossos atos, apreciações e visão de nós mesmos ao lado do nosso *eu-para-si*”. Dentro dessa concepção, retoma-se a ideia de que a subjetividade sempre foi e é de grande interesse por parte do público e está sendo cada vez mais explorada como entretenimento pelas mídias comunicativas tanto impressas como digitais, literárias ou não.

Se o diário íntimo manuscrito tem um valor pedagógico, está relacionado aos bons costumes e também faz parte do código da mulher bem-comportada que pretende realizar um bom casamento para a manutenção da propriedade da família, as escritoras de blogs, por estarem imersas nessa nova mídia que é a internet, podem construir seus textos com imagens e vídeos, de acordo com suas vontades. Além disso, o blog representa uma rebelião não apenas contra as normas cultas da escrita, mas uma rebelião no que se refere à própria estruturação do texto:

Nessa linguagem indecorosa, há uma combinação de perversão, voyeurismo e desejo de experiências fortes que transforma a intimidade numa expressão pública de revolta e insubmissão, de desrepressão e de revelação de novos comportamentos. Hoje o ponto de partida é o corpo,

---

<sup>8</sup> Disponível em <<http://www.adoravelpsicose.com.br/2010/10/rapidinhas-da-psicotica.html>>

mas seu objetivo é uma nova ética igualitária e justa com as mulheres (LOBO, 2007, p. 79).

Apesar do paralelo estabelecido com o diário íntimo, devido às semelhanças em termos de escrita íntima, não podemos considerá-lo meramente como um diário online. Para Magnabosco (2010), o blog abriga muitos gêneros e, portanto, a autora o considera como um “hipergênero constelar” materializado por um software. Nesse sentido, essa conceituação não apenas reconhece, mas valoriza o aparato tecnológico classificando o blog como gênero virtual. Segundo a mesma autora, existem várias discussões acerca do blog enquanto grande árvore de gêneros textuais. Aqui, a percepção do blog baseia-se na sua possibilidade como gênero literário, uma espécie de diário aberto, formado por histórias que passam possível e obviamente pelo crivo pessoal de quem as escreve. Dentro desta percepção, o blog é visto como um território/espço que acolhe visitantes que podem se tornar também autores na área de comentários, gerando uma retroalimentação da página na internet.

Ficcionais ou não, enquanto relatos pessoais, os blogs mantêm em suas vozes o tom de revelação íntima (RODRIGUES, 2004), ainda que se trate de uma mera opinião sobre futebol, culinária, a vida de celebridades – ou, como no caso de *Adorável Psicose*, opiniões/relatos sobre o universo da afetividade nos dias atuais. Existe, então, um paradoxo que chama a atenção por unir autores e leitores: essas “revelações” se mostram públicas, mantendo uma história de si e ao mesmo tempo correspondendo à necessidade hipotética do leitor (visitante do blog) por um verismo ou estabelecendo uma possível correspondência com uma realidade palpável ou encontrável, agindo naquilo que se viu como “literatura de rede”. Barthes chama tais condições de *biografemas*: “Essas cápsulas de subjetividade que fragmentam o eu em pequenas partículas servem para aproximar esse eu de um determinado grupo de leitores” (*apud* SCHITTINE, 2004, p. 194). Assim, é possível estabelecer relações de cumplicidade (ou de discordância) com todos aqueles que escrevem algo no blog, sejam eles os leitores ou os próprios autores.

As experiências, expectativas, decepções, enfim, aquilo que antes estava restrito ao papel, à condição física dos diários íntimos – muito bem guardados, já que afinal continham segredos – agora está exposto na rede e é passível de discussão por qualquer um que tenha acesso e sinta-se motivado a comentar por qualquer razão. O caráter da intimidade é preservado (particularmente pela condição de sua possível verdade), porém

não mais o caráter do secreto, quando se trata de um diário virtual disponível em linha (*online*):

O contorno aberto e impreciso do “espaço biográfico” – na verdade, uma espaço/temporalidade – não cessou de expandir-se no marco da globalização, alentado pelo desdobramento sem fim das tecnologias: multiplicidade de formas, gêneros, estilos e suportes, que tanto imitam como contrariam a seus antecessores, ocorrências mediáticas, acadêmicas, literárias, cinematográficas, nas artes visuais, na Internet, práticas que alteram decisivamente os umbrais entre o público, o privado e o íntimo e que dão conta, mais além da análise específico de seus gêneros, de uma verdadeira reconfiguração da subjetividade contemporânea (ARFUCH, 2014, p. 70, tradução nossa).<sup>9</sup>

Os sujeitos contemporâneos encontram no ciberespaço, nas redes sociais e, mais especificamente, nos blogs um conjunto de elementos que favorece suas representações individuais e coletivas. Ao mesmo tempo, esses sujeitos se representam na internet, evidenciando o caráter plural e público desse meio, que dispensa qualificações e dá a todos a possibilidade de escolha sobre o que escrever e o que ler, independentemente do local em que se encontram. As subjetividades contidas nos textos de blogs pessoais tendem a provocar o público leitor, que também busca uma identidade, tanto de idolatria (no caso de seguidores) quanto de simetria quando se vê diante de situações que se assemelham ao seu próprio mundo. Existe ainda uma parcela do público leitor que apresenta críticas e isso torna o blogueiro uma referência positiva ou negativa ao tratar de determinado assunto. O benefício de participar do ciberespaço não é apenas para o blogueiro, mas também dos leitores, uma vez que o blog permite interação entre quem escreve e quem lê numa construção coletiva do texto.

As mulheres blogueiras representam o feminino contemporâneo de uma maneira bastante autêntica, feita por elas mesmas com a contribuição de seus leitores pelo número de acessos a suas páginas e pelos comentários postados por estes que acessaram, leram o conteúdo e deixam suas impressões. A afirmação identitária do blog não apenas legitima um novo tipo de literatura, marcada pela subjetividade, mas, principalmente, indica que a internet pode abrir espaço para as mulheres se afirmarem como sujeitos autônomos, sujeitos esses que fazem parte de uma comunidade letrada, criativa e crítica e que,

---

<sup>9</sup> El contorno abierto e impreciso del “espacio biográfico” – en verdad, una espacio/temporalidad – no ha cesado de expandirse en el marco de la globalización, alentado por el despliegue sin fin de las tecnologías: multiplicidad de formas, géneros, estilos y soportes, que tanto remedan como contrarían a sus antecesores, ocurrencias mediáticas, académicas, literarias, cinematográficas, en las artes visuales, en Internet, prácticas que alteran decisivamente los umbrales entre lo público, lo privado y lo íntimo, y que dan cuenta, más allá del análisis específico de sus géneros, de una verdadera reconfiguración de la subjetividad contemporánea.

finalmente, pode ser vista e ouvida por qualquer outro que faça parte dessa comunidade. As mulheres deixaram de ser as excluídas para se tornarem protagonistas de suas histórias, ainda que essas histórias estejam repletas de gírias, palavrões, entre outros elementos que a sociedade considera “feio” e “de mau-gosto”. E não, as histórias não são mais escritas por moças bem-comportadas, mas por mulheres que pretendem se expressar em uma mídia de alcance global e que não necessariamente seguirão os padrões de comportamento preestabelecidos.

## **2.2 A IMPORTÂNCIA DO MEIO DIGITAL PARA ESCRITA FEMININA**

A chamada “escrita feminina” é um tema questionado em várias áreas dos estudos sobre literatura. Parece importante que alguns pontos sejam ainda trazidos à discussão em termos de textos de autoria feminina e do meio em que esses textos se propagam. Neste trabalho os textos de autoria feminina que pretendemos discutir estão alocados na plataforma virtual, no chamado ciberespaço e, portanto, cabe estudo sobre a chegada de mulheres autoras ao meio virtual, as causas e, principalmente, as consequências do uso desse espaço por mulheres.

Antes de prosseguir nesse tópico, é importante esclarecer do que estamos tratando ao falar de escrita feminina, pensando na diferença existente entre literatura feita para mulheres e por mulheres, sobretudo quando se trata do espaço que autores e autoras tinham e/ou poderiam ter no meio impresso. Alguns estudos acadêmicos tentaram dimensionar a questão da escrita feminina investigando traços comuns em obras de autoras, não necessariamente feita para mulheres, mas obras que merecem atenção devido à sua representatividade como participação da mulher dentro do mundo literário. O gênero “romance de folhetim” e a popular “chick-lit” fazem parte dessa abordagem na tentativa de abordar a literatura consumida por mulheres (sendo de autoria feminina ou não), porém, a “escrita feminina” aqui tratada deve ser entendida como a literatura de autoria feminina. Nesse sentido, toma-se nesse trabalho o mesmo argumento de Silva (2010, p. 31) nas vezes em o termo “escrita feminina” for usada:

Apenas restrinjo a minha visão sobre o fenômeno para a escrita de autoria feminina porque entendo que os assuntos ou motivos literários que abordarei, mais adiante, como elementos sustentadores dessa categoria são inerentes às mulheres e melhor re-presentadas por estas (SILVA, 2010, p. 31).

Algumas particularidades em relação à questão dos meios para a propagação desses textos, quando se fala em ambiente virtual e escrita digital, necessitam especial atenção. Inicialmente, pensando na forma em que são expostos os conteúdos depois da “superação do papel” pela tela, em um espaço virtual somam-se elementos gráficos aos textos que acabam por dar forma essa nova modalidade de escrita. Pode-se dizer que há uma polifonia em termos de linguagem dentro de um mesmo texto, que remete a possibilidades estéticas somente possíveis dentro do ciberespaço e por meio do hipertexto.

Outra questão que se levanta ao se tratar da escrita digital de autoria feminina é a seguinte: quem será o público leitor desse novo fazer literário? Da mesma maneira que no século XXI a escrita (de autoria feminina ou não) encontra cada vez mais caminhos abertos (e pode-se dizer que passa pelo experimentalismo, uma vez que um novo suporte é encontrado, o meio digital), também se abre caminho para uma nova relação autor-obra-público que quase sempre se dá de forma direta e instantânea. Apesar de sua volatilidade, o blog possa talvez se constituir no primeiro passo para investidas mais sólidas para quem escreve e quem lê. Não raros são os casos de blogs que mais tarde têm seus textos compilados, editados e lançados como livros ou transplantados para outras mídias, no caso de Klein, a televisão.

O meio digital tem servido como um instrumento de reverberação para vozes de grupos sociais historicamente desprestigiados pelos cânones literários e ignorados pela sociedade em geral. Sobre o uso do meio digital como nova mídia e como espaço democrático, Santaella (2003, p. 28) afirma:

a era digital vem sendo também chamada de cultura do acesso, uma formação cultural está nos colocando não só no seio de uma revolução técnica, mas também de uma sublevação cultural cuja propensão é se alastrar tendo em vista que a tecnologia dos computadores tende a ficar cada vez mais barata (SANTAELLA, 2003, p. 28).

É inegável que as novas tecnologias e formas de comunicação reconfiguram os espaços e, dentro desses novos espaços, já se pode ver uma nova esfera pública, mais democrática (relembrando as ideias de Habermas) e que permite a discussão e a publicação de ideias sobre os mais variados assuntos. Para fazer parte dessa esfera de comunicação basta contar com um computador e o acesso à internet que, como já vimos, está cada vez mais acessível.

A igualdade por direitos dos gêneros é uma luta marcada por desafios em encontrar brechas dentro de um sistema patriarcal para fazer-se escutar. Os meios de comunicação ainda que pudessem oferecer esse espaço estavam limitados por se tratarem de meios impressos e economicamente mais dispendiosos, sem falar que controlados por um “patriarcalismo” econômico. Isso começa a mudar quando os meios de comunicação fazem uso da internet e, sobretudo, quando os sujeitos podem criar seus espaços independentemente de editores ou qualquer aprovação para chegar ao grande público.

Graças aos diversos movimentos que surgiram ao longo do século XX, pôde-se (e pode-se) visualizar o surgimento de uma sociedade multicultural, o que favoreceu a possibilidade de reivindicações das minorias, gerando, assim, transformações que se refletiram em diferentes áreas, entre elas, na literatura. Essas transformações, advindas de movimentos promovidos por minorias, possibilitaram o questionamento dos valores hierárquicos de ordem patriarcal dominantes no campo literatura, como, por exemplo, a questão da presença da mulher no cânone literário.

É preciso mencionar também que embora a internet seja um canal de reverberação para as vozes de grupos menos privilegiados, como é o caso das mulheres, a autonomia que se tem com a oportunidade de fala de e para qualquer pessoa por meio desse meio de grande abrangência pode facilitar também a perpetuação de ideias de desigualdade (racial, social, política ou de gênero) e/ou discursos de ódio:

Como qualquer outro *médium*, por detrás das promessas de maior participação democrática há certos riscos para a liberdade e para os valores democráticos. A facilidade com que os novos media organizam redes de sociabilidade com potencial positivo também tem, naturalmente, o reverso da medalha que é a igual facilidade de organizar as mais obscuras relações e comunidades (SILVEIRINHA, 2010, p.360).

Partindo, inicialmente, da análise de representações da mulher e do feminino em obras produzidas por homens, talvez esteja aí a primeira forma de crítica literária feminista, orientada pela necessidade de revisar e criticar as estruturas conceituais que reforçavam dogmas e estereótipos culturais. O conceito de gênero se tornou um tema relevante na medida em que a distinção em relação ao sexo é colocada em pauta. Além de questões biológicas, ao adentrar a esfera cultural, é que se verifica a presença de hierarquias entre os sujeitos, por um processo marcado pelas relações de poder historicamente construídas.

Por outro lado, a busca pela representação de gênero torna-se algo bastante delicado no sentido de muitas vezes essas representações generalizam e conseqüentemente simplificam a imagem da mulher, elencando-a como uma única identidade. Ainda que os estudos feministas busquem uma legitimação social para as vezes femininas, Judith Butler aponta algumas falhas no percurso do movimento feminista ao longo de sua trajetória, sendo que uma delas consiste na “presunção política de ter de haver uma base universal para o feminismo, a ser encontrada numa identidade supostamente existente em diferentes culturas” (BUTLER, 2003, p.10). Ainda segundo a autora:

Não basta inquirir como as mulheres podem se fazer representar mais plenamente na linguagem e na política. A crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação (BUTLER, 2003, p. 07).

Da mesma maneira, a ideia de um “patriarcado universal” vem sendo constantemente questionado, se são levados em consideração os mecanismos de opressão de gênero dentro de diferentes contextos. Nesse sentido, o próprio feminismo adquire nuances de estrutura hegemônica. De acordo com Castro (2006, p. 152)

Os caminhos da continuação no século XXI do movimento feminista passam por uma revisão crítica de seus pressupostos conceituais. Não podemos querer reproduzir os mesmos erros que havíamos criticado no patriarcalismo. Desta forma não convém, por exemplo, universalizar todo o debate sobre as reivindicações feministas como se em todas as culturas as reivindicações fossem as mesmas, nem acreditar que a definição da mulher deve acontecer através da negação do masculino.

Apesar das dificuldades no percurso, o movimento feminista obteve conquistas e hoje é possível verificar uma maior presença de mulheres nas esferas públicas. Sem dúvida houve uma superação de várias restrições sociais e culturais, juntamente com o acesso à educação e à informação. No que interessa mais precisamente ao presente argumento, o uso do meio digital para exercer a subjetividade, por exemplo, mostra que os diários manuscritos e mantidos sob sigilo dão lugar à exposição da intimidade em blogs confessionais que talvez finalmente consigam trazer à tona a identidade feminina dentro de sua diversidade e considerando sua individualidade:

O mito metafísico da natureza exclusivamente biológica da mulher vai sendo pouco a pouco destruído. Assim, apesar de muita coisa ainda precisar ser feita, o movimento feminista pode respirar mais livremente e permitir-se uma análise autocrítica sem pôr a perder aquilo que já conquistou (CASTRO, 2006, p.148).

A auto-representação, no caso desse material do mundo digital, pode ser percebida como uma problematização da busca da identidade pela subjetividade, tão própria do diário íntimo/blog, e que no sentido mais amplo acaba por revelar um desejo de tais sujeitos que se auto-representam de possuírem um poder de modificação da realidade e de relações hierárquicas. Quando as mulheres passam a se auto-representar pela literatura e, sobretudo, no ciberespaço, meio eficaz para atingir o grande público, dá-se um passo em direção à desconstrução de conceitos há muito estabelecidos por uma lógica sexista e excludente. De acordo com Ávila (2007, p. 7), “[o] projeto de desconstrução das ‘verdades’ ligadas a estes conceitos mostra-se de grande importância para as mulheres, na medida em que estas foram, durante muito tempo, atreladas a uma identidade de gênero fixa e fixada a partir de seu corpo biológico”.

Nesse sentido, há uma carga de valores e significados atribuídos às mulheres e aos homens em sociedade em termos da constituição de gênero, enquanto modelo de conduta (logo, de representação). De acordo com a pesquisadora Escosteguy, “valores, regras, posturas, obrigações e deveres que expressam o que é ser homem ou ser mulher numa dada cultura ou sociedade” (ESCOSTEGUY, 2008, p.6).

Se antes o termo “gênero” inicialmente estava ligado a tudo o que fosse relacionado à mulher, tornando-se quase sinônimas as palavras “mulher” e “gênero”, vemos que atualmente o termo foi incorporado a várias áreas do conhecimento ganhando diversas nuances. Somente quando o gênero é tratado pelo viés relacional é que se descobriu uma concepção dos papéis sexuais, na qual homens e mulheres podem ser analisados a partir da relação que estabelecem dentro da esfera social/cultural. O gênero, nessa perspectiva, significa a organização social das diferenças sexuais, na qual o sexo refere-se à esfera do biológico e o gênero à esfera sociocultural:

Neste sentido, dizer gênero quer dizer masculino-feminino na sua relação de produção social e cultural, na criação e na aprendizagem dos comportamentos e na reprodução desses mesmos comportamentos. Dizer homem e mulher, já é introduzir um ‘modo de ser no mundo’ próprio de cada sexo, um modo de ser que fruto de uma teia complexa de relações culturais (GEBARA, 2000, p. 111).

Os conceitos conhecidos por “masculinidade” e “feminilidade” são resultados de discursos, normalmente sexistas, produzidos socialmente e incorporados aos hábitos, costumes e comportamentos de um povo. São estes discursos que legitimam as relações de poder entre os sexos, hierarquizam as posições sociais e criam um sistema de dominação, um jogo simbólico no qual os papéis sexuais incorporam padrões peculiares a cada sexo dentro de determinado espaço. Não adentraremos aqui a questão da orientação sexual que também se encontra (para muitos, erroneamente) envolvida no tema dos papéis sexuais, porém é inegável que este tema esteja profundamente atrelado à questão de gênero, sobretudo quando se fala de padrões comportamentais preestabelecidos em determinada sociedade. Bordieu (1999, p. 86) aponta para uma ordem social na qual a dominação masculina se impõe como um mercado de bens simbólicos dominado pela visão masculina:

percebido pelo olhar masculino ou por um olhar habitado pelas categorias masculinas – as que se aplicam sem que seja possível enunciá-las de modo explícito, quando se elogia uma obra de mulher porque ‘feminina’ ou, pelo contrário, ‘nada feminina’. Ser ‘feminina’ é essencialmente evitar todas as propriedades e práticas que podem funcionar como signos de virilidade, e dizer de uma mulher de poder que é ‘muito feminina’ não é senão uma maneira particularmente sutil de se lhe denegar o direito a esse atributo propriamente masculino que é o poder.

Por meio da literatura, as mulheres foram ganhando voz, ainda que inicialmente seus escritos ainda tivessem resquícios de uma educação voltada para os bons costumes e as representações de si estivessem bastante limitadas, não refletindo a mulher como um ser autônomo. À medida que as mulheres se afirmavam como sujeito, os questionamentos passam a ser mais frequentes e ácidos, a fim de realmente corroer as camadas de um molde imposto durante séculos pelo patriarcalismo. As décadas de 1970 e 1980 foram um período significativo enquanto busca das mulheres por uma identidade. As autoras da época trazem em seus escritos “uma voz de mulher desencantada, que conquista a liberdade, mas descobre que esta não foi ainda incorporada pelo sistema...” (COELHO, 1993, p. 18). Esse ponto se legitima se verificamos questionamentos das estruturas patriarcais na obra de Hilda Hilst, que apontam para esse sistema de opressão sem necessariamente colocar a mulher como vítima, mas como ser consciente de si, revelando ideias, sentimentos e a sexualidade da mulher no contexto brasileiro da época.

No final do século XXI, a internet abriu caminho para que a divulgação de produções escritas de e para qualquer parte do mundo, de e para qualquer pessoa que tivesse acesso à internet. Visando estudar as produções femininas presentes no ciberespaço, neste trabalho as subjetividades virtuais expressas nos blogs são vistas como uma espécie de comprovante das experiências íntimas das mulheres dentro de um espaço de escrita coletiva que permite voz a esse grupo por muitas vezes negligenciado. A oportunidade para fazer seu discurso reverberar chegou pelas novas mídias: antes, os jornais, agora a internet. Ou seja, cabe a pergunta se essa nova prática de escrita, híbrida de palavras, imagens e sons, polifônica, dinâmica, abrangente, livre do crivo de especialistas e que se encontra em um plano imaterial é o que está reservado para o público leitor.

### **2.3 CHICK-LIT: ANTES E DEPOIS DA CHEGADA DA INTERNET**

A escrita de autoria feminina, ainda que ocupando menos espaço que a literatura feita por homens (e isto se confirma se olharmos para o número de mulheres que pertencem ao cânone literário), foi aos poucos encontrando maneiras de contornar as dificuldades em relação à publicação e divulgação de suas obras. Um subgênero particular desse contexto é o *chick-lit* (ou literatura para mulheres); embora não se restrinja à autoria feminina, trata-se de um texto direcionado ao público feminino na longa tradição burguesa do entretenimento de rodapé, típico do folhetim. A busca de definição e afirmação de identidade faz com que as mulheres escritoras utilizem-se “da narrativação do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma, sua eficácia discursiva, material ou política, mesmo que a sensação de pertencimento [...] esteja, em parte, [...] na fantasia” (HALL, 2000, p. 109).

Em inglês, o termo "chick" é usado para designar mulheres, em especial, as jovens. Essa literatura feita para mulheres recebeu a classificação de *chick-lit* (surgido na década de 1980 na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos) e traz geralmente mulheres como protagonistas. Aplica-se o termo a obras que abordam o universo feminino e normalmente são classificadas como mero entretenimento trazendo assuntos como amor, família e relacionamentos.

Embora a expressão seja relativamente nova, é possível encontrar um exemplo desse gênero textual no século XIX: a obra *Little Women* (1868) de Louisa May Alcott, no sentido de ser uma obra voltada para a documentação da vida íntima e doméstica das

mulheres, cuja sequência foi o *Good Wives*, a segunda parte da obra, possivelmente remediada e atualizada pela série televisiva *The Good Wife*. Devido ao largo impacto mediático, há de se lembrar também de *Bridget Jones's Diary*, baseado nas crônicas publicadas no jornal *The Independent* pela jornalista Hellen Fielding. Mais tarde viriam o livro, o filme, a sua sequência e seu blog<sup>10</sup>, cujas origens podem ser buscadas na literatura epistolar do século XVIII, especialmente aquela de tom confessional.

De fato, *O diário de Bridget Jones*, além de um sucesso de bilheteria, também se tornou um *best-seller* do meio editorial nos anos noventa. Esta obra ilustra como a indústria cultural se apodera das várias mídias a fim de atingir o maior número de leitores, expectadores e leitores-autores. Pode-se dizer que a indústria do livro, em parte, obedece a certo padrão de entretenimento que, devido ao apelo comercial, está moldado para atingir determinado efeito diretamente ligado a interesses econômicos. Na cultura de massa existe a questão de homogeneização veiculada pelos meios de comunicação e, se pensarmos que a cultura de massa é ideologicamente fabricada obedecendo a um princípio econômico, a obra literária entra na lógica capitalista de produção em série. Para essa questão, Bosi (1972, p. 72) alerta para as “distorções estéticas que sofre o objeto fabricado em série, na medida em que sua lei básica é a produção de efeitos no maior número de consumidores”. Na mesma linha de raciocínio, Dwight MacDonald (1963) usa o termo “masscult” para falar de um tipo de arte que obedece a critérios de produção com finalidade de conquistar o maior número de consumidores possível.

No início do século XXI, em termos de *chick-lit*, há dois expoentes bastante interessantes: as escritoras Stephanie Meyer e E. L. James publicaram séries de obra que se tornaram a vedete do mercado editorial entre mulheres jovens e adultas. *Crepúsculo* e *Cinquenta tons de cinza* e suas respectivas sequências chegaram às livrarias com sucesso de excelente vendagem. Ao passo que o público de Stephanie Meyer é composto basicamente por adolescentes, a trilogia “Cinquenta tons de cinza”, “Cinquenta tons mais escuros” e “Cinquenta tons de liberdade” estava direcionada para o público adulto por trazer em seu enredo uma relação de BDSM<sup>11</sup>. Seguindo uma fórmula (quase mágica), por meio da escrita confessional, a obra vendeu milhões de exemplares ao redor do planeta e a polêmica gerada pelo tema abordado, o BDSM, rendeu a versão cinematográfica tornando-se fenômeno de público e crítica. Não é uma literatura

---

<sup>10</sup> <http://bridgetarchive.altervista.org/>

<sup>11</sup> BDSM: Bondage, servidão/disciplina, dominação/submissão, sadismo/masoquismo

libertadora, na verdade, a situação de conforto para a leitora (ou consumidora?) que encontra na protagonista um “lugar comum” em termos de comportamento e aspirações. A protagonista Anastácia Steel (uma jovem do século XXI), Bridget Jones (final do século XX) e das irmãs March (século XIX) têm as mesmas preocupações. No caso de Bridget e Anastacia, encontra-se o mesmo perfil de mulher: solteira, sonhadora em busca de independência financeira e que deseja viver uma relação amorosa que culmine em casamento e a formação de uma família.

As narrativas das autoras citadas são marcadas pelo conservadorismo, desse modo não se pode considerar uma literatura emancipatória, pois perpetua comportamentos e opiniões balizados pelo patriarcado. É válido mencionar também que apesar da liberdade sexual nos séculos XX e XXI, nesses romances a heroína deve se ligar a um homem apenas, o que mostra o prevaletimento das relações heterossexuais e, sobretudo na obra de E. L. James, a questão sexual reproduz a imagem de Ana Steel como uma mulher vulnerável, submissa, influenciável e virgem que atende aos apelos de Christian Grey. Embora o cenário urbano traga a questão da mulher ocupar um lugar no mercado de trabalho, não se nota qualquer intenção de dar continuidade às propostas do movimento feminista. Não cabe dentro dessa narrativa confessional qualquer preocupação que não esteja vinculada à relação amorosa, assim como não cabe dentro do mercado editorial nada que não esteja direcionado para o sucesso de vendas.

Dessa maneira, quando se fala em *best-seller*, é bastante comum que adjetivos como “descartável”, “imediatista” e “superficial” sejam quase que imediatamente relacionados devido à natureza desse tipo de obra, direcionada para o mercado. Além de movimentar o mercado editorial, gera adaptações cinematográficas criando normalmente uma multidão de fãs devotados ao autor e seus personagens fictícios. As obras consideradas não canônicas estão vinculadas à cultura popular e, de acordo com Campello (2013, p. 235), “Fala-se em literatura que traz um divertimento passageiro, de comunicação instantânea, fácil e agradável, criada para leitoras consumistas e passivas”. Segundo Sodré, os *best-sellers* da atualidade acabam reproduzindo a lógica dos folhetins, o que resulta no sucesso de vendas:

De fato, os livros normalmente rotulados como *best-seller* nos inventários de revistas e jornais ou nas prateleiras das próprias livrarias, costumam misturar elementos policiais com aventuras com sentimento ou sexo, com terror com *sagas* familiares, etc. [...] uma combinação variada de elementos que compõem a estrutura do texto folhetinesco ou literatura de massa (SODRÉ, 1988, p. 55).

Diferentemente da literatura que circula na academia, chamada também de “literatura erudita” que passa por critérios estéticos, os *best-sellers* estão direcionados para o mercado consumidor e, por isso, seus critérios são os de vendagem, aqueles que irão atingir o maior número de leitores. No caso da *chick-lit*, tendo em vista um público feminino, não há intenção de promover qualquer reação transformadora:

O reforço de estereótipos os quais estruturam a narrativa de *best-sellers* deixam as leitoras confortáveis, em lugar de lhes provocar, levando-as à inquietude necessária para uma possível transformação, como ocorre quando o texto apresenta qualidade literária e artística consistente e de maior complexidade (CAMPELLO, 2013, p. 235).

De acordo com Sodré (1988, p. 6) “o circuito ideológico de uma obra não se perfaz apenas por sua produção, mas inclui necessariamente o consumo”. Zilberman em sua obra *Fim do livro: fim dos leitores?* atenta para a questão de que aqueles que comandavam a indústria do livro sempre souberam da influência que a leitura pode vir a ter no sentido de ser transformadora. E o público leitor da época, ainda que pequeno, tinha entre seus integrantes mulheres. E o que poderia acontecer se essa parte da população tivesse acesso às mesmas informações que os homens? De acordo com a autora:

A popularização do livro, depois do século XVII [...] não ajudou a mudar a imagem da leitura, considerada perigosa, se aplicada em doses exageradas. Só que, com o passar do tempo, o sujeito debilitado pela leitura passa a ser definido pela marca de gênero: de leitor, ele se transforma em leitora, sendo a feminilidade, no caso, sintoma da fragilidade do indivíduo que se deixa dominar pelo mundo fictício e fantasioso transmitido pelo livro (ZILBERMAN, 2000, p. 28).

Assim, com uma leitura direcionada tanto no sentido comercial como ideológico, o gênero *chick-lit* ganhou espaço na cultura popular e se tornou alvo de estudos do meio acadêmico. De fato, o gênero em questão é bastante presente na sociedade; até mesmo nos séculos XIX e parte do XX, as leituras recomendadas às mulheres eram dessa natureza. Fugir disso implicava não atender ao perfil preestabelecido pela sociedade, já que as normas que moldavam (ou tentavam moldar) o comportamento de homens e mulheres eram bastante limitadoras para as mulheres principalmente.

Generalizar a demanda do mercado editorial por obras do gênero *chick-lit* como um retrocesso nas lutas feministas talvez seja um pouco errôneo. Gostaríamos de destacar a singularidade encontrada na Irlanda por Mary Ryan no sentido de enxergar essa

modalidade de escrita feminina como aquela que traz consigo marcas feministas em alguns aspectos. Segundo Ryan (2010), descrever as cenas de sexo desde uma perspectiva feminina seria uma atitude transformadora, já que historicamente na literatura o homem era o protagonista dessas cenas, a deixar para a mulher a posição passiva e coadjuvante:

A Chick-lit reverteu essas afirmações, descrevendo a *fêmea* como o protagonista sexual e retratar mulheres que estão felizes em tomar a iniciativa. É o enorme progresso feminista pensar que a chick-lit desenvolveu-se como um gênero de ficção que mostra as mulheres como buscando e merecendo prazer tanto quanto os homens, um conceito que seria inédito até muito recentemente<sup>12</sup> (RYAN, 2010, p. 96, grifo da autora, tradução nossa).

O caso da *chick-lit* na Irlanda, assim como nos outros países, ainda obedece às leis de mercado, porém, deve-se considerar o avanço desse gênero textual não como mais digno de ser pertencente ao cânone, mas, por ainda ser *chick-lit*, fazer parte das fantasias femininas com o diferencial de que essas fantasias agora estão mais próximas da mulher dona de seu corpo e de suas vontades. As fantasias não são direcionadas para o homem, mas sim para o despertar para o próprio corpo. Se muitas vezes foram consideradas “demasiado inocentes” e “superficiais”, as *chick-lit* e literaturas populares em geral, pode-se dizer que as escritoras irlandesas encontram-se na vanguarda da escrita feminina por quebrar os moldes quando não se intimidam ao tratar de temas mais sérios que atingem diretamente as mulheres, como, por exemplo, a violência doméstica: “Embora seja um tema raramente abordado no típico *chick-lit*, a *chick-lit* irlandesa aborda abertamente questões como a violência doméstica e estupro, criando fortes laços entre a *chick-lit* irlandesa e feminismo”<sup>13</sup> (RYAN, 2010, p. 98, tradução nossa).

A escrita de autoria feminina e direcionada para esse público retrata o ponto de vista da mulher amparada no eixo da diferença de gênero, de forma a elaborar enredos e personagens como protagonistas não passivos, mas sim realizadores de suas trajetórias dentro de uma trama. É uma tentativa da mulher, por meio da literatura, colocar-se em uma posição de sujeito autônomo inserido dentro de um determinado contexto social,

---

<sup>12</sup> Chick lit has reversed these claims by depicting the *female* as the sexual protagonist, and as portraying women who are happy to take the initiative. It is huge progress for feminist thought that chick lit has developed as a genre of fiction that shows women as seeking and deserving pleasure as much as men, a concept that would have been unheard of until very recently.

<sup>13</sup> Although it is a topic rarely broached in typical chick lit, Irish chick lit tackles issues such as domestic violence and rape at full force, creating strong ties between Irish chick lit and feminism.

histórico-político e econômico. A qualidade geral desse material contemporâneo do *chick-lit* pode ser vista por um prisma que prevê certa independência e ousadia à figura feminina, ainda que pautado quase sempre nas aventuras e desventuras de mulheres em face das exigências e das oportunidades da vida contemporânea.

Assim como outros gêneros textuais, a *chick-lit* também superou o meio impresso e é possível encontrar *chick-lit* também no meio virtual, com todas as nuances desse suporte: a liberdade linguística, a polifonia (no sentido do texto não ser apenas verbal, mas também composto por imagens e links), além da questão do perfil das protagonistas dessas narrativas: não são mais escritas por moças bem comportadas, no sentido de agirem conforme os ditames editoriais, mas por mulheres que pretendem se expressar sem peias em uma mídia de alcance global, como se pode ver em *Adorável Psicose* de Natalia Klein.

Há, portanto, um novo perfil, assim como na Irlanda, daquelas mulheres que escrevem e aquelas que leem (ou consomem) a *chick-lit* presente em blogs. Se a mudança no suporte implica uma mudança na escrita, e logo na leitura, deve-se pensar em um novo escritor e um novo leitor. Ora, se a *chick-lit* se encaixava no perfil de livros direcionados para o número de exemplares vendidos, os blogs, *chick-lit* ou não, são direcionados para o número de acessos. Por se tratar de um espaço para experimentalismos, autor, obra e leitor participam dessa nova modalidade de prática literária juntos. Não são raros os casos de fidelização de leitores, pela popularização do autor e pela compilação de suas postagens, sofrerem outras remediações como a televisão ou a própria busca do suporte impresso.

A liberdade que o meio digital trouxe para escritoras e leitoras permitiu também a utilização de uma linguagem mais informal e de narrativas de si, sem necessariamente a perpetuação dos valores sempre impostos pelo patriarcado. As autoras no meio digital, de acordo com Lobo (2007, p. 79) “abolem as regras do bom estilo, das normas gramaticais, da ortografia, do vocabulário cuidado, como as do bom comportamento e a divisão de tarefas em domésticas e externas, trabalho e lazer, que a sociedade tradicional espera que gênero feminino perpetue”. No caso do blog *Adorável Psicose*, a mesma liberdade admite também a sua evanescência, vez que um sítio com muitas visitas e até certa longevidade pode desaparecer de um dia para outro ou não contar mais com as postagens da blogueira. Embora ainda esteja *online*, Natalia Klein ficou mais de um ano sem fazer nenhuma postagem. Entre 13 de junho de 2013 e 17 de fevereiro de 2015 a blogueira não se manifestou. A última postagem data de 17 março de 2015. A blogueira

escreve outro seriado humorístico (Fred e Lucy) que nada tem a ver com o anterior (*Adorável Psicose*) já amparado pelas plataformas virtuais Facebook<sup>14</sup> e twitter<sup>15</sup>, além de ter inaugurado no mês de janeiro de 2015 seu novo blog: <http://7metaspara2015.blogspot.com.br/>.

Persistentes na escrita de tom confessional e mais do que nunca “reais”, as mulheres escritoras de blogs acabam por gerar uma grande identificação com o público leitor. Nesse aspecto o sucesso dos blogs escritos por mulheres tem suas raízes na *chick-lit* no sentido da identificação que se estabelece entre quem escreve e quem lê, além, é claro, da questão de ser uma leitura leve, parte do entretenimento diário, sem grandes pretensões políticas. Porém, agora há ainda uma novidade que torna mais tentadora a leitura desses textos: a possibilidade da interação dos leitores com o autor.

Não se pode desprezar a *chick-lit* impressa ou essa, presente nos blogs, cada uma dentro de suas especificidades, pelo fato de serem consideradas uma “escrita menor” devido aos temas abordados e à simplicidade do enredo. Apesar das críticas que tornam as obras do gênero *chick-lit* não aptas para formar parte do cânone, a mera existência dessa literatura é, em si, um movimento de contestação, uma tentativa de autoexpressão que, embora obedeça às leis de mercado, também é o registro histórico daquilo que mulheres buscam ao adentrar uma livraria ou acessar determinada página na internet. E quando se fala de acesso à internet, o público não se restringe às mulheres: no caso dos blogs, como *Adorável Psicose*, o conteúdo está disponível para homens e mulheres. Na verdade, foi o sucesso alcançado pelo blog *Adorável Psicose* não só entre o público feminino, mas sua projeção, que o levou à remediação televisiva; tal circunstância deve-se, além da escrita singular de Natália Klein, a vários fatores circunstanciais que envolvem os sujeitos contemporâneos, inclusive a efemeridade.

#### **2.4 MULHERES ESCRITORAS DE ONTEM E HOJE: ELOS COMUNS**

A história de mulheres escritoras encontra-se permeada por obstáculos de diversas naturezas para que houvesse uma maior participação significativa desse grupo nas esferas públicas. Firmar uma voz constituída pelas especificidades das subjetividades femininas é uma conquista que levou séculos para que ocorresse. A própria busca pela constituição

---

<sup>14</sup> <https://www.facebook.com/pages/Fred-e-Lucy/719066601501210>

<sup>15</sup> [https://twitter.com/fred\\_e\\_lucy](https://twitter.com/fred_e_lucy)

de uma identidade feminina pautada pela consciência das mulheres já configura uma contestação de modelos vigentes pensados dentro uma visão falocêntrica com balizas na ideologia cristã, burguesa e, portanto, patriarcal. A formação institucional para as mulheres surge quando o contexto histórico tem essa demanda, ainda que essa formação seja marcada por ideologias que não tinham como objetivo favorecer a reflexão ou fomentar ideias inovadoras a respeito dos valores instituídos. As estruturas vigentes da sociedade, leia-se a igreja, a família e a escola, segundo Bourdieu (1999, p. 103-104), “tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes” como se às mulheres lhes fosse necessário se manter alienadas. De qualquer modo, essa formação, ainda que restritiva, foi ponto de partida para o surgimento de contestações acerca da visão das mulheres sobre si mesmas e, logo, sobre o que as cercava.

Somente no fim do século XIX é que surge no Brasil em maior escala a escrita elaborada por mulheres, formada por aquelas pertencentes à aristocracia e que, portanto, tinham acesso à erudição. Primeiramente chegando à imprensa, algumas mulheres começavam a formar coletivos para pensar sua condição dentro da sociedade e divulgar suas ideias em jornais voltados para isso. Fora desse grupo, porém, o material produzido e, principalmente o material que era consumido massivamente por mulheres carregava uma imagem feminina construída pela sociedade patriarcal. A diferença entre indivíduo e sujeito consiste em sua participação na sociedade e naquele momento; assim a imagem feminina construída por mulheres dava apenas seus primeiros passos no sentido de que a mulher pudesse firmar a imagem de um ser igualitário, apto para tomar decisões e admitir seus desejos e vontades, de veras, como sujeito. Segundo Foucault, em sua obra *O sujeito e o poder*:

Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei da verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra *sujeito*: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a (FOUCAULT, 1995, p. 235).

Lentamente e apenas no século XX é que se pode vislumbrar uma escrita feminina liberta de valores da tradição. Superando o que “não era de bom tom” as mulheres começam a ganhar espaço na literatura e na mídia ainda que muitas vezes isso causasse

algum choque. A autonomia da mulher escritora se deu, portanto, por uma confluência de fatores diversos que passam pela questão da alfabetização, da demanda por mão de obra (qualificada ou não) e obviamente, pelo surgimento de meios de comunicação que se mostravam cada vez mais democráticos em termos de gênero.

Se, na virada do século XIX para o XX, encontrava-se no jornal a ideia de altofalantes das ideias feministas e como o caminho mais curto para se chegar ao editor (pensando no caso dos romances de folhetim), atualmente, a chegada ao editor e ao grande público se dá por meio da internet, que funciona como uma imensa vitrine para ideias de qualquer natureza. Nesse sentido, a internet oferece inúmeras possibilidades de criação, circulação, e maior participação em termos de consumo e produção no campo das artes. Ao tratar de escrita feminina na internet faz-se necessário pensar que o acesso das mulheres à criação no meio virtual representa uma transgressão dos valores vigentes que auxilia na construção de uma identidade feminina, além de finalmente configurar um empoderamento cultural levando em consideração as singularidades desse grupo.

Neste ambiente virtual interconectado surge finalmente a oportunidade de poder ser visto por outras pessoas e, ao mesmo tempo, ver a si mesmo, criando elos por meio da identificação de ideias, já que, de acordo com (SCHITTINE, 2004, p.151) “No fundo, todos querem ler sobre si mesmos. Se o autor acha o ponto em que o leitor pode se ver refletido como num espelho, descobre uma maneira de se aproximar do mesmo, de criar um vínculo comum”. Como canal para, entre outras vozes, a de gênero, o meio virtual apresenta uma relevância cada vez mais estudada no meio acadêmico devido ao constante crescimento e significação. Lúcia Santaella (2003, p. 31) menciona o termo “pós-humano” no campo artístico e antropológico para tratar do reflexo da presença das máquinas e do espaço virtual na vida real não no sentido de “humanos obsoletos”, mas de que “[a] expressão tem sido usada para sinalizar as grandes transformações que as novas tecnologias da comunicação estão trazendo para tudo o que diz respeito à vida humana, tanto no nível psíquico quanto social e antropológico. ”

No meio virtual encontramos toda natureza de gêneros textuais, além de temas diversos de autoria individual ou coletiva e, pensando na escrita de autoria feminina nesse meio, a situação é a mesma: a escrita feminina na internet trata de temas que vão desde moda e afazeres doméstico, até a articulação de movimentos feministas, formação de coletivos que tratam questões específicas de gênero entre outros temas. A conquista do ciberespaço por mulheres é a conquista de um novo espaço no qual as mulheres podem

externalizar suas ideias independentemente dessas ideias estarem relacionadas a temas considerados “exclusivamente femininos”.

Apesar de todas as conquistas alcançadas por mulheres na contemporaneidade advindas de lutas, que reivindicavam (e reivindicam) desde a alfabetização até a igualdade de salários dentro do mercado de trabalho, a escrita produzida por mulheres ainda necessita galgar espaço se considerarmos que “as mídias convencionais continuam a silenciar, secundarizar e excluir as suas vozes” (CERQUEIRA; RIBEIRO; CABECINHAS, 2009, p. 113). Dentro da sociedade ocidental em que as construções culturais do sujeito masculino e feminino estão baseadas em representações simbólicas sob o legado de uma organização hierárquica patriarcal, o entendimento dos papéis do homem e da mulher ainda carrega resquícios da confusão entre sexo, gênero e orientação sexual que colocam em segundo plano as vozes femininas.

### **3 CAPÍTULO 3: O CÔMICO DENTRO DE *ADORÁVEL PSICOSE***

Até aqui as discussões passaram pela questão da escrita feminina tendo como novo suporte o meio virtual. Para tratar do objeto de estudo em questão, porém, é necessário, nesse momento, analisar outro tema igualmente importante e passível de discussão: o cômico. Considerando como circunstanciais a ideia de identidade feminina e aquilo capaz de levar ao riso, especificamente no primeiro tópico desse capítulo, “A mulher e o riso”, pretendemos cruzar informações sobre o papel da mulher dentro da sociedade contemporânea e o cômico a partir do levantamento de alguns dados históricos que tornam possível relacionar esses dois elementos. Sem deixar de tratar da questão da autoria feminina e, portanto, do espaço conquistado por mulheres dentro da sociedade, esse capítulo será dedicado a estudar o cômico dentro da literatura e também da história no sentido de pensar a função desse elemento dentro do texto e da sociedade.

Devido à natureza desse trabalho, no entanto, o humor será analisado dentro do contexto contemporâneo no ciberespaço, já que nosso objeto de estudo, o blog *Adorável Psicose*, traz o humor em seus textos, imagens, vídeos e na própria configuração. Em sua versão virtual (o blog) e a televisiva (o seriado), *Adorável Psicose* traz uma linguagem carregada de humor, ainda que um humor negro, para descrever as situações em que se acaba envolvida a protagonista Natalia Klein. A escolha da escritora por abordar os temas de maneira cômica, com toques de ironia, torna a leitura agradável e marca a singularidade de sua escrita. A causa da popularidade do blog *Adorável Psicose* se

constitui em parte pela questão humorística ali presente. Assim, temos alguns elementos que nos levaram a eleger essa página da internet como objeto de estudo: é uma produção contemporânea de autoria feminina que, por meio do humor, narra as aventuras (ou desventuras) de Natalia Klein usando e tendo como suporte a internet.

### 3.1 A MULHER E O RISO: ESTIGMAS DE ONTEM E DE HOJE

Na Grécia Antiga, a comédia era tratada como um gênero literário menor: ao passo que a tragédia contava os feitos de deuses e heróis, a comédia falava de homens comuns. No entanto, é nesse momento que já aparecem os primeiros elementos da comicidade como, por exemplo, a sátira e a hipérbole, que até hoje acompanham aquilo que é chamado “humorístico”. De acordo com Propp (1992, p. 18, grifo do autor) “O cômico deve ser estudado, antes de mais nada, *por si e enquanto tal*”, e por isso nesse argumento será evitada a distinção ou a discussão sobre as diferenças entre tragédia e comédia. Aliás, Propp também comenta que após essa concepção grega de oposição entre o trágico e o cômico, a estética dos séculos XIX e XX já não via sentido em seguir com essa contraposição:

Para Aristóteles era natural, ao tratar da definição da essência da comédia, partir da tragédia como seu oposto, pois, na prática e na consciência dos antigos gregos, justamente a tragédia tinha um significado prioritário. [...] Para a estética do idealismo romântico era natural fundamentar qualquer teoria estética no sublime e no belo e opor-lhe o cômico como algo baixo e contrário ao sublime (PROPP, 1992, p. 18).

Antes de chegar até as questões estéticas relacionadas ao cômico nos séculos XIX e XX, há de se fazer ligeiro resgate da concepção de comicidade na Idade Média. Se na Antiguidade o pensamento platônico afirmava que o riso afastava o homem da verdadeira sabedoria, na Idade Média, outras concepções lhe são atribuídas. Mikhail Bakhtin, em sua obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, atribui a força das narrativas cômicas à intensa ligação com tradições pagãs da Antiguidade por meio da carnavalização, entendendo este fenômeno como um redimensionamento da relação do homem com o mundo. A Idade Média caracterizou-se como um período marcado por contradições e o riso, embora ligado às manifestações

culturais populares permitidas pela igreja, foi expurgado do culto religioso cristão e da etiqueta social.

Na obra *O nome da rosa* de Umberto Eco, a trama se desenrola em um mosteiro italiano em 1327, plena Idade Média. Por meio dessa ficção, são discutidos alguns temas. Um dos personagens que assume a voz de autoridade religiosa, Jorge de Burgos, adverte para a suposta “periculosidade” de textos e imagens cômicas e, ao mesmo tempo, justifica os festejos populares da época na seguinte fala:

O riso é a fraqueza, a corrupção, a insipidez de nossa carne. É o folguedo para o camponês, a licença para o embriagado, mesmo a igreja em sua sabedoria concedeu o momento da festa, do carnaval, da feira, essa ejaculação diurna que descarrega os humores e retém de outros desejos e de outras ambições... (ECO, 2003, p. 454).

É válido estabelecer essa relação entre a mulher e o riso partindo desse contexto histórico para falar de ecos presentes nas práticas e comportamentos que formam parte da sociedade ocidental cristã. Estudar o riso de maneira mais detalhada na Idade Média nesse momento do trabalho é importante no sentido de que durante esse período, assim como o riso, que a mulher sofreu (talvez de forma mais incisiva) duras críticas por parte do cristianismo. Ainda na obra de Umberto Eco, o personagem de Frei Guilherme fala a Adso sobre as tentações que mulher representa:

E sobre a mulher como estímulo das tentações, já falaram bastante as escrituras. Da mulher diz o Eclesiastes que sua conversa é como o fogo ardente, e os Provérbios dizem que ela se apodera da alma preciosa do homem e que os mais fortes foram arruinados por ela. E disse mais o Eclesiastes: descobre que mais amarga que a morte é a mulher, e que é como um laço de caçadores, o seu coração é como uma rede, as suas mãos são cordas. E outros disseram que ela é barca do demônio (ECO, 2003, p. 245).

À mulher e ao riso eram atribuídos conceitos negativos, eram elementos vistos com desconfiança pelas autoridades religiosas. Isso faz pensar que a simples existência da expressão “risada de bruxa” diz muito sobre esse recorte histórico sobre a qual tratará esse trabalho: é formada por palavras que representam *per se* dois elementos vistos com desconfiança, alvos de repreensão, perseguição e com frequência condenados pelo cristianismo durante a Idade Média. Sobre isso, Vladimir Propp acrescenta: “O âmbito da religião e do riso excluem-se reciprocamente. [...] O riso na igreja durante o serviço

religiosos seria considerado sacrilégio. [...] Se é impossível imaginar Cristo rindo, é muito fácil, ao contrário, imaginar o diabo rindo” (PROPP, 1992, p. 35).

A moral cristã condenava de modo geral o prazer (sobretudo o prazer carnal, mas o riso não deixa de ser uma atividade prazerosa) e nesse sentido é como se os festejos prestassem um “serviço expurgatório” ao homem da época e à Igreja. Os eventos culturais no período de transição da Idade Média para o Renascimento, segundo Bakhtin, transitam entre o sério e o cômico, o oficial e o extraoficial, o sublime e escatológico e nesse sentido, o riso dentro da cultura medieval destaca-se como não oficial “Ninguém jamais conseguiu torná-lo inteiramente oficial. Ele permaneceu sempre uma arma de liberação” (BAKHTIN, 1987, p. 81). Na área acadêmica é possível encontrar vários estudos sobre o riso na Idade Média nos quais frequentemente se percebe o riso nesse período associado à falta de pudor, aos cultos pagãos e conseqüentemente, a atos pecaminosos. José Rivair de Macedo, por exemplo, analisa os valores atribuídos ao riso e aqui há uma amostra de como se chegou à condenação eclesiástica:

Dentro dos sistemas de valores cristãos, o lugar ocupado pelo riso sofreu importante deslocamento, em primeiro lugar pelo fato de que daí em diante seus índices de sacralidade passaram a ser negados. De fato, os pensadores da Igreja dessacralizam o riso, banindo-o das formas aceitas do culto religioso e da liturgia. Além disso, atribuíram-lhe caráter demoníaco, associando-o às fraquezas do corpo e, portanto, ao pecado (MACEDO, 2000, p. 250-251).

A imagem da mulher vista pelo prisma do cristianismo na Idade Média é vasta se pensarmos na questão iconográfica que traz representações de Eva e da Virgem Maria diretamente relacionadas à questão do pecado e da redenção. A fraqueza humana, em Eva como aquela que sucumbiu à sedução da serpente e responsável pelo pecado, estava obviamente presente na figura feminina, de acordo com a igreja. Nesse sentido, a mulher era fator de perdição para o homem, a mulher se deixava corromper e levava o homem a pecar. Ainda de acordo com Minois (2003, p. 112), o pecado original e o riso têm ligação direta:

O pecado original é cometido, tudo se desequilibra, e o riso aparece: o diabo é responsável por isso. Essa paternidade tem sérias conseqüências: o riso é ligado à imperfeição, à corrupção, ao fato de que as criaturas sejam decaídas, que não coincidam com seu modelo, com sua essência ideal. É esse hiato entre a existência e a essência que provoca riso, essa defasagem permanente entre o que somos e o que deveríamos ser.

Assim, a imagem da mulher e o riso atrelados ao pecado e ao diabo durante muito tempo estiveram presente no imaginário das pessoas, reforçados pelos ideais cristãos. A redenção para o sexo feminino viria somente séculos mais tarde, na figura da Virgem Maria, ditando aquilo que as mulheres deveriam ser – e isso não significou que as mulheres agora teriam qualquer liberdade ou autonomia – tratava-se de um modelo a seguir. Dentro da história da cristandade, a projeção da imagem da Virgem Maria foi lenta e o culto mariano se desenvolveu plenamente apenas no século XI. Santo Anselmo no século XII afirmava que “assim como Eva foi responsável pelo pecado original, a Virgem Maria, ‘nova Eva’ seria a fonte de redenção” (MACEDO, 2014, p. 70). Era a afirmação de que, sim, a mulher poderia vir a ser virtuosa; porém, essa nova concepção da mulher dentro da Igreja resulta em nada mais do que um modelo ao qual as mulheres deveriam sucumbir: a virgem, livre de pecado, imaculada, a maternal. Certamente, a imagem dessa mulher não tem relação com o riso, já que este estava ligado ao pecado.

Ainda que a mulher tivesse no século XII a oportunidade de espelhar-se em um ícone feminino que representasse a pureza, a associação a Eva e ao pecado ainda povoava a mente da sociedade no imaginário coletivo e o arsenal antifeminino persistiu durante toda a Idade Média. Não apenas isso: outros elementos negativos e pecaminosos estavam relacionados à mulher, como era defendida a ideia, por exemplo, de São Jerônimo no século IV de que naturalmente a mulher pende para o pecado e não para a virtude; na iconografia medieval, a luxúria residia unicamente no corpo feminino, já que se representava esse pecado pela imagem de uma bela mulher. Desde o ponto de vista religioso e, portanto, aquele que estabelecia as regras morais da sociedade, as mulheres “[e]ram consideradas perigosas, frágeis, astuciosas, encrenqueiras, inconstantes, infiéis e fúteis; sensuais, representavam obstáculo à retidão” (MACEDO, 2014, p. 68).

Até aqui apenas dimensionou-se como eram concebidos a mulher e o riso dentro da sociedade medieval. Há outros aspectos da marginalidade da mulher dentro dessa sociedade, como é o caso das hereges, bruxas e prostitutas – justificando a menção à expressão “risada de bruxa”, numa tentativa de evocar aí dois elementos condenáveis no contexto da Idade Média. As mulheres marginalizadas (bruxas, hereges e prostitutas) simbolizavam o reverso da figura feminina idealizada pela igreja católica, eram o elemento transgressor dentro de uma sociedade com regras muito rígidas em relação ao sexo feminino.

Em termos de literatura, nesse período encontraremos as produções textuais que narram milagres a partir da intervenção da Virgem Maria, normalmente com sentido moralizante. No entanto, ainda no século XII e também no XIII florescia a cultura das cortes principescas que acaba por lapidar novos costumes na vida social da nobreza. A mulher ganha destaque dentro da literatura dessa época e surge um novo termo para designar a mulher nobre: a dama. Essa figura normalmente aparecia nos textos como a mulher inatingível, estilizada, objeto do “bom amor” que algum jovem cavaleiro nutria. De acordo com Macedo (2014, p. 75):

Nessa cultura cavaleiresca, ao lado do aperfeiçoamento no manejo das armas e na equitação, ao lado das justas e dos torneios, a vida intelectual e literária ganhou importância. [...] Os literatos, integrantes essenciais das cortes, propuseram lentamente um modelo mental novo, imbuído das boas maneiras aristocráticas. [...] O ideal de cortesia, integrado no novo código de ética da nobreza, colocou as mulheres em evidência. [...] O “amor cortês” presente no gênero mais refinado do trovadorismo provençal – a *chanson* (canção, cantiga) – integrou a imagem da dama no jogo intelectual dos poetas.

É importante destacar que ainda que haja a presença da figura feminina dentro dos poemas trovadorescos, trata-se de uma mulher normalmente casada (e por isso inacessível), distante do apaixonado e, ainda que fosse venerada, serve apenas como referência para o poeta. Nesse sentido, “o amor, e não a dama, engrandecia o amante” (MACEDO, 2014, p.76). É por meio dos trovadores que, possivelmente, apareçam as primeiras manifestações escritas que iam de encontro à doutrina oficial da Igreja, já que as cantigas eram carregadas de desejo, do matrimônio como algo forçado, limitante. Mais tarde, cantigas de escárnio e de mal dizer deram abertura para o riso, pensando nas produções textuais em galego-português que tratavam de eventos ocorridos com sátira e ironia. Lapa (1966, p. 175, grifo do autor) ainda menciona a “cantiga de *risadilha*”. Seria o primeiro registro dentro da literatura portuguesa da utilização do humor para crítica social?

Os trovadores encarregam-se de fazer a reportagem dos acontecimentos mais ou menos escandalosos da época. É precisamente esse critério, dum lado o facto político, literário ou social, de outro a crítica mordaz incidindo sobre ele, que nos vai servir de normal para sistematização, de outro modo difícil, do escárnio do século XIII (LAPA, 1966, p. 177).

Ao mesmo tempo, podemos pensar em outro aspecto da escrita trovadoresca: a voz feminina dentro das cantigas de amigo galego-portuguesas e a construção da imagem da mulher na literatura, ainda que fosse um artifício poético o trovador assumir a voz da mulher. Diferentemente da cantiga de amor, na qual a mulher era inatingível, nas cantigas de amigo, a voz era tomada pela “mulher” que se encontra em um ambiente rural ou urbano e que sofre a falta de um amigo. Os lamentos normalmente são monólogos ou possuem um tom confessional dirigidos a outra mulher (a mãe ou uma amiga confidente). O fato de um homem compor cantigas utilizando uma voz feminina justifica-se por questões moralistas impostas pela Igreja com a visão de “amor como pecado, despertado no homem pela face negativa da mulher. Assim, a voz é dada a ela, eximindo-o da ‘culpa’”. Araújo (2012, p. 7). Sobre esse tema, a autora afirma:

O ideal de cortesia realiza o tema do amor, abrindo a problemática da valorização da mulher enquanto imagem apenas. Quer como altamente idealizada, enquanto dama da corte, quer como mulher do povo em ambiente rural ou urbano, ela sempre foi retratada por um eu lírico, cuja voz feminina pautava-se submetida a um discurso de autoria masculina (ARAÚJO, 2012, p.05).

Na cantiga de amigo, a imagem da mulher está mais presente do que nas cantigas de amor; na verdade, é a primeira “voz feminina” em um texto, ainda que usada de maneira estratégica como eu-lírico de alguém que sofre de amor. Abre-se caminho, portanto, na escrita desse período para os dois elementos pensados para esse tópico: a mulher e o riso. Nesse momento discutiu-se a presença desses elementos dentro do contexto histórico e literário, porém não como integrantes da escrita, bem como, devido ao próprio contexto estudado, a Idade Média, é desconhecida a produção literária feminina de cunho humorístico daquele tempo. Pareceu-nos importante falar mais demoradamente desse período devido ao tratamento dispensado à mulher e ao riso dentro da Idade Média, para mais tarde justificarmos alguns aspectos (sobretudo em relação à mulher) que parecem ter origem na visão medieval.

Trabalhar a ideia das primeiras noções de imagem da mulher e do cômico na literatura portuguesa é interessante por questões literárias e culturais. Os caminhos que a língua e a literatura portuguesas tomaram depois disso são vários e, na verdade, pode-se dizer que a escrita passa por um período de experimentação em termos de suporte, o que se reflete também na escrita em si. Inicialmente estudados de maneira separada dentro da literatura, porém com estigmas comuns por parte da sociedade europeia, pautada dentro

da moral católica e conservadora, a mulher e o riso desde a Antiguidade representam temas dignos de atenção e, na Idade Média, passaram a ser “preocupantes” e “ameaçadores” a ponto de sofrerem veto por parte da Igreja, dando lugar a uma sociedade na qual o feminino e o cômico necessitaram encontrar caminhos paralelos, às vezes camuflados, para chegarem a ter alguma notoriedade.

### **3.2 ADORÁVEL PSICOSE: A TRADIÇÃO DO RISO E DA LOUCURA**

Nesse tópico pretende-se abordar o humor pensando na sua utilização e utilidade dentro das sociedades. A proposta está em questionar se o humor é mero entretenimento ou se realmente se trata de uma maneira de extravasamento escapista da sociedade contemporânea. Em realidade, o humor poderia ser questionado de várias maneiras devido ao seu caráter multifacetado. O elemento cômico pode estar presente em várias linguagens – na literatura, no cinema, em charges – e pode servir a várias funções dependendo de quem maneja e a quem se dirige o chiste proposto em determinada situação. Sendo o riso um elemento passível de análise e diretamente relacionado à cultura de determinado povo em determinada época, estudar o cômico, o que leva ao riso, como fenômeno presente em alguns textos veiculados no ciberespaço é também estudar essa sociedade real existente paralelamente àquela representada em ambiente virtual.

As causas que levam ao riso são variáveis em função do tempo e espaço no qual estão inseridos. O contexto de determinada sociedade é que determina a existência de elementos cômicos na literatura, em outras artes e no convívio diário, já que por se tratar de um processo de interação entre indivíduos, possui um caráter sociocultural. Além disso, por não se tratar de algo obrigatório ou natural, a relação que se estabelece entre o objeto cômico e aquele que ri, é considerada bastante específica. Propp (1992, p. 32) fala sobre a especificidade tanto de quem ri, quanto do objeto passível do riso, quando afirma “Cada época e cada povo possui seu próprio e específico sentido de humor e de cômico, que às vezes é incompreensível e inacessível em outras épocas.”

É fato que o humor já serviu como ferramenta para crítica social, assim como também serviu para perpetuar conceitos nem sempre positivos dependendo de quem maneja a linguagem, ou seja, quem produz o texto e qual seu objetivo a cumprir. Falando em linhas gerais, historicamente, não faltam exemplos de como o humor pode ser entendido como ferramenta utilizada de combater posturas políticas, sociais, culturais. O

riso é um elemento que pode ser manipulado para diferentes propósitos “nem inerentemente revolucionária, nem necessariamente conservadora” (CRESCENCIO e MELLO, 2013, p.47). Os textos de caráter humorístico são apreciados pelas pessoas desde a antiguidade; ainda que a comédia grega fosse vista como uma arte menor, a mera existência desse tipo de texto, leva-nos a refletir sobre o papel do riso na sociedade.

Após um período de proibição durante a Idade Média, elementos cômicos começam a surgir na literatura trovadoresca e logo mais, para falar de língua portuguesa, podemos citar os autos de Gil Vicente. O carnaval nos remete à Antiguidade Clássica, já que tem suas raízes na festa que celebra o renascimento da natureza e a liberação das restrições impostas pelas leis que determinam o modo de vida do homem dentro da sociedade, ou seja, o mundo às avessas. Carregado de símbolos, o carnaval transposto para a literatura resulta em uma escrita que também subverte essas leis da sociedade, subverte a realidade. Ainda que não se trate de um fenômeno literário, é uma forma sincrética de expressão cujos símbolos exprimem aspectos primitivos do homem.

Os ritos e os espetáculos carnavalescos promovidos durante a Idade Média retomavam totalmente a Antiguidade Clássica: “[o]fereciam uma visão de mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao Estado; pareciam ter se constituído, ao lado do mundo oficial, *um segundo mundo e uma segunda vida*” (BAKHTIN, 1987, p. 04-05, grifo do autor). Pensando que as ideias concreto-sensoriais tiveram influência na formação dos gêneros literários, houve, sem dúvida, a transposição dos rituais carnavalescos para a literatura.

Conhecer essa origem do carnaval é essencial para discutir o cômico: ora, essa “liberação” que modificava as relações humanas durante os festejos de carnaval tem íntima associação com o riso. Seus elementos foram transpostos para a literatura não apenas em Gil Vicente, mas a escrita carnalizada pode ser encontrada em obras de autores de diferentes épocas. Um dos expoentes da literatura universal que trabalha a carnavalização de maneira maestra é Cervantes, especialmente *El ingenioso Hidalgo don Quixote de la Mancha* que surge como uma sátira às novelas de cavalaria na Europa da Idade Média.

É interessante pensar essa questão da visão carnavalesca do personagem Dom Quixote porque é um personagem louco, alienado. A sátira é feita pelo louco, por aquele que não expressa o oficial, mas sim, o não-oficial, lembrando um personagem que esteve presente nas cortes durante muito tempo: o bufão. A presença dos bobos nas cortes tem uma importância histórica, tornando-se um elemento comum em vários reinos da Europa,

estando sempre ao lado do rei, lembrando-o que ele é apenas um homem (MINOIS, 2003) com poder, mas um homem, um mortal. E essa verdade dessacralizadora a respeito do rei, só poderia ser dita por uma figura louca, que não sofreria punições devido à sua condição mental. Primeiramente como simples intuito de fazer rir, usando cores e estampas chamativas, uma figura essencialmente cômica, mas que tinha sua importância no aspecto político também. De acordo com Minois (2003, p.230):

O bobo do rei existe para fazer rir. É a função primeira. Mas não se trata evidentemente, de um simples palhaço. Se o riso que ele provoca é importante, é porque traz consigo o que falta, em geral, nos círculos do rei: a verdade. Cervantes usou a figura de um homem louco, alguém que não pode ser levado a sério para disparar suas críticas, dizer verdades e, da mesma maneira o bobo é visto pela sociedade como alguém alienado, que não é digno de credibilidade pelo que diz. Logo, o louco pode dizer o que quiser e por isso, o bobo da corte podia dizer tudo ao rei “sob a proteção da loucura” e, portanto, do riso, ele pode ser permitir tudo.

Essa relação com Dom Quixote (o louco) e bobo da corte (o carnavalesco, grotesco, causador do riso) mostra que a loucura e o cômico possuem pontos comuns. Assim como o cômico, a loucura é um dos temas prediletos da cultura popular com a possibilidade de vir a funcionar como recurso (literário) desmistificador: a loucura cumpre o papel de anunciar as verdades rasgando qualquer pudor ao fazê-lo de maneira cômica. É como se uma sociedade, na qual se prima pela verdade, precisasse de alguém marginal, alguém alienado para trazer verdades à tona, para dizer o indizível, desnudar a realidade, falar as coisas sérias não a sério.

Em nosso objeto de estudo, a palavra “psicose” precedida do adjetivo “adorável” nos sugere que é positivo sofrer dessa patologia mental. Ao buscar brevemente a história da loucura, é possível perceber que desde a antiguidade a doença mental tinha razões atribuídas a alguma entidade não-humana. No caso da Grécia Antiga, os deuses eram causadores da perturbação. Durante a Idade Média, a loucura está diretamente relacionada ao inimigo de Deus, ou seja, o personagem insano era visto como vítima do demônio:

Os deuses causavam a loucura mas a cancelavam. Agora o louco é um campo de batalha entre forças do mal e forças do bem. A loucura era uma questão de relação do homem, na sua autoconsciência, com um ou mais deuses. Agora a relação que se estabelece exclui ou desqualifica a autoconsciência. O homem é passivo. Passivo frente ao demônio, passivo diante do poder salvador do exorcista (PESSOTI, 1994, p.100).

Durante a Idade Média não havia diferenciação entre um epilético e um libertino, um melancólico era facilmente confundido com um feiticeiro. Os inadequados socialmente sejam eles loucos, alquimistas, feiticeiras, bruxas ou libertinos, acabavam tendo o destino decidido pela igreja católica. Com o surgimento de novas teorias, como o Iluminismo e o Humanismo que passaram a dar mais autonomia ao ser humano, começou-se a desmistificar a relação do homem com “entidades malignas”, as supostas responsáveis pela loucura.

No século XVI, a visão cômica e carnavalesca do mundo começa a ser desvalorizada e a loucura marginalizada. A festa de carnaval começa a tomar nuances de desobediência contra o Estado em vários países, no sentido de representarem uma ameaça subversiva ao poder, no seio das festas populares. Foucault (apud MINOIS, 2003, p. 324) observa que:

Se a loucura no século XVII é quase dessacralizada, é, em primeiro lugar, porque a miséria sofreu aquele tipo de decadência que a fez ser percebida, agora, apenas no horizonte da moral. ... surge uma nova sensibilidade: não mais religiosa, mas social. Se o louco aparecia normalmente na paisagem humana da Idade Média, era rindo de outro mundo. Agora, ele vai se destacar como um “caso de polícia” concernindo à ordem dos indivíduos na cidade.

O riso presente nas festas populares, portanto, começa a ameaçar a ordem pública e passa a ser perseguido pela religião e pelo Estado. É no século XVII que os bobos do rei, antes figuras presentes nas cortes, agora adquirem matizes de “herança de tempo bárbaros”. O riso vai sofrendo uma evolução no século XVII que passa ter outras nuances que o fazem distanciar-se apenas em parte daquela visão carnavalesca tão presente na obra de Rabelais. De acordo com Minois (2003, p. 395): “O caráter grotesco da festa popular desvia-se, de um lado, tornando-se decorativo e pretexto para o deboche nos meios aristocráticos; de outro, é recuperado pelos burgueses, que se afirmam, nessa época, por meio de uma nova corrente literária: o burlesco”. Nesse sentido, a literatura burlesca traduz uma visão cômica e contestatória, que ainda traz em si a transgressão, reivindicando o direito de rir inclusive da morte e do sagrado.

Quanto ao carnaval, essa festa considerada uma ocasião para se desrespeitar e debochar dos poderes estabelecidos, houve uma adaptação, no caso da aristocracia para as festas privadas, sob a forma de baile de máscaras. No século XVIII, seguindo essa visão cômica e contestatória, o riso passa a ser uma ferramenta intelectual, um riso funcional a serviço de diversas causas – moral, política, religiosa (ou antirreligiosa). O

riso intelectualiza-se, a loucura não possui mais o aspecto bufão da Renascença. O humor subverte a realidade de uma maneira inusitada ao ridicularizar o que está (ou estava) estabelecido. De acordo com Propp (1992, p. 60):

Há normas de conduta que se definem em oposição àquilo que se reconhece como inadmissível e inaceitável. Essas normas são diferentes para diferentes épocas, diferentes povos e ambientes sociais diversos. Toda coletividade, não só as grandes como o povo no todo, mas também as coletividades menores ou pequenas – os habitantes de uma cidade, de um lugarejo, de uma aldeia, até mesmo alunos de uma classe – possuem algum código não escrito que abarca tanto os ideais morais como os exteriores e aos quais todos seguem espontaneamente. A transgressão desse código não escrito é ao mesmo tempo a transgressão de certos ideais coletivos ou normas da vida, ou seja, é percebida como defeito, e a descoberta dele, como também nos outros casos, suscita o riso.

No Brasil, o que deveria receber o adjetivo “humorístico” ou “engraçado” tem provocado frequentes debates em função do caráter “politicamente correto” dentro das falas de alguns humoristas, justamente por essa tradição romper com ideais morais por meio do cômico. Ao mesmo tempo, nota-se um florescimento da indústria do entretenimento no segmento humorístico promovendo a carreira de artistas que realizam um trabalho individual e/ou coletivo marcando uma era em que os processos criativos relacionam a tecnologia e maneiras de sociabilidade. Entre as novas maneiras de fazer humor, algumas merecem destaque na internet brasileira: os vlogs, os blogs de humor, o Tumblr e (os perfis falsos do) Facebook. Se analisarmos essas plataformas, nenhuma delas necessariamente tem a função de possuir elementos cômicos ou provocar o riso. O fato é que devido ao momento, muitas pessoas estão utilizando esse leque de opções para promover conteúdos humorísticos, por se propagarem de forma rápida e viral

Os blogs de humor, que contém principalmente textos, já não são populares devido à forte concorrência com o humor veiculado nos vlogs e nas redes sociais, sobretudo pensando que o sujeito contemporâneo participa de uma sociedade acima de tudo imagética. As expressões do humor desses artistas invadiram o espaço virtual por meio principalmente de recursos audiovisuais e alguns deles, devido à repercussão que tiveram com o público, chegaram à plataforma televisiva, como é o caso do grupo Kibeloco. A facilidade de acesso e autonomia para utilizar recursos como o vídeo, por exemplo, fizeram com que esses artistas se promovessem por meio da divulgação em rede de seus trabalhos no ciberespaço. O humor pensado em termos de crítica à sociedade, esses

artistas têm vasto material não apenas no sentido de crítica pela crítica, não pelo fato do humor trazer à tona verdades “indizíveis”, mas também pelo atual cenário político do país. Não há a intenção neste trabalho de comentar exatamente esse tipo de humor voltado para a política, é apenas a tentativa de dimensionar o papel do humor no Brasil sem perder de vista o recorte: o blog humorístico *Adorável Psicose*.

O riso tomou formas variadas de expressão e foi se modificando de acordo com as contingências de cada época. A presença de elementos cômicos na literatura acompanhou esses processos, e a literatura também acompanhou o surgimento de novos suportes ao longo da história. Alguns pontos comuns devem ser destacados ao falarmos do riso: o primeiro deles é a relação com o popular, com o terreno, com o não sublime. Essas características estão presentes na história do riso e apesar dela: ainda que o riso tenha sofrido restrições, proibições, tenha adquirido nuances aristocratas e se fragmentado em vários “tipos de humor”, nunca foi possível bani-lo totalmente das sociedades talvez porque o riso, sendo uma atividade essencialmente humana, um fenômeno natural, também seja necessário ao homem de alguma maneira. Minois (2003, p. 629) afirma que: “[o] fato de lhe terem consagrado numerosos tratados, em todas as épocas, demonstra, ao menos, que todas as sociedades lhe conferiram um lugar importante, e a maneira como ele foi percebido é reveladora das grandes variações de mentalidade.”

Ainda que a cibercultura tenha aberto novas possibilidades para se fazer humor, elementos como a ironia, a sátira, a hipérbole, a paródia e o burlesco continuam presentes nas manifestações ditas “humorísticas”. A convergência digital em plataformas como blog, redes sociais e Youtube provoca uma mudança na maneira não apenas na construção humorística, mas também na recepção desses conteúdos por parte dos usuários dessas redes. Além de lidar com um grande fluxo de informações, aqueles que frequentam o ciberespaço tem a oportunidade de interagir com outros usuários da rede trocando informações e até mesmo produzindo seus próprios conteúdos. De acordo com Jenkins (2008, p. 46):

Consumidores estão aprendendo a utilizar as diferentes tecnologias para ter um controle mais completo sobre o fluxo da mídia e para interagir com outros consumidores. As promessas desse novo ambiente midiático provocam expectativas de um fluxo mais livre de ideias e conteúdos. Inspirados por esses ideais, os consumidores estão lutando pelo direito de participar mais plenamente de sua cultura.

Um dado importante de salientar é que os conteúdos veiculados inicialmente por blogs têm migrado para as redes sociais e outros de divulgação como o YouTube. Não há maneira de restringir o humor a uma única plataforma de divulgação, pois como fenômeno social, o humor transita pelas plataformas de acordo com o alcance delas, que depende essencialmente do número de acessos que uma página (blog, vlog, perfil de rede social) recebe e, portanto, o conteúdo é decisivo para chamar a atenção da audiência. Por desfrutarem de uma liberdade editorial para a divulgação de seus trabalhos, os blogs, vlogs, canais e perfis refletem a democracia do ciberespaço. O blog *Adorável Psicose* de Natalia Klein não só experimentou essa liberdade editorial nos anos em que os blogs tinham ainda mais espaço – antes do surgimento das redes sociais – como chegou a ter sua versão televisionada no formato de minissérie.

### **3.3 RECURSOS HUMORÍSTICOS E A ESTILIZAÇÃO DO BLOG *ADORÁVEL PSICOSE***

Neste tópico pretende-se descrever com mais detalhe o blog *Adorável Psicose* da atriz, blogueira e roteirista Natalia Klein e os motivos que nos levaram a selecioná-lo como corpus para este trabalho, já que esse blog pode ser considerado uma das poucas expressões da escrita feminina na era digital com elementos humorísticos no Brasil.

Para a análise de um blog, José Luis Orihuela (2007) propõe um quadro com oito pautas nas quais nos basearemos para analisar *Adorável Psicose* neste tópico. A primeira pauta é referente à identidade do autor, quem escreve, se se trata de um projeto pessoal ou profissional e o serviço de hospedagem na rede. Natalia Klein define a si mesmas como “psicótica” e daí vem o nome do blog, *Adorável Psicose*.

A criação da página foi uma maneira que a Natalia Klein encontrou para expor suas ideias e inicialmente o blog *Adorável Psicose* era visitado principalmente por familiares e amigos. A blogueira começou a perceber que suas angústias expostas no blog chamaram a atenção de várias pessoas e, conseqüentemente, percebeu que essas angústias eram (e, na verdade, são) recorrentes nos sujeitos contemporâneos. Isso se verifica nos comentários que recebe e no próprio fato de que o blog se transportou para plataforma televisiva no formato de seriado. Sobre o conteúdo do blog, Natalia dá a seguinte declaração em uma entrevista para a revista *Claudia* em 2011:

No começo, escrevia para os amigos, sem pensar. Não era um blog acessado e lido, era o meu espaço. Quando me dei conta, estava me

expondo para pessoas que eu não conhecia. Foi inesperado, mas também um enorme alívio perceber que todas as minhas angústias eram compartilhadas por muita gente. Não era uma coisa só minha, era talvez da geração. Era a aflição de todo mundo. Tem um livro muito bom do (Zygmunt) Bauman, *Amor Líquido*, que fala justamente da falta de consistência dos relacionamentos afetivos contemporâneos. [...] É muita ansiedade ficar pensando: “O que vai acontecer amanhã? Essa pessoa ainda vai estar aqui?”. Achava que só eu sentia isso e percebi que não (Disponível em <[http://claudia.abril.com.br/materia/cynthia-entrevista-natalia-klein\\_4842/?p=famosos/entrevistas](http://claudia.abril.com.br/materia/cynthia-entrevista-natalia-klein_4842/?p=famosos/entrevistas)> acesso em 15/10/2013.)

O segundo tópico trata do design da interface e da facilidade de navegação, já que é bastante comum nos blogs que haja uma estilização da página para que ela seja coerente com o conteúdo ali postado pelo autor. A configuração das cores e o fundo escolhidos para estilizar o blog evidenciam um blog de autoria feminina ou que, pelo menos, tratará de assuntos femininos. A foto de Natalia Klein, que em uma das mãos leva um guarda-chuva e na outra, girassóis e uma faca, aparece em um fundo rosado vibrante com algumas nuvens negras das quais saem raios e caem pessoas, formando o cabeçalho da página “<http://www.adoravelpsicose.com.br/>”.

Imagem 1



Fonte: <<http://www.adoravelpsicose.com.br/>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

Além disso, está escrito, ainda neste cabeçalho, ao lado da foto: “Adorável Psicose por Natália Klein”, na qual *Adorável Psicose* tem o formato de uma faca, remetendo ao filme “Psicose” (1960) de Alfred Hitchcock. A primeira postagem (de 15 de dezembro de 2008), aliás, tem como imagem ilustrativa uma foto da atriz Janet Leigh, do mencionado filme, na famosa cena do banho em que a personagem é atacada. Essas referências imagéticas possivelmente têm a intenção de remeter o leitor à sensação de que

há uma linha tênue entre o “assustador” e o “divertido”. Uma indicação que a instável realidade pode ser tratada com bom-humor e leveza.

Imagem 2

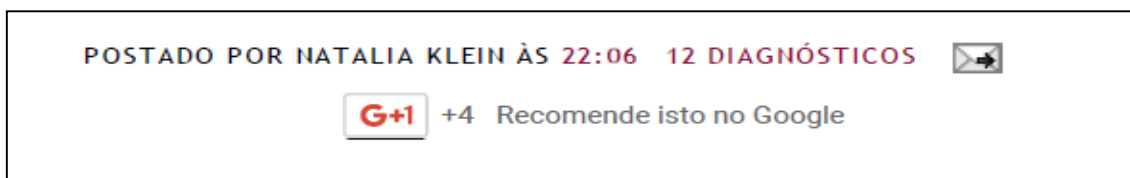


Fonte: <<http://www.adoravelpsicose.com.br/>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

As imagens são uma constante em *Adorável Psicose*, já que das 246 postagens feitas até o momento, apenas duas contêm apenas texto escrito. Também é possível ver que a autora se vale de outros recursos da internet para enriquecer seus textos, como é o caso de links do Youtube que dão acesso clipes de cantores e bandas, além de cenas de filmes e publicidades antigas.

No quesito “navegabilidade” em *Adorável Psicose*, Natália Klein teve o cuidado de dar nomes a todos os elementos ali presentes, como por exemplo, o campo destinado a “comentários” é chamado “diagnósticos” (imagem 3) e também no link de indicação de leituras, a expressão empregada é “a psicótica lê” (imagem 4). No item “quem sou eu”, Klein usa a expressão “psicótica” para descrever a si mesma (imagem 5).

Imagem 3



Fonte: <<http://www.adoravelpsicose.com.br/>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

Imagem 4



Fonte: <<http://www.adoravelpsicose.com.br/>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

Imagem 5



Fonte: <<http://www.adoravelpsicose.com.br/>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

Aos leitores que seguem o blog foi dedicada a expressão “psicóticos assumidos” (imagem 6). Para facilitar a leitura ou encontrar os textos com mais facilidade, o link “adorável arquivo” (imagem 7) contém os textos de todos os anos organizados mês a mês. Todos esses elementos estão formatados com um estilo determinado a fim de formar uma identidade para o blog. A página, que segue no ar, embora não tivesse postagens desde

julho de 2013 até fevereiro de 2015, mostra ter sido montada com um cuidado especial para criar uma atmosfera à parte, um “microuniverso” chamado *Adorável Psicose*.

Imagem 6



Fonte: <<http://www.adoravelpsicose.com.br/>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

Imagem 7



Fonte: <<http://www.adoravelpsicose.com.br/>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

Existe, obviamente, uma equipe por trás de Natalia Klein para fazer o trabalho de diagramação e formatação do blog. Seus nomes aparecem no final de cada postagem, a saber: Thiago Gripp, Márcia Quintella e Biju Caldeira. Com o apoio dessa equipe,

Natália, em seu blog *Adorável Psicose*, conseguiu mesclar uma diversidade de textos em suas postagens, pois além do texto escrito, temos a presença de imagens (muitas delas pin-ups) e vídeos que para a autora parecem pertinentes ao assunto tratado na ocasião. Pode-se presumir, no entanto, que nem sempre o blog *Adorável Psicose* teve esse layout, pois este formato que vemos agora é o formato depois da associação com o portal GNT em abril de 2010, segundo a própria autora conta:

Queridos leitores (oi, mãe), desculpem-me pelo sumiço. Mas volto com novidades! Em breve o Adorável Psicose vai se associar ao [Portal GNT](#), o que significa que... bom, significa que o canal está cheio de psicóticas como eu, você e a minha mãe (desculpa, mãe). [...] Tudo isso pra deixar este blog novinho em folha para a nova etapa que vem por aí. Quando adentrarmos o *Portal*, os textos vão continuar os mesmos, mas o layout, quanta diferença...” (KLEIN, 2010).

A terceira pauta do gráfico de análise proposto do Orihuela objetiva saber se o blog é temático ou não, em que gênero ele poderia ser incluído, a natureza do conteúdo e a qualidade da escrita. Ora, como já mencionado, a temática se identifica à primeira vista pelo design, no entanto, pelo nome escolhido, há a possibilidade de pensar que se trataria de um blog que fala de saúde mental. No entanto, em seu blog, ainda que Natalia Klein trate de temas que envolvem as mazelas do contexto contemporâneo no aspecto que tange os relacionamentos pessoais, a blogueira usa um tom ácido e bem-humorado para compor seus textos e, geralmente, faz analogias entre relacionamentos e outras questões/situações do cotidiano dos sujeitos contemporâneos, como por exemplo, sabores de pizza, um parque de diversões, ou simplesmente restaurantes de comida por quilo:

A tristeza da coisa está na constatação de que estamos vivendo uma espécie de *comidaaquilorização* da afetividade. Isso significa que, devido a alta oferta de tortas no mercado, ninguém consegue se focar em apenas um sabor. [...] Estamos acostumados a ter muitas, muitas opções de comida. E de pessoas. [...] E qual é o resultado disso? Tortas garfadas e destruçadas, sem lugar cativo na geladeira de ninguém, vagando por aí, pelas noitadas, pelas festas, tristes, tortas. E, pouco a pouco, elas vão perdendo a doçura. Vão se tornando descrentes, azedas, estragadas pelo ataque dos garfos despreziosos (KLEIN, 2011, grifo da autora).

Essa maneira de escrever, relacionando as questões afetivas a elementos presentes na vida da maioria das pessoas, faz com que a identificação entre autor e público seja quase imediata. Além disso, o uso do termo “*comidaaquilorização*” indica uma informalidade, um descompromisso com a norma culta da língua, típica dos textos de

blogs. O fragmento citado foi extraído de uma postagem de 2011 que teve cento e cinquenta e nove comentários majoritariamente concordando e/ou apontando enorme identificação com as ideias do texto.

*Adorável Psicose* é de um blog de entretenimento voltado para o humor. Quanto à qualidade da escrita, pensando em termos literários, temos uma relação dos textos publicados em *Adorável Psicose* com as *chick-lit*, uma literatura com o fim de entreter realmente, sobretudo no sentido de que os fatos narrados pelo prisma de uma mulher. Ainda que o público leitor seja composto por homens e mulheres, os textos e figuras são predominantemente relacionados ao universo feminino. O tom informal e as marcas de oralidade, comuns aos blogs pessoais, são um registro da subjetividade presente no blog e observar isso em um blog feminino leva à reflexão sobre uma escrita de gênero, mas não necessariamente direcionada para um gênero. O modo como Natalia Klein narra (ou conta) as situações, supera a questão de gênero por abordar assuntos contemporâneos aos quais estão sujeitos homens e mulheres, daí o público ser misto e não unicamente feminino. Em entrevista, Natalia Klein fala sobre a temática do blog:

Era um blog de humor, mas muitas vezes sem querer. Falava de coisas sérias e que me entristeciam profundamente, como desilusões amorosas, frustrações diversas. Só que dependendo de como você aborda esses assuntos, pode soar engraçado. As pequenas tragédias humanas são hilárias, são como as videocassetadas. As pessoas gostam de rir das desgraças alheias. E eu fazia graça das minhas próprias.

A quarta pauta diz respeito ao tempo decorrido desde a criação do blog e frequência de atualizações. Como já se observou, durante o ano de 2014 não houve nenhuma postagem. A criação do blog data de 2008 e passou por mudanças até o momento presente. Neste ano o blog conta apenas com seis postagens, todas do mês de dezembro, quando foi inaugurado. Em todas as postagens desse mês, os textos são acompanhados de imagens e há em duas delas clipes de músicas (18 e 22 de dezembro). Esse já era um indício, além dos temas dos textos, de qual seria a dinâmica do blog: sem maiores reservas e sem apresentação no corpo do texto (apenas no espaço destinado a isso, na página do blog), Natalia Klein começa a escrever em um tom bem-humorado a primeira postagem de muitas que leva o título: “Guia prático de como se esperar sozinho por alguém em um bar ou restaurante” acompanhado de imagens de pin-ups e com horário de 05:38 da manhã.

A partir do ano seguinte, as postagens começam a ser mais regulares: em 2009 constam 79 postagens, em 2010 (ano em que a blogueira foi convidada para adaptar os textos para a televisão) é quando que mais se registram postagens, num total de 113. Em 2011 constam apenas 33, caindo para 14 em 2012 e apenas 01 em julho de 2013. Em 2015 há 04 postagens, sendo uma em fevereiro e três em março, porém duas delas são “republicações” de textos da própria autora em outros momentos e em outros meios.

O quinto ponto levantado por Oriuhuela como importante para análise de um blog está relacionado com a política de links. Não é uma função do blog *Adorável Psicose* fornecer links para outros sites, já que, pela natureza dos textos, se comprova que o blog desenvolve os próprios conteúdos e os links ali presentes funcionam como uma espécie de ilustração para alguma situação aludida no texto da postagem. Sem dúvida, a maioria dos links indicados são do Youtube, porém hoje já não é possível acessar a todos porque muitos desses links foram retirados da internet. Também relativo a links, o sexto ponto de Oriuhela fala especificamente se os links indicados são para outros blogs, mas pelo que se observa, Natalia Klein não faz indicações para outros blogs, exceto quando em 2009, a blogueira publica uma postagem relata em tom de comemoração que *Adorável Psicose* foi indicado para leitura no blog de Marta Medeiros.

Imagem 8



Fonte: <<http://www.adoravelpsicose.com.br/>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

Somente em março de 2015 é que finalmente, no tópico “A psicótica lê”, Natalia Klein faz uma sugestão: é para seu novo blog *7 metas para 2015*

(<http://7metaspara2015.blogspot.com.br/>). Contudo, adentrando os tópicos seguintes do quadro de análise de Orihuela, que são referentes aos leitores numa tentativa de identificar quais são as comunidades de leitores indicam *Adorável Psicose* (tópico 7), vemos que o blog tem um bom reconhecimento na rede. A partir daí, é possível analisar o conteúdo e relevância dos comentários (tópico 8), bem como as respostas a estes e por último, fazer a descrição do público leitor (tópico 9).

Inicialmente, pensando em termos de recomendação do blog de Natália, são encontradas poucas entradas na rede, praticamente todos oriundos de páginas escritas por mulheres. Alguns comentários (“diagnósticos”) feitos pelos seguidores, os “psicóticos assumidos” relatam que conheceram o blog *Adorável Psicose* quando estavam realizando outras atividades de leitura na rede. Também nesse espaço, os leitores falam do conteúdo referente à postagem que acabaram de ler, dando sua opinião, elogiando e divergindo da blogueira, que muitas vezes responde e interage com seus leitores. Essa interação não ocorre necessariamente de forma educada e inclusive, esses “diagnósticos” dos leitores geram outras postagens, como é o caso dessa a seguir, datada de cinco de julho de 2011:

Não sei se vocês sabem, mas eu leio os comentários dos leitores. Melhor dizendo, eu leio *todos* os comentários dos leitores. [...] Dia desses me deparei com essa pérola da interatividade virtual, deixada - é claro - por um leitor anônimo: “Lendo seu blog, e vendo o seu programa, fico **cada vez mais frio, cada vez mais desgraçado**, obrigado por me mostrar claramente e me fazer ter a certeza de que **mulher é realmente um bicho que não presta** e que **é assim que deveriam ser tratadas**, ou pra ser mais suave e não desumano, simplesmente **algo que não se deve dar muito importância**, porque realmente não é importante.” Bom, no meio de tanta misoginia, fica até difícil saber por onde começar minha interpretação. Mas vamos lá. Para início de conversa, sim, concordo, você é um desgraçado. [...] Você é uma bichona reprimida que virou um psicopata cheio de ódio reprimido. E eu tenho muito, muito medo de você, mona do mal (KLEIN, 2011, grifos da autora).

O fragmento extraído é seguido de um link do youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=-6Pbc8SQwV8>) de doze segundos que finaliza a postagem num tom de desdém da blogueira em relação à opinião negativa desse leitor anônimo. Essa postagem recebeu cento e quarenta e oito comentários e somente um questionamento de um leitor também anônimo em tom de protesto: “e qual o problema ser gay, hein?” que em seguida foi respondido por outro anônimo em defesa de Natalia Klein.

A tarefa de identificar o público é relativamente complicada, levando em consideração que só é possível visualizar o nome dos seguidores e muitas vezes, apenas pelo nome não se pode determinar se são homens ou mulheres. Constatamos até onde foi possível, a partir dos comentários postados, que dos 6021 seguidores, 80% usam nomes femininos, 15% usam nomes masculinos e em 5% dos casos, não é possível identificar o gênero. Essa tarefa classificatória para determinar analisar o público tampouco nos parece válida, se levarmos em consideração a orientação sexual dos seguidores e há ainda outra questão que definitivamente compromete a precisão desse quesito: muitas pessoas que leem o blog não necessariamente estão na lista de “psicóticos assumidos”. Ou seja, o número de leitores pode ser muito maior do que este expresso no número de seguidores.

Independentemente de o número de leitores estar expresso ou na página do blog, é inegável a repercussão que teve esse blog há alguns anos, já que chegou a ter sua adaptação para minissérie no canal Multishow. Esse fato fez com que Natalia Klein se firmasse como blogueira, atriz e roteirista, além de uma grande humorista, já que passou a integrar o programa “Prêmio Multishow de Humor” nos anos de 2013 e 2014, no qual fazia parte do júri que elegia as melhores cenas de humor.

Os blogs de uma maneira geral não possuem a mesma força como há alguns anos, devido ao surgimento e popularização de redes sociais como Facebook e também pelo fato de que muitas pessoas preferem ter ou acessar um vlog. Talvez estejamos passando por um processo em que, ao acessar a internet, é preferível assistir programas de humor e não mais ler textos de humor. Definitivamente não acreditamos que a produção escrita em blogs chegue ao fim tão cedo por este motivo, mas pensamos que, possivelmente, o público consumidor-leitor de blogs agora assumiu, em termos quantitativos principalmente, um perfil público consumidor-telespectador de vlogs.

### **3.4 ANALISANDO A PSICÓTICA: TRAJETÓRIA DOS TEXTOS NO BLOG**

Em 2008, depois de ter outros dois blogs, Natalia Klein cria um novo espaço biográfico: o blog *Adorável Psicose* tratando de assuntos variados. Constata-se, no entanto, por meio da leitura dos textos, a predominância de um elemento comum à maioria das postagens feitas por Natalia Klein em seu blog: a preocupação constante com sua (instável) vida sentimental e com as formas do “relacionar-se” na contemporaneidade. Esses temas chamaram a atenção do público a ponto de se tornar uma série televisiva por problematizar (ou satirizar?) situações às quais estão submetidos os sujeitos

contemporâneos, ou, melhor dizendo, a inabilidade dos sujeitos contemporâneos em lidar com situações problemáticas (ou satíricas?).

No blog *Adorável Psicose*, Natalia Klein tem os leitores como seus confidentes e conselheiros; já no seriado, Natalia busca a ajuda profissional de doutora Frida (uma psicoterapeuta freudiana que, inclusive, tem uma foto de Freud num lugar de destaque em seu consultório) para tentar entender o que acontece ao seu redor e porque isso a aflige. Doutora Frida faz as vezes dos leitores escutando, questionando e aconselhando Natalia (a personagem) sobre seu comportamento diante das situações que a moça relata a cada sessão.

Essa busca pela ajuda de um psicólogo também fica evidente no blog, quando Natalia Klein cita passagens de conversas com seu terapeuta, além das vezes que aponta trocar de terapeuta ou quando confessa que parou ou voltou a fazer terapia algumas vezes ao longo de sua vida. Na verdade, postagens relacionadas a sessões de terapia somam 28 num total de 246 postagens que formam o blog. Selecionamos um fragmento de uma postagem de 3 agosto de 2009 para ilustrar a relação de Natalia Klein com o público e com terapeutas:

Não faço **análise**. Até a presente data, nenhum **terapeuta** foi capaz de me segurar. Sou uma garota difícil. Em compensação, escrevo este blog. Aqui, conto com **terapeutas** anônimos, de todas as partes e que seguem diferentes linhas psicanalíticas. É por isso que eu deixo aí embaixo um link chamado "**Diagnósticos**". É a minha forma de descobrir o que os outros psicóticos pensam das minhas psicoses (KLEIN, 2009, grifos da autora).

Os textos que contavam as aventuras (ou desventuras) de Natalia Klein tinham os leitores como seus confidentes e até mesmo “conselheiros”, já que na página os comentários dos leitores são chamados “diagnósticos”. Além de relatar fatos da mídia e suas experiências em (pseudo) relacionamentos, em várias ocasiões Natalia Klein fala da série e até mesmo sobre o próprio blog. Essa metalinguagem é bastante comum no blog *Adorável Psicose* retomando a ideia de desconstrução e a quebra de paradigmas presentes na atualidade e, ao mesmo tempo, encontra uma possibilidade de rompimento com determinadas convenções.

O conteúdo de algumas postagens a partir de 2010 passa a ser alguns episódios da série ou os *teasers* que são transmitidos durante os intervalos comerciais do canal Multishow. Desse modo, o público, que antes tinha apenas o blog, agora conta com o

seriado de TV para acompanhar as aventuras de Natalia. As críticas, elogios e discussões recebidas no blog tratam de falar sobre as duas plataformas. Em alguns casos, Natália nem sempre recebe críticas positivas e reage a elas; como exemplo foi selecionada sua postagem de abril de 2012:

O problema dessa liberdade cibernética é que ela funciona como um microfone ao fim da palestra. De posse desse microfone, o público não apenas se vê no direito de acrescentar algo pertinente. Ele se sente no dever de falar absolutamente qualquer coisa. Qualquer coisa mesmo. E não tem exemplo melhor do que o campo dos comentários. [...] Mas com a chegada da série de TV, a coisa desandou. Alguns comentários que venho recebendo por aqui são a prova de que a liberdade de expressão jamais deveria ser dada aos que não têm nada para expressar. Porque na evidente falta de algo consistente para dizer, a opção mais fácil é atacar. O que, para mim, não faz sentido nenhum, porque ninguém é obrigado a ler esse blog (KLEIN, 2012).

A interação com o público faz parte da natureza do blog; afinal, trata-se de uma página onde se publicam textos e é possível interagir em tempo real com o público. Muitas vezes a opinião do público serve como termômetro para postagens, mas segundo Natalia Klein: “Claro que o feedback é relevante, especialmente na Era digital, mas quando a gente começa a se preocupar demais com o que o leitor quer, deixa de produzir de maneira espontânea e passa simplesmente a atender uma demanda”.

Nas postagens de *Adorável Psicose*, nota-se também um tom bastante informal e marcas de oralidade, com o uso de palavras, além do tratamento dispensado aos leitores por termos “você(s)”, “meu povo”, verbos na primeira pessoa do plural como “vamos”, “somos”, que sugerem um ambiente de intimidade, no qual o leitor e autora são próximos, fazem parte de um mesmo núcleo da sociedade. Observar isso em um blog feminino é ver que a mulher se coloca, pela expressão das suas subjetividades, no mesmo patamar que o homem: sem amarras na linguagem ela se expressa com desenvoltura e trata de temas variados, faz-se ouvir, sua fala está lá, na rede, para todo e qualquer leitor ou leitora. Além disso, o uso dessa linguagem informal nos blogs escritos por mulheres tem um sentido de resistência e rebeldia.

Quando se estuda a escrita feminina também deve-se levar em consideração questões planteadas por Silva (2010) ao apontar elementos que necessitam ser levados em consideração em relação ao que se deve chamar de escrita feminina. O autor defende que escrita feminina deve estar relacionada a textos produzidos por mulheres devido às

condições nas quais se encontram física, cultural e psicologicamente. Na ficção produzida por mulheres, as autoras “raramente falam dos homens ou de ‘paisagens culturais’ que fujam ou se distanciem do seu mundo, do seu universo” sobretudo no que se refere às personagens femininas:

A subjetividade feminina, dessa forma, ao invés de simples representação, é outra modalidade de ler essa ficção, pois distante dos primeiros textos de autoria feminina, [...] plasmas em seus mundos criados as várias performances das mulheres que habitam as sociedades de hoje. Não é à toa que essa escrita, consciente ou inconscientemente, é projetada para viabilizar olhares sobre a cultura, o universo, as questões e problemas das mulheres, sejam estes de base cultural, pessoal, social, antropológica, religiosa, moral ou outras (SILVA, 2010, p.40).

A trajetória dos textos de *Adorável Psicose* e de outros blogs femininos indicam, portanto, que a escrita feminina alcançou um certo prestígio na contemporaneidade graças à internet, ainda que não se enquadre em nenhum movimento feminista ou defenda uma causa feminina. Os textos de Natalia Klein, longe de defenderem algum ideal, trazem questões do universo feminino contemporâneo que estão inseridas dentro de um contexto do qual participam homens e mulheres. Trata-se de textos subjetivos escritos por mulheres ganhando espaço na rede mundial de computadores, vozes femininas caindo no gosto do público virtual. Natalia Klein tem um humor ácido que se distancia dos movimentos feministas, ainda que em alguns textos girem em torno da condição da mulher, como por exemplo, os julgamentos feitos pela sociedade em geral em situações simples. É o caso da postagem de 2010 - “Cinema sozinha no sábado à tarde – parte 1”:

Depois de uma longa deliberação comigo mesma, decidi que não tinha problema nenhum em ir ao cinema sozinha no sábado à tarde. Se fosse no domingo, tudo bem, seria deprimente. Mas ir ao cinema sozinha no sábado à tarde ainda é uma prática socialmente aceita. Ninguém iria me julgar. É claro que eu tinha amigos e talvez até mesmo um namorado. Acontece que naquela tarde, especificamente, eu tinha *optado* por ir ao cinema sozinha (KLEIN, 2010, grifo da autora).

Essa postagem viria mais tarde a se tornar o primeiro episódio da segunda temporada do seriado televisivo. No fragmento acima, vemos que Natalia Klein escreve sobre suas “deliberações consigo mesma”. Outro ponto notável é sua observação “Ninguém iria me julgar”. Ora, fazemos parte então de uma sociedade que julga, uma sociedade que mostra a necessidade de saber o que acontece com o outro e emitir juízos

de valor sobre suas ações retomando a ideia do sucesso dos reality-shows e programas do gênero.

### **3.5 A DEMANDA PELOS TEXTOS DE NATALIA KLEIN E A CHEGADA À PLATAFORMA TELEVISIVA**

O grande número de páginas na internet que permitem a criação de perfis virtuais, a popularidade dos reality shows, dos testemunhos, relatos de autoajuda indicam que há uma predileção pelos relatos de experiências pessoais expostas ao público e vivemos, portanto, em uma época que o espaço midiático privilegia gêneros que tratam do biográfico-vivencial.

Essa condição dos blogs de relacionar o texto a outras mídias deve-se, obviamente aos recursos disponíveis nessa ferramenta virtual, mas também porque possivelmente faça parte da contemporaneidade uma polifonia, que mescla gêneros textuais dentro de um mesmo gênero ou mesmo se busque uma graduação de suportes (blog para televisão ou rádio, para livro ou cinema). No caso de *Adorável Psicose*, essa legitimação ocorre quando o blog se transforma em seriado televisivo. Recentemente, Natalia Klein perguntou de maneira informal, em sua página do Facebook, como seria a recepção do público se lançasse um livro baseado nas postagens do blog.<sup>16</sup>

Os textos do blog *Adorável Psicose* trazem as opiniões de Natalia Klein sobre fatos e situações particulares e gerais, mas que sobretudo estão focadas no “eu” de quem alimenta a página com esses textos. O número de leitores ganhou proporções consideráveis, mas sobretudo, esses leitores eram, ao mesmo tempo, coautores do blog na medida em que deixavam registrados seus comentários e recebiam as respostas de Natalia Klein. Algumas postagens, inclusive, são decorrentes de comentários de leitores.

De certa maneira, ao deixar os comentários em um espaço reservado especialmente para isso, o leitor se torna coautor daquele texto. A subjetividade exposta naquela página não é apenas de quem escreveu o texto, mas também de quem deixou sua opinião. A participação do público na construção dos textos subjetivos chama a atenção considerando a questão da exposição “eu”. Nota-se que, ao ler e comentar uma postagem do blog, naquela página será, então, encontrada a exposição de “eus”.

---

<sup>16</sup> [https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=807598359297686&id=206503646073830](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=807598359297686&id=206503646073830)

O blog de Natalia Klein traz a visão de uma mulher sobre suas angústias, que acabam por serem as mesmas que as dos sujeitos contemporâneos, homens ou mulheres, passando pelo viés da comédia em uma página que é nada mais que uma exposição do “eu” por meio de textos subjetivos com toques de humor. O momento atual, marcado por mudanças contínuas, talvez gere nos sujeitos uma série de dúvidas decorrentes da inconstância, da falta de certezas, da quantidade de informações a que temos acesso (muitas vezes de fontes duvidosas). Natalia Klein questiona sua própria sanidade mental, chamando a si mesma de psicótica, depois, segundo ela mesma, de ser chamada assim por um amigo, pesquisar na internet e acreditar que sim, se enquadrava na enfermidade.

O próprio fato de a blogueira se “autodiagnosticar” como psicótica após uma pesquisa na internet fala por si. Na esfera pública ou privada, o final do século XX é marcado pela transfiguração de paradigmas identitários. O contexto sócio-histórico, responsável pela construção das identidades, atravessa nesse momento uma reformulação e está cercado por informações e tecnologias que se tornam obsoletas muito rapidamente. Antes que se conclua uma ideia, já existem novas circunstâncias a serem levadas em consideração, tornando o trabalho de definir qualquer coisa bastante difícil. É possível pensar inclusive o momento contemporâneo como a era da não-definição ou não-determinação, diferentemente de outras épocas, não pela falta de informações, mas pela enorme quantidade delas.

Entre os elementos que conformam a realidade contemporânea, pode-se dizer que alguns conceitos, como desconstrução e multiplicidade, se afirmaram nesse contexto apontando para um momento de rearticulações constantes tirando os sujeitos da zona de conforto na qual se tinham os elementos bem definidos e estabelecidos. Não está em pauta, neste trabalho, julgar se essas transfigurações são positivas ou negativas, pretende-se apenas analisar quais são seus desdobramentos dentro de textos que tratam das subjetividades femininas com o advento da internet. Percebendo que se convive com um desconforto, é comum que se recorra aos consultórios de psicologia a fim de aconselhamento, terapias alternativas, novas religiões e seitas, ou ainda, como no caso de Natalia Klein, realizar uma pesquisa na internet para tentar saber qual é de que mal está sendo acometido, ainda que o diagnóstico seja questionável.

Pode-se dizer que o sujeito contemporâneo tem dúvidas se sofre ou não de enfermidades psíquicas quando se preocupa com os relacionamentos e/ou fracasso deles. E não apenas no aspecto emocional, mas parece haver uma constante busca por respostas em vários âmbitos como o profissional, familiar e religioso. Pelo fato de viver em tempos

em que a realidade é “movediça”, com o abalo de quadros de referências, o sujeito contemporâneo também tem dificuldades em encontrar seu próprio “centro de gravidade”, um elemento que lhe dê equilíbrio. Em seu livro *O amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos*, Zigmunt Bauman fala sobre a necessidade de ajuda que os sujeitos contemporâneos tem:

Não admira que os “relacionamentos” estejam entre os principais motores do atual “boom do aconselhamento”. A complexidade é densa, persistente e difícil demais para ser desfeita ou destrinchada sem auxílio. [...] O que esperam ouvir deles é algo como a solução do problema da quadratura do círculo: comer o bolo e ao mesmo tempo conservá-lo; desfrutar das doces delícias de um relacionamento evitando, simultaneamente, seus momentos mais amargos e penosos; forçar uma relação a permitir sem desautorizar, possibilitar sem invalidar, satisfazer sem oprimir (BAUMAN, 2004, p. 09-10).

Pensando que, provavelmente, por essa constante instabilidade de conceitos advenha a instabilidade pessoal, a busca de si mesmo no outro vem a ser uma prática do sujeito contemporâneo. Daí a presença e o sucesso que fazem tantos programas televisivos e páginas na internet que privilegiam o pessoal, que tratam do subjetivo, que escancaram o privado, como se fosse possível, por meio da experiência alheia, aprender lições para a própria vida. Os blogs pessoais são, nesse sentido, uma forma de identificação para aqueles que o leem e, ao mesmo tempo, para quem escreve pode ser uma forma de extravasar, em tempo quase simultâneo à escrita, o que se sente:

As razões que levam as pessoas a escrever blogs são tão variadas quanto as que definem a escrita em outros meios: necessidade de expressão, desejo de compartilhar saberes, desejo de se integrar em uma comunidade, busca de reconhecimento, exploração criativa, terapia, participação política, defesa de interesses ou mera exposição (ORIHUELA, 2007, p. 07).

Por outro lado, quando se fala de extravasamento pela escrita, imediatamente, pode-se inquirir: “ora, se a questão é extravasar por meio do texto, não bastaria escrever um diário? Por que há a necessidade de colocar isso em rede?” Essas questões são apenas mais um paradoxo da contemporaneidade, pois ao abandonar o diário íntimo e escrever em um blog textos sobre suas experiências e impressões é dar-se a conhecer. O diário no papel estava sujeito a ser lido por outros que tivessem convívio direto com o diarista, ou seja, a intimidade do que estava escrito, e provavelmente guardado, poderia ser violada

no espaço privado. Na internet, não há mais esse espaço privado, a intimidade contida nos textos está à mostra, apenas esperando que algum leitor se interesse:

Esse desejo de ser lido, que foi durante muito tempo privado, se revela com a escrita íntima na internet. No entanto, é uma escrita íntima criada em novos termos, que não supõe um envolvimento pessoal com o público leitor, que vê o estranho como um aliado menos perigoso. [...] Como se expor sem o risco de rejeição direta? A resposta estava num público de desconhecidos, sem envolver os próximos (SCHITTINE, 2004, p. 64).

O sucesso do seriado no canal Multishow, com Natalia Klein como protagonista, mostra que o fenômeno da internet se refletiria na plataforma comunicacional televisiva. Notamos que ficção televisiva atua e interage em um contexto de múltiplas plataformas de disponibilização de conteúdo e experimenta novas possibilidades de alcance. O sucesso, segundo Natalia Klein, em depoimento no site da Rede Globo<sup>17</sup>, deve-se à troca estabelecida com público iniciada no blog, mas admite que o alcance do seriado via televisão é bem maior do que via internet. Segundo Guillermo Orozco, a linguagem televisiva tem um diferencial, uma vantagem sobre o texto escrito por ter um caráter denotativo:

A denotação permite que a linguagem televisiva possua, por sua vez um alto grau de verossimilhança. A TV, então, não somente tem a capacidade técnica de representar o acontecer social, mas também de fazê-lo verossímil, acreditável para os espectadores<sup>18</sup> (OROZCO, 1996, p. 34, tradução nossa).

A estreia do programa televisivo inspirado no blog *Adorável Psicose*, foi anunciado pela blogueira em 2010 e a primeira temporada contava, então, com cinco episódios. Para a série, Natalia Klein relata os fatos de sua vida para “doutora Frida” (personagem vivida pela atriz Juliana Guimarães), já que no blog seus confidentes eram os leitores. Em vários momentos da série o blog é mencionado, o que resultou em um movimento do público telespectador para público leitor. Retomando a ideia do seriado, doutora Frida é uma psicoterapeuta freudiana que atende semanalmente a psicótica e não

<sup>17</sup> Depoimento de Natalia Klein disponível em: <<http://globo.com/multishow/adoravel-psicose/v/natalia-klein-fala-sobre-adoravel-psicose-no-blog-e-na-tv/1913153/>>. Acesso em 12/12/2013.

<sup>18</sup> La denotación permite que el lenguaje televisivo posea a su vez un alto grado de verosimilitud. La TV, entonces, no solamente tiene la capacidad técnica de representar el acontecer social, sino también de hacerlo verosímil, creíble para los televidentes.

se acanha ao dizer que a protagonista será uma farta fonte de renda – fato que mostra que o caráter humorístico que se manteve na transposição do blog para o seriado, ainda que não haja interação direta com o público.

No ano seguinte, o número de episódios da segunda temporada foi para dezesseis, a temporada de 2012 contou com 13 episódios e em 2013 foram 11 episódios no total. Natalia Klein é a protagonista da série, além de escrever o roteiro e, paralelamente, alimentar o blog. Alguns personagens são fixos como a doutora Frida e o porteiro de seu prédio, Gilvanchir (Gerson Lobo) e dois amigos seus Carol (Carol Portes) e Diogo (Raoni Seixas). A partir da segunda temporada, entra o personagem Cara de bigode, também grafado como Karad Bigode no blog (Lucas Oradovschi) com quem Natalia Klein se casa “sob o efeito de entorpecentes” na última temporada da série.

Dessa maneira, criando um ambiente descontraído, ou melhor dizendo, “psicótico”, Natália Klein recebe o convite para transformar o seu blog em série televisiva. Havia já algumas postagens de Natália indicando que o blog se tornaria uma série, porém, quando a notícia torna-se oficial, é comunicada aos leitores do blog de maneira irreverente na postagem “Feliz Sexta-feira 13!” em agosto de 2010: “Agora já posso contar! Senhoras e senhores, leitores psicóticos, após muitas reviravoltas, eis o que todos (eu, minha mãe e minha tia-avó) esperavam: **"Adorável Psicose", a série, estreia em outubro no Multishow!** Tô tão feliz que mal caibo em mim” (KELIN, 2010, grifo da autora).

Apesar de *Adorável Psicose* ter se tornado uma série televisiva, as postagens até 2013 continuam frequentes e interagindo com o público, inclusive pedindo sugestões sobre quais textos deveriam ter sua versão televisionada. Com a chegada do seriado, houve dois movimentos: os leitores tornaram-se telespectadores e ao mesmo tempo, ao tomar conhecimento que a série vinha do blog, muitos telespectadores se tornaram leitores. É preciso atentar, no entanto, para a diminuição de postagens no blog com o passar do tempo. Sobre isso, a própria blogueira fala sobre o declínio do projeto:

Acredito que o blog tenha vindo com questões relevantes o suficiente para que a produção de um programa de TV fosse viável. O tema era legítimo, eu tinha propriedade para falar do assunto, e acho que isso faltava um pouco na época. Não tem sentido fazer uma série sobre as desventuras amorosas de uma jovem mulher escrita por uma redação cheia de caras de meia idade. Ter chegado até a TV foi a melhor coisa que me aconteceu até então. Eu conquistei minha independência

financeira, passei a ter mais segurança no meu trabalho, autoconfiança. E a partir daí se inicia o declínio do próprio projeto. Porque aos poucos eu fui me tornando tudo aquilo que a Natalia da ficção não era.

A respeito do blog atrair tantos leitores e da série, tantos telespectadores, deve-se, possivelmente, ao tema mais recorrente na série e no blog: a publicização do “eu” e incerteza sobre o amanhã, ter um possível envolvimento com alguém que dure mais que uma noite ou algumas horas. Na verdade, são bastante comuns no contexto atual relações sem maiores envolvimento e isso deve-se ao fato de que, segundo Bauman (2004, p.22), vemos as pessoas como objetos de/para consumo:

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço.

Observando o conteúdo das postagens de Natália, podemos perceber que a personagem representa os sujeitos contemporâneos reféns de um contexto, no qual há um objetivo a ser alcançado a todo custo: ela não está apaixonada por alguém, ela quer encontrar alguém e, mais que *ser* amada, ela quer *ter* um relacionamento. Erich Fromm (1966, p.70) fala sobre a dissolução da dignidade humana quando aponta que “a pessoa não se preocupa com sua vida, sua felicidade, mas em tornar-se vendável”, o que mais uma vez vai ao encontro das ideias de Bauman (2004, p. 28) quando diz que condicionamos as pessoas e os relacionamentos a mercadorias:

Consideradas defeituosas ou não "plenamente satisfatórias", as mercadorias podem ser trocadas por outras, as quais se espera que agradem mais, mesmo que não haja um serviço de atendimento ao cliente e que a transação não inclua a garantia de devolução do dinheiro. Mas, ainda que cumpram o que delas se espera, não se imagina que permaneçam em uso por muito tempo. [...] Alguma razão para que as parcerias sejam consideradas uma exceção à regra?

Sobre a criação do blog, Natália Kelin vai dando aos poucos pistas sobre seu surgimento. A primeira vez que escreve um post sobre isso é em 16 abril de 2009 em uma postagem única, em poucas frases, parodiando as advertências do Ministério da Saúde. A

postagem, denominada “Ministério da Psicose Adverte” traz os seguintes dizeres: “Este é um blog autobiográfico de ficção. Qualquer semelhança com a realidade terá sido proposital, embora não haja nenhuma garantia sobre a veracidade das informações aqui contidas. Levar esses textos a sério causa impotência sexual” (KLEIN, 2009).

Ainda que algumas postagens comentem notícias relevantes na época, o cerne das postagens está ligado intimamente à questão do “eu” da autora. Natália dá sua opinião e/ou fala sobre o impacto de notícias em sua vida, retomando assim, a questão da publicização do “eu” exposto na “vitrine virtual”: questões gerais são comentadas ao passar pelo filtro de uma mulher (psicótica, segundo ela mesma) que faz apontamentos e questionamentos, sobre os quais o público tem a oportunidade de opinar, concordando ou discordando e formando, assim, essa nova geração de leitores, a qual a internet possibilitou um câmbio na relação autor-obra-leitor.

Sem pretensões de chegar a ser conhecida pela qualidade estética de seus textos, Natalia Klein aventura-se, em seu blog, a escrever sobre a própria vida, numa tentativa de extravasar o que sente e compartilhar momentos de pequenas vitórias e derrotas diante de situações diversas. Ajudada pelo contexto contemporâneo no qual a publicização do “eu” está em voga, tornou-se uma prática de êxito postar textos em uma página da internet sobre os ocorridos na vida particular, sobretudo quando outras pessoas se reconhecem nessas postagens.

Natalia Klein (psicótica ou não) é, sem dúvida, uma blogueira de sucesso e uma roteirista que soube dar um tom de humor às mazelas vividas cotidianamente por ela mesma e às quais seu público possivelmente se sente sujeito a vivenciar em termos emocionais. Somada às facilidades que a internet oferece àqueles que usam suas ferramentas para escrever, a página < <http://www.adoravelpsicose.com.br/> > mostra de várias maneiras que é amostra e resultado do contexto em que vivemos: inicialmente porque os textos são de autoria feminina, depois, pelos temas dos textos que trazem à tona a fragilidade dos laços humanos e o meio pelo qual esses textos se deram a conhecer.

Percebe-se, então, que há a demanda por reflexões sobre relacionamentos e (a fragilidade das) relações humanas, que incluem a publicização do “eu”, o que fez com que o programa tivesse uma recepção bastante positiva por parte dos espectadores: a busca da personagem por sessões de terapia (no seriado) e os desabafos da pessoa Natalia em seu blog, sua preocupação com a solidão e com “ser uma psicótica”, mostram a necessidade de ajuda para a compreensão das dificuldades em relacionar-se com o outro num contexto de objetificação e descarte do ser humano. O assunto principal do blog e

do seriado é a busca de Natalia por um relacionamento, suas expectativas e ansiedades gerando conseqüentemente frustrações e desilusões compartilhadas pelo prisma da comédia. A criação de uma esfera humorística no tom dos textos do blog será um ponto discutido mais adiante, também como uma tentativa de “alívio” do sujeito contemporâneo ao narrar sua vida nesse contexto permeado pela dinamicidade (ou efemeridade) presente nas (tentativas de estabelecer) relações e criar laços.

Além disso, fora do contexto cibernético, também como já foi mencionado neste trabalho, o interesse por textos de cunho pessoal é algo antigo, com exemplos dentro da literatura universal, ou ainda, vemos esse fenômeno em gêneros contemporâneos, como é o caso de matérias de revistas de fofocas. Com o advento da televisão e da internet esse interesse passou a ser consumido não apenas na forma do texto escrito, mas também por meio da imagem, do som e, ao mencionar as redes sociais, podemos incluir a noção de protagonismo: é ao tratar da liberdade de expressão oferecida pela internet que grupos de menos prestígio na sociedade agora têm voz ativa e podem vir a se tornarem reconhecidos, ainda que esse reconhecimento seja local.

Por outro lado, tão velozes são os avanços tecnológico que, ao iniciar a presente pesquisa, o blog *Adorável Psicose* ainda recebia postagens regularmente e a série ainda estava no ar no canal Multishow. Atualmente, Natalia Klein se dedica a outros projetos relacionados com o humor. A maioria dos blogs que permanecem recebendo postagens regularmente são aqueles vinculados a jornais e revistas. No quesito entretenimento, blogueiros não tem a mesma popularidade, já que atualmente as estrelas do ciberespaço são os “youtubers”, nome dado a quem em vez de se expressar postando textos em um blog o faz criando um canal na página (<https://www.youtube.com/>) para postar vídeos.

É possível afirmar que há uma nova maneira de expressar a subjetividade na rede e que não está mais relacionada necessariamente à escrita. O canal “5inco minutos” da youtuber Kéfera Buchmann, é uma prova de que o público-leitor agora é espectador (e o mesmo vale para falar do autor, que agora é youtuber (ou seria melhor dizer “vlogueiro”?). Kéfera acaba de lançar o livro *Muito mais que cinco minutos*, que foi o *best-seller* da Bienal do Livro do Rio de Janeiro. De acordo com a autora (2015, p. 137) “Vlog é tipo um blog. Só que em vídeo. :)” Natalia Klein e Kéfera Buchmann são mulheres que expõem sua intimidade na rede, cada uma a seu modo: enquanto *Adorável Psicose* trazia as desventuras de Natalia por meio de textos, imagens e algumas sugestões de vídeos para ilustrar as situações vividas pela autora, Kéfera fala diretamente para uma câmera. Em ambos os casos, o humor é uma constante, há uma “publicização” do eu e a

temática é bastante similar no sentido de que são impressões de mulheres sobre o mundo que as cerca.

Observamos, então, textos em rede que se tornaram uma série televisiva e vídeos em rede que se tornaram um livro. A versão em vídeo de *Adorável Psicose* e o lançamento do livro *Muito mais que cinco minutos*, por sua acolhida pelo público, mostram que as narrativas de si não perderam espaço para os vídeos, mas que as novas tecnologias podem ser aliadas e que existe um mercado bastante prolífico (aliás, parece que sempre ter existido) quando o que está em jogo é a intimidade, o tom confessional, sobretudo se feitos com muito humor.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou tratar da importância do ciberespaço para a escrita subjetiva em textos escritos por mulheres. As narrativas do eu consistem definitivamente em um exercício da subjetividade (sejam elas públicas ou não). Para abordar o assunto recorremos a dados históricos e contemporâneos relacionados ao lugar da mulher na sociedade, a estudos sobre a literatura feita por e para mulheres, bem como a influência do meio de veiculação de produções literárias. Durante a elaboração deste trabalho, procuramos sempre nos manter fieis à proposta inicial, visto que o tema é bastante amplo. Assim, nosso objetivo foi levantar algumas teorias existentes e aplicá-las ao nosso objeto de estudo, o blog *Adorável Psicose*, de Natalia Klein. Entre outras circunstâncias, o estilo de escrita da autora acabou resultando em um convite para que houvesse uma adaptação dos textos do blog para a televisão

A análise do blog selecionado mostrou uma verdadeira transformação no que diz respeito à questão da subjetividade em si. Não mais um terreno restrito, da introspecção e do segredo, agora a subjetividade ocupa lugar sob os holofotes de uma exposição generalizada. Ao mesmo tempo, devido aos avanços resultantes de lutas ao longo de muitos anos, a consciência do sujeito mulher também está se reconfigurando. É inegável que identidades estão sempre em construção e, na sociedade contemporânea, em que existem rearticulações constantes, são inúmeras as motivações para o desenvolvimento, expressão e exposição de identidades multifacetadas.

Como já foi dito na introdução desse trabalho, os temas envolvidos consistem em um problema devido ao caráter mutável que possuem e a falta de consenso que paira sobre eles, como é o caso de que textos devem ou não compor o cânone. Os avanços tecnológicos possibilitaram um novo meio para expressar práticas não tão novas, considerando que os relatos autobiográficos, a escrita subjetiva, a leitura em grande número e a interação com o leitor não consistem em algo inédito na literatura. Questões relacionadas à esfera do “público/privado” são as que apresentam mudanças mais significativas na chamada “era digital”.

No primeiro capítulo desse trabalho nos concentramos inicialmente na figura do leitor. As práticas literárias antes e depois do advento da internet e o problema da ficcionalidade e da construção literária também fazem parte dessa primeira parte do nosso trabalho a fim de buscar as origens da leitura em grande número e da interação entre

leitores e escritores. Foi justamente a interação entre os leitores de *Adorável Psicose* que fez o blog ter repercussão e finalmente uma versão televisiva em forma de seriado.

No segundo capítulo, vimos que o meio digital serviu como um instrumento que oferece experiências libertadoras para as mulheres e para demais grupos sociais menos prestigiados desde o ponto de vista do cânone literário. Discutimos a prática de expressar a subjetividade por meio da escrita (antes secreta) nos diários íntimos (e agora de maneira aberta) nos blogs: as mulheres autoras de narrativas subjetivas na rede constroem-se, portanto, como sujeitos que expressam seu olhar sobre fatos de seu cotidiano ou sua intimidade. Essas narrativas são relevantes se pensarmos que em outro momento histórico essas produções dificilmente chegariam a um grande número de pessoas. É nessa parte do trabalho que também verificamos a evolução da *chick-lit* e sua ligação com a indústria editorial.

Ao longo de todo trabalho tentamos relacionar o blog *Adorável Psicose* a teorias acerca da relação autor-obra-público e entendê-lo como consequência de processos históricos e das contingências do contexto contemporâneo. No entanto, no terceiro capítulo demos atenção especial a um aspecto muito presente nos textos de Natalia Klein: o humor. Por meio de um breve resgate histórico, foi possível verificar que a história da mulher e do riso coincide em vários pontos. Nesse sentido, um blog de humor escrito por uma mulher merece atenção e, como manifestação literária na internet, pode legitimamente ser objeto de estudos acadêmicos.

Acreditamos que a contribuição deste trabalho esteja na documentação e discussão dos aspectos que envolvem a escrita subjetiva feminina na internet. Ao mesmo tempo, por fazer um recorte, escolhendo o blog de humor *Adorável Psicose* como objeto de estudo, temos a consciência de que esta pesquisa não engloba todos os aspectos relativos à escrita feminina. Na verdade, não tínhamos tal pretensão, considerando a extensão do tema. No entanto, pode-se dizer que algumas questões foram validadas a partir da análise da relação entre os elementos propostos ao longo da dissertação. Em primeiro lugar, verificou-se que a mera existência de um blog de humor escrito por uma mulher e que tem relativa expressividade junto ao público consiste na representação do empoderamento feminino. Em segundo lugar, os textos do blog *Adorável Psicose* parecem refletir o sentimento de muitos sujeitos da contemporaneidade – a acolhida do público e a versão televisiva são uma prova disso. Em terceiro lugar, a (quase) extinção das postagens e queda no número de acessos, ou seja, o declínio do blog, acaba por confirmar o caráter movediço do mundo digital.

É curioso pensar que enquanto leituras eram realizadas a fim de analisar o blog *Adorável Psicose* (inclusive leituras que dizem sobre a efemeridade em tempos recentes), outras mídias sociais surgiram e a ferramenta “blog” passou a dividir o (ciber)espaço com redes sociais que permitem interação mais dinâmica e não são necessariamente baseadas na escrita. Pode-se concluir que as narrativas de si estão longe de perder sua popularidade: os veículos (texto ou vídeo) podem mudar, mas a preferência do público por produções que privilegiam a subjetividade permanece.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ALENCAR, José. *Como e por que sou romancista*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1998.

ARAÚJO, M. M. de Melo. *A Voz feminina nas pastorelas galego-portuguesas*. In: Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura\_ / V Seminário Internacional Mulher e Literatura. 2012, ISSN 2238-0787.

ARFUCH, Leonor. (Auto)biografia, memoria e historia. *Clepsidra. Revista Interdisciplinaria de Estudios sobre Memoria*, 1 (março 2014): p. 68-81.

ÁVILA, Simone Moreira. *A construção da subjetividade feminina na obra literária de Francisca Clotilde, Emília de Freitas e na revista "A Estrella" (1899-1921)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (PPHIS) da Universidade de Brasília, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido – Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. de Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOOTZ, Philippe. *The Problematic Of Form Transitoire Observable, A Laboratory For Emergent Programmed Art*. 2005. Disponível em: <<http://www.dichtung-digital.de/2005/1/Bootz/index.htm>>. Acesso em: 25 maio 2015.

BOSI, Eclea. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Oeiras: Celta, 1999.

BOWRING, Richard. *Murasaki Shikibu: Her Diary and Poetic Memoirs*. Princeton: Princeton U P, 1982.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1ª ed., 2003.

- CAMPELLO, Eliane. *Cinquenta tons: "It's a love story!"* Anu. Lit., Florianópolis, v.18, n. esp. 1, p. 229-254, 2013. ISSN 1414-5235.
- CASTRO, Susana de. A problemática da identidade representacional do gênero feminino. In: *Kalagatos – Revista de Filosofia do Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE*, Fortaleza, nº 6, 2006.
- CERQUEIRA, Carla; RIBEIRO, Luísa Teresa e CABECINHAS, Rosa. *Mulheres & Blogosfera: contributo para o estudo da presença feminina na "rede". Ex aequo* [online]. 2009, n.19, pp. 111-128. ISSN 0874-5560.
- CHATIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.
- COELHO, Nelly Novaes. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.
- CORRÊA, A. A. (Org.). *Ciberespaço: mistificação e paranóia*. Londrina: UEL, 2008.
- CORRÊA, Regina M. A. “De Anjos Virtuais e Reais: Mistificação, Paranoia ou uma Questão Cultural?” In: CORRÊA, A. A. (org) *Ciberespaço: mistificação e paranóia*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.
- \_\_\_\_\_. “Literatura, Texto e Hipertexto” In: *Terra roxa e outras terras*. Vol. 8. Londrina, 2006.
- CRESCÊNCIO & MELLO DUARTE, L. Constância. *Feminismo e Literatura no Brasil*. Estudos avançados. Volume 17, número 49. São Paulo: Setembro/Dezembro. 2003.
- ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.
- ESCOSTEGUY, A. C. D. (Org.). *Comunicação e gênero: a aventura da Pesquisa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. Disponível em <<http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>> ISBN 978-85-7430-771-8
- FOUCAULT, Michel. (1995). O sujeito e o poder. In: H. L Dreyfus; P. Rabinow. *Uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*. (Tradução de V. P. Carrero) São Paulo: Forense Universitária. p. 231-49.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Portugal: Veja/Passagens, 2002.
- FRANK, Anne. [Por Otto H. Frank e Mirjam Pressler]. *O diário de Anne Frank*. Trad. Alves Calado. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2013.
- FROMM, Erich. *Análise do Homem*. Trad. de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEWITT, Hugh. *Blog: entenda a revolução que vai mudar o seu mundo*. Trad. de Alexandre Martins Morais. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007.

KERMODE, Frank. Institutional Control of Interpretation, *Salmagundi* 43 (1979): p. 72–87.

KLEIN, Natália. *Adorável Psicose* [Blog da internet]. Consultado em 14/10/2013. Disponível em: <<http://www.adoravelpsicose.com.br/>>

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida para este trabalho em 19/10/2015.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LAKOFF, Robin. Linguagem e lugar da mulher. (1973) In: Lakoff, Robin et al. *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

LAPA, M. Rodrigues. *Lições de Literatura Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora, 1966.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo, Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. *As tecnologias da inteligência*. Trad. Carlos Irineu Costa. Rio de Janeiro: 34, 1993.

LOBO, Luiza. *Segredos públicos: os blogs de mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MACEDO, J. Rivair. *A mulher na Idade Média*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MAGNABOSCO, G. Garcia. O blog como um hipergênero constelar. *Revista Linguagem* – 15º Edição. ISSN: 1983-6988. Disponível em: <[www.lettras.ufscar.br/linguasagem](http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem)>. Acesso em: 22/04/2015

MATOS, Adriana Doria. Escritores de blogs: a web como espaço de criação e discussão sobre literatura. In: *Hipertextus*, vol. 3, 2009. Disponível em:

<<http://www.hipertextus.net/>>. Acesso em: 16/03/2015

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1979.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Trad. de Maria Helena O. Ortiz Asumpção. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. *Diários públicos, mundos privados*. Diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações contemporâneas. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002, 214f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea), Universidade Federal da Bahia, Salvador: BH, 2002.

ORIHUELA, José Luis. Blog e blogosfera: o meio e a comunidade. In: Octavio I. Rojas Orduña et al. *Blogs: revolucionando os meios de comunicação*. São Paulo: Thomson, 2007.

OROZCO, Guillermo G. *Televisión y audiências: um enfoque qualitativo*. Madrid: Ediciones de La Torre, 1996.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PESSOTTI, Isaias. *A Loucura e as Épocas*. Rio de Janeiro: 34. 2 ed, 1994.

PROPP, Vladímir. *Comicidade e Riso*. Trad. de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

RIOT-SARCEY, Michelle. Poder(es). In: *Dicionário crítico do feminismo*. HIRATA, H. et al. (orgs). – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

RODRIGUES, Catarina. *Blogs: uma ágora na net*. Disponível em: <[www.labcom.ubi.pt/agoranet](http://www.labcom.ubi.pt/agoranet)>. Acesso em: 21/06/2015.

RYAN, Mary. “A Feminism of Their Own?: Irish Women’s History and Contemporary Irish Women’s Writing.” *Estudios Irlandeses*, Number 5, 2010, pp. 92-101. ISSN 1699-311X

SANCHES NETO, Miguel. *O lugar da literatura: ensaios sobre a inclusão literária*. Londrina: Eduel, 2013.

SANTA, Everton Vinicius de. *Práticas de literatura na internet: a nova figura do autor em meio digital*. 2011, 141 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

SANTAELLA, Lúcia. *Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano*. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 22, pp 23-32, dezembro, 2003.

\_\_\_\_\_. *Navegar no ciberespaço*. O perfil do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

\_\_\_\_\_. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, R. *Os Novos Media e o Espaço Público*, Lisboa: Gradiva, 1998.

SIBILIA, P. *O show do eu: subjetividade nos gêneros confessionais da Internet*. 2007. 240f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SEGUNDO et. al. *A atividade de concretização do(a) leitor(a) implícito(a) na estrutura narrativa: um estudo do folhetim "Laurentina"*. Cad. Pesq., São Luís, v. 14, n. 2, p.24-38, jul./dez. 2003.

SILVA, Antonio de Pádua Dias. Ainda sobre a escrita feminina: em que consiste a diferença? In: *Interdisciplinar*. ano 5, v. 10, jan-jun de 2010 – ISSN 1980-8879 | p. 29-43.

SILVEIRINHA, Maria João. *A conformação das identidades nas democracias liberais. Comunicação e mediações sociais*. Texto policopiado, Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2001.

SODRÉ, Muniz. *Best-seller: a literatura de mercado*. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

VIEGAS, Ana Cláudia. *O “eu” como matéria de ficção - o espaço biográfico contemporâneo e as tecnologias digitais*. Texto Digital, Florianópolis, v. 4, n. 2.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/14061/12928>>. Acesso em: 07/07/2014

WOOLF, Virgínia. *A room of one's own*. Londres: Penguin, 2007.

ZILBERMAN, R. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989

\_\_\_\_\_, R. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC, 2000.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – Entrevista Natalia Klein

1. O quanto da Natalia (pessoa) está presente no blog e a série “Adorável Psicose”? Autora e personagem se mesclam em que proporção?

A série começou em cima do blog, mas depois de um tempo ganhou fôlego próprio e passou a não necessariamente ser um espelho da minha vida. Já o blog sempre teve bastante de mim. Quando releio textos antigos, fico até um pouco constrangida. Não pela qualidade do material publicado, mas pela total ausência de filtros. Não sei se hoje conseguiria me expor da mesma forma. Acho que aquele foi um momento muito particular da minha vida e fico feliz de tê-lo compartilhado com outras pessoas.

2. Como se dá o processo de criação para os textos do seu blog? *Adorável Psicose* é um projeto já finalizado ou podemos esperar alguma sequência?

O blog “Adorável Psicose” foi um projeto muito pessoal, que tratava de um período específico da minha vida. Era um momento em que eu estava com 25 anos e minha vida profissional e amorosa caminhavam de maneira muito diferente da forma como eu havia idealizado. Posso retomar o projeto a qualquer momento, mas nunca será o mesmo, porque eu não sou mais a mesma. E nem os leitores são os mesmos. Assim como eu, eles também amadureceram. E o *Adorável Psicose*, da forma como foi concebido anos atrás, se tornou uma memória, algo quase saudosista. Todos nós, eu e os leitores, temos uma relação com esse projeto que vai além blog, além do programa de TV, além de algo concreto. Ele marcou uma etapa importante das nossas vidas. Voltar a fazer aquele mesmo blog ou aquela mesma série já não faz mais sentido. Se eu decidir voltar com o projeto, preciso repensar algumas coisas.

3. O blog *Adorável Psicose* é um blog de humor? Você o enquadraria em algum gênero de escrita?

Era um blog de humor, mas muitas vezes sem querer. Falava de coisas sérias e que me entristeciam profundamente, como desilusões amorosas, frustrações diversas. Só que dependendo de como você aborda esses assuntos, pode soar engraçado. As pequenas tragédias humanas são hilárias, são como as videocassetadas. As pessoas gostam de rir das desgraças alheias. E eu fazia graça das minhas próprias.

4. Devido à natureza dos blogs, o público funcionava como um termômetro para as postagens? Em que medida?

A razão do blog ter feito um certo sucesso é porque eu escrevia o que bem entendia. Claro que o feedback é relevante, especialmente na Era digital, mas quando a gente começa a se preocupar demais com o que o leitor quer, deixa de produzir de maneira espontânea e passa simplesmente a atender uma demanda.

5. Outros blogs serviram de referência para o *Adorável Psicose*? Quais autores (literários e de blogs) são referência para o seu trabalho?

Não lembro de ter me baseado em outros blogs, mas sempre tive como referência de humor Seinfeld, Larry David, Woody Allen, David Sedaris, Sarah Silverman, dentre outros. E outras.

6. A que você atribui o sucesso do seu blog a ponto de chegar a se tornar uma série de televisão? Quais são as vantagens e desvantagens da chegada à plataforma televisiva?

Acredito que o blog tenha vindo com questões relevantes o suficiente para que a produção de um programa de TV fosse viável. O tema era legítimo, eu tinha propriedade para falar do assunto, e acho que isso faltava um pouco na época. Não tem sentido fazer uma série sobre as desventuras amorosas de uma jovem mulher escrita por uma redação cheia de caras de meia idade. Ter chegado até a TV foi a melhor coisa que me aconteceu até então. Eu conquistei minha independência financeira, passei a ter mais segurança no meu trabalho, autoconfiança. E a partir daí se inicia o declínio do próprio projeto. Porque aos poucos eu fui me tornando tudo aquilo que a Natalia da ficção não era.

7. Seu blog tinha/tem algum objetivo junto a causas feministas? A escrita feminina na internet resulta automaticamente em um ato feminista no sentido de dar voz às mulheres? Você se enquadra ou apoia algum movimento feminista? Qual sua opinião sobre eles?

Só pelo fato de ser uma mulher, escrevendo um projeto sobre mulheres e desbravando um mercado tão cheio de preconceitos e estereótipos, acabo sendo automaticamente feminista. É algo intrínseco, mas que não foi necessariamente intencional.

8. Em algum momento você sente ou sentiu dificuldades para trabalhar com o humor por ser mulher? Como isso acontece ou aconteceu?

Nunca senti essa barreira, mas a discrepância de salários existe. E a discrepância de idades também. Um comediante de 50 anos pode ser tranquilamente o protagonista de um filme ou seriado, mas uma mulher de 50 vai ser no máximo a mãe ou a coroa enxuta da história – salvo raríssimas exceções. É um mercado bem injusto, mas que não se restringe ao humor.

9. Você acredita que para a mulher é mais difícil fazer humor? Explicando: “humor e sex appeal” podem andar juntos ou a sensualidade fica “apagada” em função do “fazer humor”? Vimos a presença de mulheres nos programas de humor – desde os programas do “Viva o Gordo” e no antigo “Zorra total” - frequentemente como um objeto decorativo, com poucas ou nenhuma fala e muitas vezes (muitas mesmo) de maneira apelativa. Nesse sentido, você acredita que estamos vivendo um novo momento para a mulher no cenário humorístico? Você se considera uma pioneira?

Na quarta temporada de Adorável Psicose, que foi ao ar em 2013, eu havia engordado alguns quilos. Foi a primeira vez que me bateu uma crise braba de autoestima no set de filmagem. As roupas que costumavam caber, já não entravam, a figurinista me chamava atenção. Eu automaticamente me comparava com outras atrizes mais magras e me sentia feia. Foi quando eu entendi de uma vez por todas: quando se trata de comédia, ou você foca em ser gatinha ou você foca em ser engraçada. Não que uma atriz bonita não possa ser engraçada, não é isso. E, na real, todas nós queremos ser gatinhas, vide Amy Schumer com os decotes e as pernocas de fora - e ela é uma das comediantes mais engraçadas da atualidade. Mas acaba sendo uma questão de prioridades, de colocar seu corpo, sua cara, seus pontos fortes e fracos em função da comédia. É abrir mão de certas vaidades, em certos momentos, em prol de algo maior.

10. Em algumas ocasiões, o humor esbarra no chamado “politicamente correto”. Existe humor fora do politicamente correto? Como você vê isso dentro do cenário humorístico na sociedade brasileira?

Ricky Gervais disse uma vez: “The subject of a joke isn’t necessarily the target of the joke. You can make jokes about race without any race being the butt of the joke. Racism itself can be the butt, for example. When dealing with a so-called taboo subject, the angst and discomfort of the audience is what’s under the microscope. Our own preconceptions and prejudices are often what are being challenged. I don’t like racist jokes. Not because they are offensive. I don’t like them because they’re not funny. And they’re not funny because they’re not true. They are almost always based on a falsehood somewhere along the way, which ruins the gag for me. Comedy is an intellectual pursuit. Not a platform.” Eu concordo com ele.